



-R-

ISABEL MARIA DO NASCIMENTO SIMÕES FERREIRA

WILLIAM JULIUS MICKLE:
UM TRADUTOR, UM INTÉRPRETE



Dissertação de Mestrado em Estudos
Anglo-Portugueses, apresentada na
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas da Universidade Nova de
Lisboa.

38301

Lisboa

1988

À Ninocas

AGRADECIMENTO

Esta dissertação deve-se à conjugação de vários esforços e ajudas, sem os quais eu não a poderia ter realizado. Por isso, gostaria antes de mais de dirigir um agradecimento especial a todos aqueles que - de um modo ou de outro - possibilitaram a elaboração deste trabalho.

À Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa - orientadora desta dissertação - devo a sugestão do tema, uma orientação atenta e estimulante e, como se isto já não bastasse, aquela amizade espontânea que nos sabe escutar e dar ânimo.

À Professora Doutora Maria Leonor Carvalhão Buescu fico grata pela atenção e solícitude com que sempre me atendeu.

Gostaria igualmente de salientar o apoio económico prestado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, de que fui bolsreira durante dois anos, bem como o da Fundação Calouste Gulbenkian e o do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa que me permitiram realizar investigação em Londres.

A disponibilidade da Dra. Maria Eugénia Penteado para me enviar de Inglaterra algum do material bibliográfico de que necessitei merece também o meu sincero apreço.

Finalmente, mas não com menos veemência ou reconhecimento, quero expressar a minha profunda gratidão à minha família - aos meus Pais e ao meu Marido, em particular, por terem sabido proporcionar-me um clima de tranquilidade e bem-estar sem o qual este tipo de trabalho não poderia ter sido levado a bom termo.

I - INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no âmbito das investigações levadas a cabo num dos Seminários do Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, durante os anos lectivos de 1984/85 e 1985/86, onde esteve em foco Camões e a projecção da sua obra em Inglaterra. (1)

Com efeito, a camoniana inglesa ergue-se sobre o quadro geral das relações histórico-culturais e literárias entre Portugal e o nosso mais velho aliado pelo número, diversidade e riqueza temática dos contributos prestados por alguns dos cidadãos britânicos que, ao longo de vários séculos, de um modo ou de outro, demonstraram o seu apreço pelo nosso Épico, sob a forma de traduções, monografias, poemas laudatórios, ensaios ou artigos.

Neste domínio, o estudo das traduções de Os Lusíadas em língua inglesa assume, quer queiramos quer não, um lugar de inegável primazia. A tradução é, sem dúvida, como de resto o tem sido sempre, um dos agentes mais fecundos na divulgação e perpetuação do renome da obra de certos vultos literários além-fronteiras, desempenhando, assim, uma das suas funções mais importantes, enquanto fenómeno intercultural. A análise da recepção e da projecção de Camões em Inglaterra não escapa, como é óbvio, a essa actividade secular. Antes pelo contrário, esse estudo inicia-se com ela.

A publicação da primeira tradução inglesa de Os Lusíadas, em 1655, por Sir Richard Fanshawe é, pois, um facto histórico de interesse assinalável, mormente por ter dado início a uma

série de traduções da Epopeia em língua inglesa, a saber: a de William Julius Mickle, em 1776, a de Thomas Moore Musgrave, em 1826, a de Richard Harris, em 1844-45 (2), a do australiano Sir Thomas Livingston Mitchell, em 1851, a de Edward Quillinan, em 1853 (3), a de John James Aubertin, em 1878 (4), a de Robert Ffrench Duff, em 1880, a de Sir Richard Francis Burton, em 1880, a de James E. Hewitt, em 1881, 1883 (5), a de Mortimer Tait, em 1932 (6) , a do norte-americano Leonard Bacon, em 1950, a de William C. Atkinson, em 1952 (7), e, por último, a do rodesiano Hugh Finn, em 1972. (8)

Não se sabe ainda hoje ao certo em que altura ou em que lugar Sir Richard Fanshawe conheceu Os Lusíadas. Porém, tudo nos leva a crer, de acordo com os testemunhos apresentados pelos estudiosos e biógrafos que sobre o assunto se debruçaram, que esse acontecimento se teria dado aquando da sua estada em Madrid, onde desempenhou funções diplomáticas a cargo do embaixador Lord Aston, como seu secretário, em 1635 e, mais tarde, como Encarregado de Negócios, a partir de 1638.

Recorde-se, aliás, que nesse período existiam em circulação várias edições do poema camoniano em Madrid, não só em castelhano, como também em português, de entre as quais se destaca a edição comentada por Manuel Faria e Sousa, que aí publicara em 1639 Lusiadas de Luis de Camoens, Príncipe de los Poetas de España. Geoffrey Bullough declarou-se convicto de que esta fora a edição na qual Fanshawe se baseara para verter Os Lusíadas em inglês. Contudo, isto só vem a acontecer posteriormente, entre 1653-54, quando Fanshawe se viu obrigado a ir residir, por motivos políticos, em Tankersly Park, no

Yorkshire.

Todavia, o que importa aqui realçar é que a tradução deste erudito e diplomata inglês (9) esteve muito aquém de alcançar a fama que ele porventura desejaria, ainda que, ao que parece, ele a tenha feito por puro diletantismo. A sua repercussão a nível cultural foi de tal modo ténue e efémera que os poucos ingleses que, no decorrer do segundo e terceiro quartéis do século seguinte, quiseram ler o nosso Épico, tê-lo-iam feito, segundo Fernando de Mello Moser, por intermédio da tradução francesa de Duperron de Castera, de 1735, como efectivamente acabou por acontecer com William Julius Mickle, dado o carácter hegemónico que a cultura francesa começou a assumir, após a Restauração da Monarquia, em 1660.

De facto, a tradução de Sir Richard Fanshawe, para além do círculo restrito dos seus amigos literários, composto por Sir John Denham, Waller, John Evelyn e Sir Peter Wyche, parece ter produzido pouco impacto na opinião pública, que continuou a não se interessar por Camões. As referências posteriores que surgem à sua obra são muito escassas e concisas e nem sempre se revestem de um intuito encomiástico. John Dryden (10) critica o nosso Poeta por ter misturado duas espécies de maravilhoso, e Voltaire (11) faz algo de idêntico, embora a par da crítica demolidora tenha introduzido alguns juízos de valor positivos.

A medida que Fanshawe escolheu para verter o nosso Épico em inglês - a oitava rima - então em fase de decadência, bem como

a inexistência de qualquer tipo de notas que facilitassem a leitura do poema, também em nada abonaram a favor do êxito da sua tradução. The Lusiad tornou-se, por conseguinte, um daqueles livros raros cujo acesso é difícil, até à sua recente tentativa de reabilitação por parte de estudiosos como J.D.M.Ford e Geoffrey Bullough, que a reeditaram respectivamente em 1940 e 1963.

Com base nas críticas que lhe têm sido movidas, dir-se-ia, sintetizando, que, ainda que Fanshawe tenha sido, em termos genéricos, fiel à letra, não o foi em relação ao espírito do original.

" His translation is Italianate, Marinistic, the work of a Cavalier poet who loved wit and humour, and who did not take his task too seriously. Translating Os Lusíados (sic) was a respite from sad thoughts. It reminded him of his own travels and of seafaring life, and he regarded it rather as a superb sailors' yarn than as a great epic to be approached with awe."

(12)

Se Sir Richard Fanshawe teve o mérito de apresentar Camões pela primeira vez ao público inglês - na primeira tradução fora da Península -, William Julius Mickle excede-o em muito, por ter sido, em boa verdade, como opina Carlos Estorninho, (13) o precursor dos estudos camonianos em Inglaterra, ao tornar Camões conhecido. Dai a sua importância em relação a todos os outros tradutores e a razão de ser desta dissertação.

Volvidos dois séculos, após o aparecimento, pela primeira

vez, da sua tradução, em 1776, que fez um total de doze edições (14), oito das quais em pouco mais de um século, ainda recentemente verificamos que a mesma é utilizada por estudiosos da área camoniana, quer surja como a versão inglesa escolhida para a tradução dos episódios de D. Inês de Castro (15) e do Gigante Adamastor, como aconteceu num exemplar especial da revista Luiz de Camões, oferecida aos alunos das escolas de Macau, em dez de Junho de 1936, quer sirva de base para fundamentar ou ilustrar o raciocínio de William Freitas, em Camoens and his Epic, a Historic, Geographic and Cultural Survey (1963). Isto mesmo apesar de outros estudiosos da mesma área terem reconhecido a superioridade da tradução de J.J. Aubertin, por ser de todas a mais fiel ao original, como foi o caso no século findo de Teófilo Braga e, mais recentemente, de Carlos Estorninho.

Por outro lado, quase todos os tradutores subsequentes, mau grado a dissemelhança das suas atitudes, acabam por reconhecer o valor da tradução de Mickle, pois instituem-na, por assim dizer, como um referencial a não negligenciar.

Musgrave começa por aludir à validade do estudo biográfico sobre Camões e do comentário sobre Os Lusíadas; Mitchell, para além de tirar partido das copiosas notas do tradutor escocês, declara: " Mickle's translation contains much poetry of very great original merit." (16); Aubertin remete-nos para o comentário histórico sobre o descobrimento da Índia que antecede o poema e, ao explanar os princípios teóricos que nortearam a sua tradução, não deixa, para contrapor, de

referir os de Mickle; Duff diz nunca ter visto a tradução de Fanshawe nem a de Musgrave, embora tivesse lido a de Mickle e se deliciasse com alguns passos (" I had frequently read some portions of it with pleasure and admiration ") (17), e até Sir Richard Burton, apesar das críticas negativas que lhe tece, acaba por reconhecer " the laborious research and minute industry " (18) patenteada na Introdução.

Não é de estranhar, dada a popularidade que a tradução de Mickle alcançou, a ajuizar pelo elevado número de edições de que há notícia, só comparável, a este respeito, com o êxito obtido pela tradução de Lord Strangford do Camões Lírico, que tenham surgido vários trabalhos em torno dela, o que aprioristicamente torna mais difícil a nossa tarefa.

No entanto, todos os artigos e ensaios publicados até hoje, de entre os quais avultam os de Sidney George West e de Monica Letzring, obedecem a um plano geral que tem por objectivo prioritário traçar a penetração e influência de Camões no mundo anglófono, o que obviamente resulta em generalidades, no que diz respeito ao texto de Mickle propriamente dito. Até mesmo o livro de Sister M. Eustace Taylor, William Julius Mickle (1734-1788). A Critical Study (1937), por se tratar de uma dissertação sobre a totalidade da produção literária de Mickle, dedica apenas um capítulo, relativamente pouco extenso (vinte e oito páginas) a este assunto, baseando-se, para isso, em larga medida, em alguns dos elogios e comentários publicados pelos periódicos da época neo-clássica e nos estudos de Félix Walter e S. George West. A tentativa de

interpretação do texto traduzido está ausente, se exceptuarmos no final as escassas referências pontuais à forma como Mickle traduziu algumas das estrofes do poema.

Neste contexto, a dissertação de licenciatura de José António Palma Caetano, Mickle, Tradutor de "Os Lusíadas", merece um lugar à parte, já que, para além de se debruçar, num dos capítulos, sobre a obra de Mickle na sua globalidade, se ocupa maioritariamente da tradução de Os Lusíadas. Não obstante, a perspectiva analítica perfilhada pelo autor em questão tem primordialmente em vista a enumeração das infidelidades de maior vulto cometidas pelo tradutor. O levantamento consecutivo dos desvios detectados ao longo do poema, que ronda, por vezes, a precisão numérica no tocante ao número de versos suprimidos ou aumentados, prevalece, pois, em detrimento de uma análise mais englobante que tenda a compreender o texto traduzido no seu todo, não como um simples artefacto mutilado, mas antes como um enunciado de certo modo autónomo e com vida própria.

Ora a perspectivagem do texto traduzido a esta luz acaba por fazer do tradutor um co-autor, responsável pela eficácia da leitura do texto original e sua respectiva reescrita num outro código linguístico. A dualidade da sua tarefa enquanto leitor/ produtor de texto deve, no entanto, visar uma equivalência entre os textos de partida e os de chegada, equivalência essa que não pressupõe a igualdade, mas tão somente uma tentativa de aproximação entre ambos os textos a vários níveis, desde o semântico, por exemplo, ao estilístico,

ainda que no íntimo permaneçam inevitavelmente diferentes.

Estes aspectos justificam o capítulo " Uma Abordagem do Percorso Histórico da Tradução ", que gira em torno da história e teoria da tradução , seus aspectos culturais e socio-linguísticos, de forma a integrar a concepção tradutológica vigente no período augustano - no qual Mickle se situa - numa perspectiva diacrónica que nos permita acompanhar a evolução da arte de traduzir ao longo dos tempos. Nele se foca, como não poderia deixar de ser, esta problemática relacionada com a criatividade e autonomia do tradutor literário, nomeadamente pelo que ela traz de útil e válido para a apreciação crítica do seu trabalho.

Além do mais, não podemos esquecer que o texto traduzido, como de resto qualquer outro texto literário, faz parte de uma herança cultural e de uma tradição literária, a que se aliam as idiossincrasias próprias que distinguem um dado tradutor ou autor e aquilo a que Hans Robert Jauss designou como "horizonte de expectativa", ou seja, o sistema de normas e atitudes que rege a aceitação de uma obra por parte de um determinado público num momento histórico preciso e que completa a intencionalidade que nela reside.

Ora, todos estes factores se encontram inscritos no texto traduzido com maior ou menor grau de intensidade. Importa, portanto, descodificá-los com base num procedimento comparativo-descritivo, uma vez que só a partir do conhecimento dos dois textos (o de partida e o de chegada) nos é possível estabelecer o grau de equivalência obtido.

Estando a tradução, como vimos, condicionada por um processo de recepção histórico, embora naturalmente seja orientada pelo texto original, pareceu-nos de extrema utilidade proceder à reconstrução da situação histórica, ideológica e literária do tradutor e respectiva época, sempre que isso se for afigurando necessário para a leitura interpretativa do seu texto.

Porém, o corpus que serviu de base à nossa dissertação não se restringe ao texto de partida e ao de chegada, isto é, a Os Lusíadas e à tradução de William Julius Mickle. Ele abarca ainda um outro poema da autoria do tradutor, Almada Hill: an Epistle from Lisbon, que é por ele próprio considerado uma espécie de suplemento a esse seu trabalho.

Como consequência, uma das questões que mais atenção reclama da nossa parte, a par da leitura histórico-cultural da tradução de Mickle, é a de analisar a recorrência de linhas isotópicas, constituidoras de determinados núcleos temáticos, que, pelo seu cariz, se impõem como alterações do poema épico camoniano, vendo como e em que medida algumas delas são recuperadas no poema acima citado.

NOTAS

- 1 É de notar que usamos o topónimo " Inglaterra " em sentido lato, tomando-o, portanto, como extensivo a toda a Grã-Bretanha.
- 2 Richard Harris, conhecido sob o pseudónimo de " Amalia ", apenas traduziu o episódio de Inês de Castro e as primeiras oito estrofes do primeiro canto de Os Lusíadas, que apareceram publicados no Porto, na revista literária The Lusitanian, n° 3-4, 1844-45, fundada por alguns membros da colónia inglesa aí residentes. Em 1844 fez-se ainda uma tiragem em separado do episódio de Inês de Castro, A Translation of the Episode of Ignez de Castro from the Lusiad of Luis de Camões. With Prefatory Remarks.
- 3 Edward Quillinan traduziu somente os primeiros cinco cantos de Os Lusíadas, que foram publicados postumamente por John Adamson em 1853.
- 4 A tradução de J.J.Aubertin é uma edição bilingue, sendo, portanto, a única que dá a conhecer em Inglaterra o texto português na totalidade.
- 5 James E. Hewitt traduziu apenas os dois primeiros cantos de Os Lusíadas, tendo o primeiro sido publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa em 1881 e o segundo no Rio de Janeiro em 1883, ano em que o primeiro canto volta a ser publicado, tal como o segundo, no Rio de Janeiro.
- 6 Mortimer Tait, conhecido sob o pseudónimo de "Lusitanicus" também não traduziu Os Lusíadas na íntegra. Traduziu por completo os cantos IV e VII e grande parte de os restantes. Vd. S. George West, The Discovery of a hitherto completely Unknown English Translation of " The Lusiad " Done by a " Werewolf " , Ponta Delgada, 1984.
- 7 A tradução de William C. Atkinson é a única, em língua inglesa, feita em prosa.

- 8 Esta tradução foi versificada para inglês a partir da tradução em prosa de William C. Atkinson. Vd. Carlos Estorninho, A Contribuição Inglesa para a Camoniana, Lisboa, 1972.
- 9 A propósito das suas funções diplomáticas, cumpre-nos aqui recordar que coube a Sir Richard Fanshawe tratar das negociações do casamento de Catarina de Bragança com Charles II de Inglaterra, tendo, por isso, que vir a Portugal em 1661. Por essa altura visitou o Colégio Inglês, onde foi muito bem acolhido pelos alunos, que prepararam alguns versos em sua honra. Embora feitos apressadamente, constituem, no dizer de Geoffrey Bullough, " a pleasant tribute to Fanshawe and an agreeable post-script to his translation, so I give them in modernised form in an Appendix. " (Geoffrey Bullough (ed.), The Lusiads, in Sir Richard Fanshawe's Translation, Carbondale / Illinois, 1963, p.20.)
- 10 Vd. John Dryden, " The Author's Apology for Heroic Poetry and Poetic Licence ", in Essays of John Dryden, vol. I, Oxford, 1900, p. 190.
- 11 Vd. Voltaire (François Marie Arouet), An Essay upon the Civil Wars of France, Extracted from Curious Manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European Nations from Homer down to Milton, London, 1727, p.75.
- 12 Geoffrey Bullough, op. cit., p.26.
- 13 Vd. Carlos Estorninho, "O Culto de Camões em Inglaterra", in Arquivo de Bibliografia Portuguesa, n° 23-24, Coimbra, 1961.
- 14 A segunda edição foi publicada em Oxford, em 1778; a

terceira edição em Dublin, em 1791, e, em Londres, em 1793; a quarta - " The Third Edition (sic) " - em Londres, em 1798; a quinta em Londres, em 1807; a sexta em Londres, em 1809; a sétima em Londres, em 1809; a oitava em Londres, em 1810; a nona em Filadélfia, em 1822; a décima - " Fifth Edition (sic) " - em Londres, em 1877; a décima primeira em Londres, em 1900 e a décima segunda - " Fifth Edition (sic) " - em Londres, em 1907.

- 15 Recorde-se que foi também de Mickle o episódio de Inês de Castro que H.W.Longfellow incluiu na sua antologia Poets and Poetry of Europe (1845).
- 16 Sir T. Livingston Mitchell, The Lusiad of Luis de Camoens, London, 1851, p.VI.
- 17 Robert Ffrench Duff, Lusiad of Camoens, Lisbon, 1880, p.XL.
- 18 Sir R. Francis Burton, Camoens: His Life and His Lusiams, vol.I, London, 1881, p.149.

II - REGISTOS BIOGRÁFICOS DE WILLIAM JULIUS MICKLE

Este capítulo pretende ser um apontamento pontual da vida do poeta escocês. Após as inúmeras biografias que têm aparecido a seu respeito, de entre as quais nos cabe destacar a do seu amigo, Rev. John Sim, e a de Sister M. Eustace Taylor, pela profundidade e minúcia descritiva que as caracterizam, corríamos o risco, sob pena de repetição, de nos alongarmos demasiado sobre um assunto do qual não há incertezas a resolver, nem novos dados a aduzir.

Atendendo ao tema do nosso trabalho, decidimos, pois, debruçarmo-nos apenas sobre o período da actividade literária de Mickle que se prende grosso modo com a tradução de Os Lusíadas, afinal o único empreendimento que lhe grangeou a fama e o prestígio no mundo das letras a que ele naturalmente aspirava.

De facto, William Julius Mickle (1734-1788), filho de um pastor protestante, começou por ser o gerente de uma fábrica de cerveja fracassado e poeta menor, até que teve a auspiciosa ideia de verter para inglês o nosso Épico. Tê-lo-ia lido quando ainda era jovem, aos dezassete anos de idade, na tradução francesa em prosa de Duperron de Castera de 1735, acto que se volta a repetir mais tarde, por altura da segunda edição, que data de 1768, o que decerto lhe reaviva o interesse pelo poema camoniano, manifestado tão precocemente e, porventura, o desejo de o traduzir para a sua língua materna.

Robert Southey, num artigo de The Monthly Magazine, sugere

que a balada do bispo Percy, " Rio verde, Rio verde ", poderia ter levado Mickle a traduzir Os Lusíadas:

" I believe, however, that, except Fanshaw's version of the Lusiad, no poetical translation, from either the Spanish or Portuguese appeared in England, till the editor of ' The Reliques of Ancient Poetry ', whose taste and genius equal his erudition, excited some curiosity in the public mind by the beautiful ballad, ' Rio verde, Rio verde. ' Mr. Mickle's Lusiad, and Mr. Hayley's account of the Araucana soon followed."

(1)

Porém, não sendo Mickle um lusófilo na verdadeira acepção da palavra - pois no conjunto da sua produção literária, se exceptuarmos a tradução, Almada Hill: an Epistle from Lisbon e um soneto sobre a sorte adversa de Camões, não há nada que indique a sua amizade por Portugal ou pelos Portugueses, de quem começa por ter uma ideia bastante negativa (2) - está-se em crer que a decisão em traduzir Os Lusíadas adveio principalmente de factores de ordem pessoal com vista a uma possível promoção não só a nível literário, como também económico.

Aliás, é o próprio Robert Southey que, num outro artigo, defende calorosamente esta hipótese, afirmando que:

" (...) he [Mickle] had sufficient worldly prudence to look out for a subject which was likely to obtain notice and patronage (...). The Lusiad (...) celebrated the establishment of an

European empire in India; - that empire passed into our hands; a British interest therefore might be excited by the translation. We were a commercial people, (...); and he recommended his work to the East India Company, by a preliminary discourse, (...). There can be no doubt that he was actuated in his choice by the advantages which this consideration appeared to promise, rather than by any real admiration of the poem: - he took that, as an advocate takes a sorry cause, and determined to make the best of it."

(3)

A despeito do extremismo desta ilação, não podemos deixar, no entanto, de lhe reconhecer uma certa validade, se atendermos ao modo empenhado como Mickle defende o monopólio da Companhia das Índias Orientais, assunto sobre o qual mais à frente nos deteremos. A obtenção de um lugar na dita Companhia, hipótese que já se tinha posto anteriormente, em 1765, após dois anos de experiências goradas de tentar viver, em Londres, do produto da sua pena, afigurava-se, pois, como uma das vias para solucionar os problemas económicos com que se debatia desde a falência da fábrica de cerveja que seu pai lhe tinha legado.

Para além disso, os proventos que poderia auferir da venda da tradução constituiriam uma ideia aliciante. Recorde-se que Dryden e Pope, com as suas traduções da Iliada e da Odisseia, alcançaram, a par do prestígio a nível literário, uma considerável recompensa económica, tendo ganho, segundo nos diz José António Caetano, para cima de dez mil libras, o que na época era considerado uma fortuna.

Enfim, todos estes considerandos são, de certo modo, corroborados pelo seu amigo e biógrafo John Sim, quando se refere ao entusiasmo e à vivacidade que o alimentaram ao longo dos quatro anos que se dedicou à concretização do projecto.

" The praises bestowed by his literary friends upon the translation, (...), and the consequent fame which he expected upon its publication, banished the melancholy with which he had formerly been oppressed, and animated him with an unusual degree of cheerfulness and vivacity. The hopes likewise of being able to reduce his debts by the profits, and of obtaining the kind of patronage, which might lead to independence, (...), still farther brightened his prospects, and enabled him to proceed with the greatest ardour and alacrity. " (4)

Mickle começou a tradução de Os Lusíadas em 1771 e em Março do mesmo ano publicou o episódio do Adamastor em The Gentleman's Magazine por razões que têm a ver muito de perto com a estética do sublime, no sentido de cativar a opinião dos seus presumíveis leitores. Dada a boa aceitação do seu trabalho como tradutor, decide ainda nesse mesmo ano publicar, em Oxford, a tradução do primeiro canto e, em 1772, parte do episódio de Inês de Castro, com vista a angariação de assinaturas para a obra completa que se propõe editar por subscrição.

Se repararmos na lista de assinantes da primeira edição,

para além das críticas positivas dos articulistas de The Gentleman's Magazine e The Critical Review que recensearam o primeiro canto, verificamos que Mickle contava com o apoio de várias personalidades distintas da época, provenientes de diversos meios socio-culturais: Lord Clive, Lord Winchelsea, William Pitt, o poeta William Lisle Bowles, Sir James Johnstone, chanceler da Universidade da Lorena, Joseph Priestly e Michael Angelo Taylor, bispos de Oxford; o círculo literário era representado pelo Dr. Johnson, os dois irmãos Thomas e James Warton, David Garrick, Goldsmith, Sir William Jones, que contribuíra para revelar o sânscrito ao Ocidente, John Hoole, tradutor de Jerusalém Libertada de Tasso e James Boswell, o biógrafo de Johnson. Até o nome de David Hume, um dos seus principais inimigos no campo religioso, se contava entre os restantes. Entre os Portugueses há a destacar os nomes de Luís Pinto de Sousa, embaixador na Corte de St. James, o seu irmão Vicente de Sousa Coutinho, embaixador em Paris, o Visconde de Balsemão, Miguel Ciera e Miguel Franzini, professores da Universidade de Coimbra, o cientista António Ribeiro Sanches, da Academia Imperial de S. Petersburgo, e João Jacinto de Magalhães, físico, químico e sócio da Royal Society.

Perante o apoio encontrado, Mickle decide , em 1772, deixar o seu emprego na Clarendon Press como revisor e ir residir para a casa de Robert Tomkins, em Forrest-Hill, perto de Oxford. Aí passou alguns anos de aturado esforço e perseverança, uma vez que, a par da natural perícia que tal

cometimento requeria, o conhecimento que detinha da língua portuguesa era por certo de natureza livresca e insuficiente. Por isso, ter-se-ia apoiado amiúde na edição de Faria e Sousa para questões de interpretação.

Contudo, o esforço de Mickle foi coadjuvado por amigos da Companhia das Índias Orientais, da Universidade de Oxford, como, por exemplo, pelo reverendo Dr. William Crowe, que muito o ajudou na compilação do material para as notas explicativas que acompanham a tradução, e por muitos outros, alguns dos quais pertencentes ao círculo literário de Samuel Johnson, incluindo o próprio Dr. Johnson, que confessou a Mickle ter tido, em 1742, a ideia de traduzir Os Lusíadas, tendo-a sugerido posteriormente a Goldsmith, por se ver impossibilitado de a pôr em prática, devido a outros afazeres. Alguns portugueses da colônia de Londres também lhe prestaram o seu auxílio, como foi o caso do já referido João Jacinto de Magalhães, que lhe facilitou o acesso a documentos importantes e a outras informações de carácter histórico.

Com efeito, Mickle não esquece a ajuda dos que mais se empenharam para que o seu trabalho fosse levado a bom termo, começando, assim, por agradecer aos subscritores em geral e depois, mais detalhadamente, às várias pessoas que por mera filantropia ou interesses culturais o auxiliaram:

" Nor is his thanks alone due to the Subscribers in general. (...). His list of subscribers will shew the respect that was paid to the opinion of some gentlemen of the University of

Oxford, who have interested themselves in its favour. (...) - To Governor Johnstone, (...), he is under every obligation which the warmest zeal to promote the success of his undertaking can possibly confer. (...) To the Gentlemen of the East India Company, who are his subscribers, the Translator offers his singular thanks; and with pleasure he assures them, that their desire to see an Epic Poem, particularly their own, in English, greatly encouraged him in the prosecution of his laborious work - To Thomas Pearson, Esq; of the East India Company's Service, he owes the assistance of some Portuguese Historians and other books, which have enabled him to elucidate his author. (...) - To James Boswell, Esq; he confesses many obligations. To the friendship of Mr. Hoole, (...), he is peculiarly indebted. (...); he is happy to be enabled to add Dr. Johnson to the number of those, whose kindness for the man, and good wishes for the Translation, call for his sincerest gratitude. Nor must a tribute to the memory of Dr. Goldsmith be neglected. (...). Various specimens of this translation have been seen by Portuguese Literati (...). The ingenious Mr. Magellan, of the family of the celebrated Navigator, has been even an enthusiast in promoting its interest. By his means, some of the most respectable literary names of Portugal and Paris have honoured his list. From Mr. Magellan and some other Portuguese gentlemen he has received considerable information on various parts of his subject. " (5)

Não obstante o clima de colaboração e inter-ajuda que se

criou, Mickle só consegue acabar a tradução três anos depois da sua ida para Forrest-Hill, em 1775. A publicação da primeira edição só ocorre, como já fizemos referência, no ano seguinte.

Em 14 de Novembro deste mesmo ano, o tradutor escocês envia uma carta ao Marquês de Pombal, (6) que desempenhava, na altura, as funções de primeiro-ministro do Reino, a fim de lhe fazer oferta de um exemplar, alegando que Camões fora infeliz por não ter encontrado alguém como Sebastião José de Carvalho, que tivesse impedido a ele e ao seu país de caírem na ruína.

A tradução foi recebida com tal entusiasmo que a primeira edição, que era constituída por mil exemplares a um guinéu cada, se esgotou rapidamente, o que explica o aparecimento de uma segunda edição dois anos mais tarde. Esta difere da primeira, para além de algumas insignificantes alterações nas notas, nomeadamente no que toca a Introdução. (7) O longo ensaio introdutório que antecedia o poema foi subdividido em vários ensaios: " Introduction ", " The History of the Discovery of India ", " The History of the Rise and Fall of the Portuguese Empire in the East " (ao qual se segue uma espécie de suplemento com os títulos de " Recapitulation " e "Application"), " The Life of Luis de Camoens " e "Dissertation on the Lusiad, and Observations upon Epic Poetry". No fim existe ainda um apêndice, " Cópia das Patentes dos Vice Reis e Capitães Generaes da India, conforme se achão no Concelho Ultramarino em Lisboa. ", seguido da tradução em inglês e respectivo comentário. No canto VII, a nota de rodapé

sobre os Brâmanes também é ampliada de forma a constituir um ensaio, " Enquiry into the Religious Tenets and Philosophy of the Bramins ", que surge colocado no fim do respectivo canto. Em relação ao texto propriamente dito, a única alteração detectada - sobre a qual nos debruçaremos mais adiante - diz respeito ao episódio do Adamastor.

O único entrave que obstou à realização completa do poeta escocês adveio da atitude fria e displicente do seu concidadão, o Duque de Buccleugh - a quem dedicou a tradução -, presidente da Royal Society de Edimburgo e em cuja casa seu pai exerceu as funções de sacerdote. Esta indiferença radica, segundo John Sim, no facto de o Duque ter sido aluno de Adam Smith, um dos adversários de Mickle no campo económico, e amigo íntimo de David Hume, outro dos seus antagonistas a nível religioso, para quem The Lusiad não passava de " ' a sea journal in tolerably good verse ' ". (8)

Convencido pelo seu amigo e parente comodoro George Johnstone a fazer tal dedicatória, Mickle ter-se-ia decerto arrependido, como nos dá a entender John Sim, por não ter escolhido alguém da Companhia das Índias Orientais.

Dada a impossibilidade de obter o patrocínio que desejava, conquanto a tradução de Os Lusíadas lhe tivesse rendido mil libras, Mickle vê-se numa situação económica precária. Não possuía um emprego regular, mas, por não sentir vocação para a vida eclesiástica, decide recusar o convite que lhe tinha sido feito nesse sentido pelo bispo Lowth.

Em Maio de 1779, Mickle viu finalmente abrirem-se-lhe novos

horizontes. Fora nomeado para secretário do comodoro Johnstone, no navio de guerra " Romney ", que partia com uma esquadra em direcção a Portugal. (9) Chega ao cais de Lisboa em 17 de Novembro, onde foi cordialmente acolhido pelo Duque de Lafões, D. João de Bragança, homem amigo das letras e do saber, que fez questão em ser o primeiro a cumprimentar o tradutor de Camões.

A sua estada em Portugal, que se prolongou por um período superior a seis meses, foi agradável sob vários aspectos: sob o ponto de vista turístico, visto que, para além de Lisboa, visitou muitos outros lugares a norte da capital, e também sob o ponto de vista humano, atendendo aos contactos que estabeleceu não só com pessoas da Feitoria Inglesa, mas também com portugueses, oriundos do meio aristocrático, artístico e literário.

É assim que Mickle expressa o seu contentamento numa carta dirigida ao seu amigo Thomas Caldecott da Universidade de Oxford:

" ' I have made the best use of my time in seeing everything in my power (...); and I have had every assistance which could be desired from the litterati and noblesse of Portugal, who seem much pleased that a translation of their favourite poet has been well received in England ' ". (10)

No entanto, durante o tempo que permaneceu em Portugal,

Mickle não ficou inactivo em termos de produção literária . Coligiu dados para uma história social de Portugal ou eventualmente para um livro de viagens, projecto que nunca chegou a ser concretizado ou, pelo menos, publicado , e escreveu, além de um soneto sobre Camões - " On Passing the Bridge of Alcantara near Lisbon " - um outro poema mais extenso, que faz parte do corpus da nossa dissertação, Almada Hill: an Epistle from Lisbon, publicado em Oxford, em 1781.

No término da sua visita a Portugal , Mickle foi eleito membro honorário da Academia Real das Ciências, em 22 de Maio de 1780. O prestígio que lhe foi concedido por D. João de Bragança, presidente da referida Academia, foi retribuído pelo poeta no poema acima citado , quando, num panegírico ao Duque de Lafões, proclama o eclodir de um novo período áureo para a cultura portuguesa.

De regresso a Londres, em Novembro de 1780, como comissário de bordo do " Brilliant ", Mickle ficou encarregado de distribuir os bens acumulados pela esquadra, e o que lhe coube contribuiu para uma melhoria substancial da sua situação financeira.

Casou em Junho do ano seguinte com a filha do lavrador Tomkins de Forrest-Hill, de quem teve um filho, e fixa residência em Wheatley, perto de Oxford, podendo dedicar-se tranquilamente, apesar de alguns percalços económicos, à sua actividade literária.

No testamento alude aos direitos da sua tradução de Os Lusíadas, tanto no seu país como em Portugal, de forma a

preservar essa fonte de rendimento para a família, o que confirma mais uma vez a importância que este empreendimento literário adquiriu no âmbito do seu horizonte pessoal.

NOTAS

- 1 T.Y.(Robert Southey) " On the Poetry of Spain and Portugal ", in The Monthly Magazine, vol. II, July, 1796, p.451.
- 2 A este propósito atente-se, a título ilustrativo, no seguinte passo que é, em parte, revelador dos preconceitos que Mickle nutria em relação a Portugal e aos Portugueses: " When the glory of arms of Portugal had reached its meridian splendour, Nature, as if in pity of the literary rudeness of that nation, produced one great Poet, (...). Except Osorious, the historians of Portugal are little better than dry journalists. " (W.J.Mickle, The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens, Oxford, 1776, p.CVIII.)
Em futuras alusões à tradução de Mickle designá-la-emos apenas sob o nome The Lusiad.
- 3 Robert Southey," Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens. By John Adamson. F.S.A. ", in The Quarterly Review, vol. XXVII, April, 1822, pp.29-30.
- 4 John Sim, The Poetical Works of William Julius Mickle, London, 1806, p.XXXIX.
- 5 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, pp. CLII-CLIV.
- 6 O conteúdo da carta de Mickle é o seguinte:
" My Lord

I fondly flatter myself that your Lordship's high and well known reputation for literary accomplishments will apologise for this address from the English Translator of the Lusiad of Camoens.
Highly pleased as I always was with the truly classical beauties of that singular ornament of your country, his

poetical excellence was not the only merit that struck me. The most warm and liberal Patriotism and the most generous and ardent sprit of high military honour, peculiarly characterise the Lusiad. I esteem it my happiness that I have given to England a view of such national splendour as is contained in that work. But wile every good Lusitanian must, with this poet bewail the decline which began to take place in the age of Camoens, he must also with the sincerest pleasure behold your Lordship's indefatigable care in reviving the ancient virtues and glory of your country.

No author was ever more injuriously misrepresented by Voltaire and the moderns Critics than the unfortunate Camoens. And it is with pleasure I flatter myself that I have vindicated to my countrymen an abused Stranger, and made them not only sensible of his injuries, but, in some degree, of high poetical merit and generous virtues.

Happy had it been for him if your Lordship had lived in his age. The absence of a mind like yours sunk the poet and his Country together in misery and ruin. Convinced that were Camoens now alive, he would be happy in your protection. I beg leave respectfully to lay him before your Lordship in his English dress.

That your Lordship's ardent endeavours to restore the Lusian name to its ancient splendour may be crowned with the happiest success is the sincere wish of

My Lord
your Lordship's most obedient and
most humble servant.

William Julius Mickle.

Oxford Nov. 14, 1776 ". (" Carta Offerecendo ao Marquez de Pombal a Tradução Inglesa dos Lusiadas ", in Inventário dos Manuscritos (secção XIII) Collecção Pombalina, Lisboa, 1891.)

7 Apesar das alterações verificadas, referir-nos-emos sempre à primeira edição, desde o momento em que os passos que pretendamos citar não constituam novas adendas do tipo "Recapitulation" , " Application " e o apêndice final. Perante qualquer outro aumento menor ou alterações de outro tipo, mencioná-los-emos em nota de rodapé.

8 John Sim, op. cit., p.XLI.

9 Para mais pormenores acerca da visita de Mickle a Portugal, vd. S. George West, " The Visit to Portugal in 1779-1780 of William Julius Mickle, Translator of Os Lusíadas " in Garcia de Orta, número especial comemorativo do IV Centenário da Publicação de " Os Lusíadas ", Lisboa, 1972.

10 Apud S. George West, ibidem, p.598.

III - UMA ABORDAGEM DO PERCURSO HISTÓRICO DA TRADUÇÃO

"Translations forcibly remind us of the obvious fact that when we read, we read from a particular point in space and time. "

(BROWER, Reuben A. " Seven Agamemnon's", in On Translation, Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 1959, p. 173.)

Já o mito da Torre de Babel, ao simbolizar a proliferação de várias línguas e o conseqüente desentendimento entre os homens, pressupõe a necessidade da tradução, se não quisermos entender esse símbolo como um acto divino irreparável.

A importância deste fenómeno intercultural começou por se evidenciar, na prática, pela importância atribuída à tradução dos Evangelhos. A necessidade de divulgar a palavra de Deus encontrou os seus tradutores mais remotos nos quatro evangelistas que registaram em grego o que Cristo disse em aramaico.

Posteriormente, com a expansão do Cristianismo, a tradução da Bíblia desempenhou fundamentalmente um papel de ordem moral e didáctica. Desde o último quartel do século XV até aos finais do século XVI assiste-se a um aumento do número de traduções da Bíblia, cujo objectivo era o de facilitar o acesso aos textos divinos. Ao valor pedagógico da tradução alia-se a sua função política, responsável, em parte, pela origem do Protestantismo na Europa e pelo aparecimento de traduções da Bíblia mais acessíveis aos leigos.

" 'The translation battle raged throughout Dolet's age. The Reformation, after all, was primarily a dispute between translators. Translation became an affair of State and a matter of Religion. The Sorbonne and the King were equally concerned with it. ' " (1)

Paralelamente, no domínio secular, a tradução constitui um

fenómeno da história cultural assaz importante. Com efeito, na senda do conhecimento, o homem tem-se servido de inúmeras traduções, o que revela a importância que a tradução assumiu na vida intelectual e cultural da nossa civilização. Louis Kelly vai ainda mais longe ao afirmar que " Western Europe owes its civilization to translators." (2), asserção possuidora de um cunho demasiado generalizante, cujo carácter hiperbólico há decerto que relativizar.

Porém, desde o Império Romano que não podemos negligenciar o contributo da tradução para o desenvolvimento e manutenção de uma cultura comum. Tanto Cícero como Horácio encararam a tradução como uma actividade fundamental para o exercício da gramática e da retórica, bem como para a criação e divulgação do conhecimento humano. Traduzir implicava, portanto, o enriquecimento da língua e literatura romanas e o estabelecimento de um elo de ligação com a civilização grega.

De igual modo, o enriquecimento, assim como a consolidação de línguas e literaturas vernáculas, deve-se à tradução, que figurou como a actividade motriz na modelação e orientação de uma sensibilidade artística medieval ainda não trabalhada, acabando por constituir ela mesma os primeiros motivos da imaginação literária. Como consequência, dada a inexistência de uma tradição literária própria, o desenvolvimento das literaturas vernáculas processou-se, na generalidade, através da tradução e adaptação de obras oriundas de outros contextos culturais.

A partir da Idade Média, a tradução não constitui de forma

alguma um fenómeno cultural passível de ser menosprezado:

" Translation provided the energies of Renaissance and Baroque Europe with an indispensable if largely fictive re-insurance. The exuberance of Rabelais, Montaigne, and, to a lesser extent, Shakespeare found in the classic precedent a ballast, a supple but steadying recourse to scale and order. But 'ballast' is too static an image. The Platonic, the Ovidian, the Senecan presence in European intellectual and emotional life of the late fifteenth and sixteenth centuries was at once a guarantor that argument, fantasy, metaphor can be sustained at full pitch without muddle, that the human intellect can return from far places with the evidence of reasoned form, and an incitement to build against, to go beyond the classical achievement."

(3)

Assim se estabelece uma relação dialéctica entre o presente e o passado, um contacto com padrões culturais que servem como pontos de referência para a identificação ou inovação intelectuais.

Algo de análogo se passa com o Neoclassicismo e com o Romantismo, numa primeira fase da evolução deste último.

A literatura neo-clássica, ao estar predominantemente vocacionada para a imitação dos modelos greco-latinos, faz que a tradução surja como a condição sine qua non para a divulgação dos grandes escritores da Antiguidade Clássica, como é o caso de Homero e Virgílio.

Com o alvorecer do Romantismo, a tradução acaba por se

transfigurar na busca dos grandes espíritos do passado, detentores de um génio criador, semelhante ao dos românticos.

Contudo, esta situação é pouco duradoura: A própria estética romântica, ao conceder um lugar de absoluta primazia à imaginação e à criação, em suma, à obra original versus a não original, acaba por encetar um processo de desvalorização do estatuto do tradutor e, conseqüentemente, da tradução. Eis o que Shelley pensa sobre o assunto:

" 'It were as wise to cast a violet into a crucible that you might discover the formal principle of its colour and odour, as to seek to transfuse from one language into another the creations of a poet. The plant must spring again from its seed, or it will bear no flower - and this is the burthen of the curse of Babel. ' "

(4)

Por seu turno, como explica S. Bassnett-Mc Guire, a exaltação de valores nacionais ao longo do século XIX contribui para que a tradução cesse de ser vista como um dos principais meios de enriquecimento cultural.

Esta mudança de atitude, fundamentalmente característica do período pós-romântico, vai ter repercussões que perduram ainda até aos nossos dias. Com efeito, o papel secundário a que a tradução se vê votada, sobretudo na primeira metade do século XX, está essencialmente relacionado com um dos legados da revolução romântica, ou seja, com a hierarquização respeitante à diferença qualitativa existente entre autor e tradutor a nível da cadeia da comunicação. A tradução passa, assim, a

pressupor a produção de um texto que, do ponto de vista literário, é considerado de segunda categoria.

Porém, a partir de meados da década de sessenta, regista-se um enorme progresso nos estudos da tradução. Como nos diz a autora atrás referida, "Translation Studies (...) is exploring new ground, bridging as it does the gap between the vast area of stylistics, literary history, linguistics, semiotics and aesthetics." (5)

Este avanço relativo aos estudos da tradução denota, sem dúvida, o reconhecimento da sua importância na nossa sociedade. De facto, hoje seria um anacronismo pensar sobreviver culturalmente sem a recorrência a traduções, especialmente para os países mais pobres. Para eles a tradução é talvez o meio mais poderoso na aquisição do conhecimento e no despertar da criatividade da consciência colectiva.

Embora a tradução tenha respondido em sentido lato a uma exigência epistemológica ao longo da História e ao conseqüente enriquecimento cultural dos povos, ela nem sempre tem conhecido esta mesma uniformidade no que respeita aos critérios que a definem e orientam a sua prática.

A defesa de uma tradução definitiva é algo que até hoje ainda não aconteceu. Não há nenhum cânone universal de acordo com o qual os textos traduzidos possam ser criticados ou avaliados. Há, sim, conjuntos de critérios que prevalecem em determinadas épocas da História e, por conseguinte, cada tradução encontra-se envolvida dialecticamente com os factores socio-culturais que modelaram e marcaram essa época.

George Steiner, em After Babel, divide a literatura sobre teoria e prática da tradução em quatro períodos. De um ponto de vista sistemático, pareceu-nos útil esta divisão, ainda que a periodização de acontecimentos culturais suscite, por vezes, problemas decorrentes da evolução dinâmica da História. Isto apenas para fazer notar, parafraseando George Steiner, que os limites da sua divisão quadripartida se não revestem de um carácter absoluto.

O primeiro período, no dizer deste autor, prolongar-se-ia desde as famosas observações de Cícero e Horácio (6) sobre a tradução até à publicação em 1791 do livro de Alexander Fraser Tytler, Essay on the Principles of Translation. Os nomes de Cícero, de São Jerónimo, de Etienne Dolet, de Joachim du Bellay, de Lutero, de Dryden e de Pope mal ilustram a vasta galeria de escritores que ao longo deste período formularam a sua opinião sobre a tradução.

Com efeito, o traço distintivo deste longo período reside no carácter predominantemente idiossincrático e empírico dos muitos testemunhos publicados, regra geral, em forma de prefácios às várias traduções. Na maioria dos casos, estes prefácios continham impressões gerais, ideias pessoais, referências à tradução em causa ou ainda a anteriores, constituindo, portanto, uma oportunidade de apresentar ao público os preceitos pelos quais o tradutor se tinha regido. Mesmo os dois textos teóricos mais relevantes desta primeira fase, De Interpretatione Recta (1420) de Leonardo Bruni e De Optimo Genere Interpretandi (1680) (7) de Pierre Daniel Huet,

recorrem constantemente, segundo George Steiner, a exemplos práticos, o que corrobora o empirismo artesanal deste primeiro período.

Neste âmbito, convém sobretudo salientar Cícero e Horácio, referenciais históricos importantes, a partir dos quais a discussão sobre a problemática da tradução se desenvolve.

Cícero, a propósito da tradução dos discursos de Demóstenes e Ésquines, declara:

" ' Je ne les ai pas rendus en simple traducteur (ut interpres), mais en écrivain (sed ut orator) respectant leurs phrases, avec les figures de mots ou de pensées, usant toutefois de termes adaptés à nos habitudes latines. Je n'ai donc pas jugé nécessaire d'y rendre chaque mot par un mot (verbo verbum reddere): pourtant, quant au génie de tous les mots et à leur valeur, je les ai conservés. [...] J'ai cru, en effet, que ce qui importait au lecteur, c'était de lui offrir non pas le même nombre, mais pour ainsi dire le même poids (Non enim adnumerare sed tanquam adpendere.) ' ". (8)

Como se vê, o preceito ciceroniano de não traduzir palavra por palavra visa que o acento tónico recaia no valor estético da língua receptora, em detrimento da noção de fidelidade.

Horácio, aproximadamente meio século depois, em Ars Poetica, reitera a posição de Cícero ao afirmar: " nec verbum verbo curabis reddere fidus/ interpres ". (9)

A tradução acaba por constituir nalguns casos um dos

aspectos de imitação do conceito romano de produção literária, segundo nos diz S.Bassnett-McGuire . A preconização de uma imitação não demasiado rígida do texto modelo leva a que a avaliação do trabalho do tradutor tenha por base o tratamento criativo do texto de origem.

Na Idade Média e no início do Renascimento, a tradução, tal como T.R.Steiner comenta, estava ainda muito ligada à interpretação e explicação textuais.

A tradição escolar da tradução palavra por palavra, linha por linha, transmitida pelas instituições de ensino, formava e influenciava os tradutores universitários. Este tipo de tradução possuía um valor preponderantemente gramatical: visava respeitar aos olhos dos humanistas os textos sagrados, isto é, as grandes obras clássicas, de forma a imitar o mais próximo possível uma retórica tida como perfeita.

Não obstante o zelo de alguns académicos e latinistas, a atitude predominante relativamente à tradução, no século XVI e início do XVII, postulava a mediação entre os dois tipos clássicos de tradução, a literal e a livre, procurando anular a dicotomia existente entre palavra e sentido.

O humanista francês, Etienne Dolet, em Manière de Bien Traduire d'une Langue en Aultre (1540), surge como um dos porta-vozes mais ilustres deste tipo de tradução. Segundo ele, o tradutor deveria:

- compreender totalmente o sentido e a intenção do autor original, podendo esclarecer algumas ambiguidades;
- possuir um conhecimento profundo da língua do texto

- original, assim como da sua própria língua;
- ser fiel ao sentido da frase e não à ordem das palavras, tendo como objectivo evitar uma tradução palavra por palavra;
 - usar vocábulos e expressões de uso corrente;
 - escolher e ordenar as palavras de forma a produzir um tom correcto e um estilo harmonioso.

A ordenação destes cinco princípios denota que a tradução, para além de ser um exercício filológico, é também um exercício interpretativo, cujo sucesso depende dos méritos literários do tradutor.

Desta tendência interpretativa moderada passa-se, sensivelmente a partir de meados do século XVII até aos fins do século XVIII, para o reino das chamadas belles infidèles. (10) Tratava-se, como a própria expressão sugere, de traduções belas, mas infiéis. Traduzia-se de forma a que o texto, em francês correcto, isento de estrangeirismos, tivesse sempre o ar de ter sido directamente pensado e depois redigido em francês. O ideal consistia, portanto, em afrancesar os autores originais e transfigurá-los de acordo com o gosto estético e literário em voga nos séculos XVII e XVIII.

Os teorizadores franceses foram entusiasticamente traduzidos para inglês. Daí que não se tivessem feito tardar as repercussões das suas teorias na Inglaterra do chamado período augustano. Também aqui a liberdade no tratamento do autor original era um factor indispensável ao tradutor, como iremos ver, liberdade para que ele não fosse escravo de

detalhes, para que pudesse ser fiel ao máximo ao espírito do original. Esta liberdade foi, como é natural, usada de formas diversas e com objectivos diferentes, dado o carácter pessoal da bibliografia sobre a teoria e prática da tradução.

Essay on the Principles of Translation (1791) - o primeiro tratado em inglês e o único do século XVIII sobre a tradução - , da autoria de Alexander Fraser Tytler, mais tarde Lord Woodhouselee, tem o mérito de pôr fim à perspectiva empírica e idiossincrática deste primeiro período. Os seus pontos de vista não se prendem com nenhuma tradução ou tradutor em particular, sendo, por isso, susceptíveis de uma aplicação mais generalizada e válida.

Contudo, a originalidade não foi um factor determinante do sucesso desta obra, que acabou por ser um repositório das teorias em voga referentes à tradução durante o século XVIII. É assim que Tytler, na sequência dos seus antecessores, condena a tradução literal. No seu dizer, este tipo de tradução só seria possível

" If the genius and character of all languages were the same, (...), nor would any thing more be requisite on the part of the translator, than fidelity and attention. But as the genius and character of languages are confessedly very different, two opinions have thence arisen (...). On the one hand, (...) it is the duty of a translator to attend only to the sense and spirit of his original, (...), on the other hand, (...), it is not only requisite that the

ideas and sentiments of the original author should be conveyed, but likewise his style and manner of writing, (...). According to the former idea of translation, it is allowable to improve and to embellish; according to the latter, it is necessary to preserve even blemishes and defects; and to these must likewise be superadded the harshness that must attend every copy in which the artist scrupulously studies to imitate the minutest lines or traces of his original. " (11)

Em virtude do extremismo destas duas posições, Tytler propõe uma atitude intermédia. Desta forma, uma tradução poderia ser designada como boa, quando

" (...) the merit of the original work is so completely transfused into another language, as to be as strongly felt by the native of the country to which that language belongs, as it is by those who speak the language of the original work. " (12)

Quando se preconiza que uma tradução seja tão intensamente sentida pelos seus receptores como o foi pelos nativos do país da língua original, sugere-se antes de mais a manutenção de um elo de comunicação idêntico. Ora, atendendo a que na maioria dos casos a tradução ocorre numa época e num contexto socio-económico e literário diferentes, a manutenção desse elo de comunicação só se dá por vezes à custa de alterações do texto original, de forma a que ele se coadune com o gosto e a

experiência literária do público receptor. Daí que a posição de compromisso assumida por Tytler acabe por ter que ser um pouco relativizada. Com efeito, o facto de Tytler se opor a traduções exageradamente livres não obsta a que ele conceda ao tradutor a liberdade de embelezar e clarificar passagens do texto original, ainda que isto pressuponha omissões ou aumentos. (13)

O segundo período proposto por George Steiner - conhecido como a fase da teoria hermenêutica - situa-se entre a publicação do ensaio de Friedrich Schleiermacher Über die Verschiedenen Methoden des Übersetzens, de 1813, e a publicação do livro de Valéry Larbaud Sous l'Invocation de Saint Jérôme, de 1946.

A perspectiva hermenêutica integra a tradução numa problemática expressamente filosófica, detentora de um vocabulário e de uma metodologia próprios. A língua deixa de ser encarada como um instrumento, passa a ser uma entidade criadora, e, como tal, todos os usos da língua são essencialmente criativos. Esta noção da língua como energia criadora, originária da concepção platónica de logos e da noção judaico-cristã de verbum, é uma característica fundamental do período romântico.

" What the Romantics sought through translation was to transfer the creative power of great writers of other languages into their own. Thus translation was not primarily production of a text, but interpretation and contemplation of

Language at work. " (14)

O conceito de tradução ganha, como consequência, uma outra dimensão semântica. A noção de tradução passa a utilizar-se no domínio da criação literária. Todo o poema é um acto de compreensão que se efectua por intermédio de uma linguagem literária. Desta forma, estabelece-se uma relação que Schleiermacher exprimiu do seguinte modo: " 'Dichten heisst verstehen, verstehen heisst übersetzen.' " (15) O poetizar e o traduzir são, portanto, actos que não se excluem, pois ambos implicam, ainda que a nível diferente, a compreensão de algo.

Com efeito, a tradução deixa de consistir essencialmente numa transferência de equivalentes linguísticos, desvinculando-se, por conseguinte, da noção mecânica referente à substituição das unidades de um código linguístico pelas de um outro, para passar a ser acima de tudo um acto de compreensão, uma transferência que se realiza no domínio da interpretação da mensagem. Por isso, os teóricos hermenêuticos - Goethe, Schopenhauer, Paul Valéry, Ezra Pound, apenas para mencionar alguns dos nomes mais importantes - assumem que a tradução é uma recriação interpretativa do texto.

A tradução que se torna, uma vez acabada, uma interpretação faz parte do processo histórico de tentativa de compreensão do texto original. O que é mais difícil de compreender no decurso deste trajecto é a sua essência, o que o individualiza e lhe dá vida própria. Delimitar o seu significado profundo é a razão de ser de todo este processo de interpretação. O esforço

de compreensão plena do texto original tem por base o pressuposto de que toda a obra literária nasce de um acto voluntário, de uma intencionalidade que se manifesta tanto no conjunto como em cada um dos seus elementos constitutivos. Para captar o seu significado é necessário que se proceda a duas operações distintas, mas intimamente relacionadas entre si. Em primeiro lugar, há a registar o acto criador da tradução, o esforço de apreensão da totalidade da obra numa espécie de unidade não diferenciada, o penetrar nas esferas mais profundas da língua a nível cognitivo para depois, numa interpretação mais superficial, se proceder ao exame das relações e das funções a nível do sistema linguístico que determina a essência da obra, assim como a sua ligação com a literatura e os escritores da época.

Contrariamente à interpretação pelo leitor ou pelo crítico, a interpretação do tradutor transfigura-se num processo literário vivo, e, por isso mesmo, a tradução não é tida como substituição, mas como recriação da obra original.

O terceiro período, em oposição à ênfase dada ao aspecto criativo da tradução, é caracterizado, numa primeira fase, por uma visão altamente mecânica. A publicação dos primeiros ensaios sobre a tradução automática nos fins dos anos quarenta assinala o início deste período, marcado pela aplicação da linguística estrutural e da teoria da comunicação ao estudo da tradução.

A ideia de construir uma máquina apta a traduzir foi divulgada em 1946 por Warren Weaver e Donald Booth, logo após

o aparecimento dos primeiros computadores. Contudo, a intenção de substituir cada palavra de uma frase pelo seu equivalente noutra língua viu-se depressa frustrada, devido ao facto de qualquer língua ser uma estrutura complexa, demasiado viva e variada, sendo, por isso, irredutível a um conjunto de regras de associação de palavras.

As primeiras experiências com a tradução automática dos anos cinquenta e o relevo dado à linguística estrutural, potencial esclarecedora das operações levadas a cabo no acto de traduzir, conduz ao desenvolvimento rápido dos estudos sobre a tradução, nomeadamente na Europa de Leste, onde se salienta, por exemplo, o trabalho de Andrei Fedorov Introdução à Teoria da Tradução, publicado em 1953. Para Fedorov, a tradução constitui sempre e acima de tudo uma operação linguística. A linguística surge, portanto, como o denominador comum, a base de todas as operações da tradução a nível lexical e gramatical.

Embora a linguística estrutural pretenda desenvolver uma atitude científica em relação aos problemas suscitados pela tradução, é ela própria que a certa altura, ainda que de uma forma indirecta, questiona a viabilidade da tradução. As críticas à noção tradicional de significação, as teorias de tipo neo-humboldtiano que postulam diferentes civilizações e visões do mundo, determinadas e expressas pelos respectivos sistemas linguísticos, levam a que a linguística moderna abandone a velha noção da relação bi-unívoca entre coisa e palavra, ou seja, a noção de léxico como inventário ou

nomenclatura pela de léxico como estrutura. A ideia de que a segmentação da experiência pelos signos linguísticos é feita de forma arbitrária e diferente pressupõe quase sempre a inexistência de uma coincidência total entre dois signos de um mesmo campo semântico em duas línguas diferentes, o que conduziu, por um lado, de forma mais extremista, ao postulado da intraduzibilidade e, por outro lado, de uma forma mais moderada e ponderada, à relativização do sucesso da tradução.

Assim, de acordo com Eugene Nida,

" 'Translating consists in producing in the receptor language the closest natural equivalent to the message of the source language, first in meaning and secondly in style.' " (16)

De igual modo, para Roman Jakobson a tradução interlinguística, ou seja, a tradução propriamente dita, implica a existência de duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes. Como ele próprio nos diz:

" (...) on the level of interlingual translation, there is ordinarily no full equivalence between code-units, while message may serve as adequate interpretations of alien code-units or messages. " (17)

De notar que a noção de equivalência em tradução não é sinónimo de igualdade. A equivalência pressupõe uma relação

dialéctica entre os signos, as estruturas intra-textuais e extra-textuais dos textos da língua de origem e os da língua de chegada.

Com efeito, a noção de equivalência alarga o âmbito da discussão sobre a tradução, desliga-a da visão restrita da linguística descritiva e projecta-a para um domínio mais vasto: o da semiótica, onde a socio-linguística e a psico-linguística têm um papel importante a desempenhar. O tradutor tem, como é óbvio, que proceder a uma transposição linguística, mas também a uma transposição semiótica, porque, para além da substituição das unidades de um código pelas de um outro, há que atender ao valor e à função das mesmas nos respectivos contextos culturais.

Concomitantemente, o esquema triádico da teoria da comunicação ($E \rightarrow M \rightarrow R$) aplicado à tradução faz do tradutor um receptor e um emissor, o fim e o começo de duas cadeias de comunicação separadas, mas ligadas, visto que o tradutor tem que descodificar a mensagem do texto original e recodificá-la num outro texto.

Verifica-se, pois, que a tarefa do tradutor transcende o domínio puramente linguístico e o lança num sistema complexo de análise e interpretação não só a nível semântico como também pragmático. Já estamos, por conseguinte, longe do conceito mecânico que caracterizou a tradução nos anos cinquenta.

O quarto período, proposto por George Steiner, coexistindo com o terceiro, tem origem no início dos anos sessenta e

caracteriza-se por uma forte tendência em relação à teoria interpretativa, indo ao ponto de constituir, no dizer do autor supracitado, " a reversion to hermeneutic, almost metaphysical inquiries into translation and interpretation. " (18)

De uma forma geral, ainda que sob perspectivas diferentes, a tradução, aos olhos dos teóricos modernos, é quase sempre vista como uma interpretação crítica do texto original, como uma forma de discurso metaliterário:

" That translation is an interpretative art is a self-evident truth. " (19)

De facto, no século XX assiste-se, no âmbito dos estudos literários, a uma reavaliação do papel do leitor. Roland Barthes encara o leitor não como uma pessoa passiva, apto apenas a consumir ou a digerir a mensagem com que se defronta, mas sim como um agente activo, um " produtor " de texto, ao passo que Julia Kristeva o concebe como uma continuação do processo de semiose da obra literária.

Consequentemente, o tradutor é em primeiro lugar um leitor e, como tal, ao longo do processo de leitura é provável que tome uma determinada posição interpretativa, susceptível de se vir a reflectir no momento de reestruturação do novo texto, ou seja, na tradução.

Segundo Roland Barthes, toda a interpretação se pode reduzir a uma série de duas operações. Em primeiro lugar decompõe-se o objecto interpretado (que, neste caso

específico, seria o original), para em seguida produzir um objecto novo, recomposto (a tradução). Ora, como faz notar Barthes, " entre les deux ou les deux temps de l'activité structuraliste, il se produit du nouveau. " (20) Este "novo", ou mais concretamente, a nova estruturação dos elementos do texto original, é 'a causa consciente ou inconsciente do processo de interpretação levado a cabo pelo tradutor.

Neste âmbito, podemos ainda referir, a título exemplificativo, a posição de André Lefevere, que, ao considerar a tradução literal um mito, confere ao tradutor a liberdade de interpretar o tema do texto que irá traduzir, ainda que essa interpretação não se deva tornar num jogo gratuito, destruidor da obra de arte original.

" The translator, [...] should possess the ability to reinterpret the source text along the lines of the interpretation laid down by the original author. He should not superimpose his own interpretation on it. He should, in a word, try to achieve an ' equivalent effect ' ". (21)

Contudo, não queríamos deixar de referir a atitude de outros teóricos modernos que levam esta tendência interpretativa mais longe, visto darem ênfase ao espírito criativo do tradutor e à autonomia poética da tradução, enquanto actividade literária viva e vivificante.

Eis o que nos diz Jackson Mathews:

" Yet the final test of a translated poem must be

does it speak, does it sing? (...) in spite of his sense of fidelity to another poem, a translator is bound to sound out for himself. The poem he is writing is also his own. In it he is obliged to take over, to give a sense of command, to make his creative will felt. His instruments are style and his own voice. These can set him free to compose. The model, if it is to be translated, simply has to take the consequences of being transmuted into another voice, which is its new life. " (22)

Para outros o acto de traduzir é ainda analisado segundo uma óptica psicológica. O que move o tradutor é uma identificação psíquica com o autor original, e a tradução é, por excelência, uma transferência psico-analítica.

" (...) translation is, both formally and psychologically, a process of inscape, (...). The foreign poem is not merely an object, but an archetype, which provokes an active spiritual impact. (...) the translator is a ' character in search of an author ', in whom he can identify, or at least transpose, a part of himself. " (23)

Em suma, destas atitudes críticas em relação à tradução infere-se que o acto de traduzir não pressupõe exclusivamente uma transferência linguística a partir de uma obra acabada, mas antes uma segunda criação a partir de uma interpretação ou intuições básicas acerca do original.

Após esta breve panorâmica histórica das vicissitudes

inerentes à teoria e prática da tradução, pretendemos, antes de mais, sublinhar o facto de que a análise de uma ou mais traduções se poderá transformar num estudo muito mais aliciante e muito menos árido do que a priori poderíamos pensar. Verificámos que um dos pólos mais comuns de atenção tem sido o aspecto criativo da tradução. Traduzir por traduzir é um assunto quase exclusivamente de alguns eruditos ou linguistas. Na maioria dos casos, o móbil do tradutor não consiste tanto em dar-nos uma reprodução gratuita do texto original, mas antes em renová-lo, quer a nível de vocabulário ou personagens, quer a nível de ideias ou imagens.

Além disso, esta visão panorâmica permite-nos perspectivar diacronicamente a leitura da tradução de Mickle não só em relação ao passado, no que ele influenciou a atitude dos neo-classicistas, como também em relação ao presente, nomeadamente no que ele nos ensinou quanto à peculiaridade do acto de leitura.

Mickle, como qualquer escritor de uma versão - " It only remains to give some account of the Version of the Lusiad, which is now offered to the Public. " (24) - não procederá com certeza a uma transferência exacta do seu original. Muito embora o tradutor de uma versão compartilhe basicamente da interpretação do tema feita pelo autor original, ele não reage assim relativamente a determinados pormenores a nível de estilo ou conteúdo, por pensar que as suas próprias variações tornam o texto, sob o ponto de vista da leitura, mais acessível. Portanto, a versão pressupõe fundamentalmente um

exercício de reinterpretação e de reescrita com vista a aumentar o seu valor comunicativo, o que nos remete de imediato para as teorias interpretativas mais modernas, que tendem a fazer da interpretação uma criação subjectiva de sentido.

Contudo, não podemos deixar agora de circunscrever este estudo introdutório ao conceito de tradução para Mickle e àquele que de um modo geral vigorava na Inglaterra do período augustano.

Qualquer avaliação de uma tradução só poderá ser feita se tomarmos também em consideração os mecanismos e os objectivos que presidiram à sua elaboração. No caso de Mickle, proceder a tal análise é cair inevitavelmente nas teorias dos seus antecessores mais imediatos, uma vez que às suas ideias acerca da tradução, apresentadas de uma forma sucinta e superficial, se encontram totalmente desprovidas de originalidade, constituindo, por isso, um eco das teorias em voga desde a última metade do século XVII.

Sintetizando, diríamos que as opiniões de Mickle acerca da tradução assentam sobre três vectores básicos, intimamente inter-ligados entre si: condenação da tradução literal, equiparação do estatuto do tradutor ao do poeta e defesa da autonomia literária da obra traduzida.

Vejamos, então, o que o supracitado tradutor nos diz relativamente ao primeiro aspecto:

" The translator's feelings alone must direct him,

for the spirit of poetry is sure to evaporate in literal translation.

Literal translation of poetry is in reality a solecism. You may construe your author, indeed, but if with some Translators you boast that you have left your author to speak for himself, that you have neither added nor diminished, you have in reality grossly abused him, and deceived yourself. Your literal translation can have no claim to the original felicities of expression, the energy, elegance and fire of the original poetry. It may bear indeed a resemblance, but such a one as a corpse moved in the bloom and vigour of the life.

Nec verbum verbo curabis reddere, fidus

Interpres —

was the taste of the Augustan age. " (25)

Esta deliberada decisão em enveredar por uma tradução mais ou menos livre, apoiando-se na liberdade concedida pelo princípio de Horácio, era apanágio do período decorrente entre 1650-1800, uma fase importante na história da tradução literária em Inglaterra, caracterizada por uma intensa actividade teórico-prática.

Neste âmbito pretendemos começar por salientar um grupo de realistas, que dedicaram grande parte do seu tempo à tradução, dos quais se destacam Sir John Denham e Abraham Cowley, devido ao impacto e à repercussão das suas teorias. A sua importância deve-se ao facto de terem consolidado um novo modo de traduzir, segundo o qual a questão da fidelidade se punha em termos altamente artísticos, visto que o que interessava

manter era o espírito e a fama do original, mais do que as palavras ou expressões.

Eis o que Sir John Denham preconiza no poema "To Sir Richard Fanshaw upon his Translation of Pastor Fido" (1648), considerado como o manifesto introdutor deste novo modo de traduzir:

" That servile path thou nobly dost decline
 Of tracing word by word, and line by line.
 Those are the labour'd births of slavish brains,
 Not the effect of Poetry, but pains
 Cheap vulgar arts, whose narrowness affords
 No flight for thoughts, but poorly sticks at words.
 A new and nobler way thou dost pursue
 To make Translations and Translators too.
 They but preserve the Ashes, thou the Flame,
 True to his sense, but truer to his fame. " (26)

Traduzir é, portanto, uma arte que não se compadece com servilismos verbais, aniquiladores do valor poético da obra original. Para Denham, traduzir chega quase a ser sinónimo de poetizar, dado que a tradução parece estar dependente de determinados actos criativos. É nesta óptica que se insere o seguinte trecho extraído do prefácio à sua tradução The Destruction of Troy (1656):

" I conceive it a vulgar error in translating Poets, to affect being Fidus Interpres; let that care be with them who deal in matters of Fact, or matters of Faith: but whosoever aims at it in

Poetry, as he attempts what is not required, so shall never perform what he attempts; for it is not his business alone to translate Language into Language, but Poesie into Poesie; & Poesie is of so subtile a spirit, that in pouring out of one language into another, it will all evaporate; and if a new spirit be not added in the transfusion, there will remain nothing but a Caput mortuum ". (27)

Se Mickle leu ou não as teorias de Denham, expostas nas duas obras acima citadas, é uma questão irrelevante, à qual não nos cabe agora responder. Relevante, sim, é a utilização de um mesmo tipo de linguagem analógica, que, ao longo deste período, caracteriza o discurso crítico sobre a tradução. Palavras como "spirit", "soul", "fire" e o emprego de imagens vivificantes por oposição às suas congêneres antagônicas são comuns nos prefácios de meados do século XVII até aos finais do século XVIII.

Todavia, não podemos deixar de assinalar a similitude quanto à linguagem metafórica que tanto Denham como Mickle usam. Ambos os tradutores se referem à morte para esclarecer que a tradução literal é uma potencial destruidora das qualidades poéticas do original.

Já Perrot d'Ablancourt, uma das personalidades importantes no domínio da tradução em França nos meados do século XVII, na introdução à sua tradução Thucydides (1662), empregara uma metáfora semelhante, ao rejeitar o erro em que incorriam os tradutores meticolosos : "'pour un corps vivant ne donnent

qu'une carcasse, font un monstre d'un miracle.' " (28)

De facto, nas teorias de Denham poder-se-á vislumbrar reminiscências do pensamento de Ablancourt e do seu concidadão Chapman, que teve o mérito de dar um passo inovador em relação aos seus contemporâneos, orientando a sua teoria para a totalidade do universo artístico do autor original - " to the whole work filled with the soul of a native and natural expression " (29) - de forma a que o tradutor se não limitasse à transferência do significado restrito das palavras ou expressões, mas captasse o espírito do original.

Abraham Cowley é, do grupo dos realistas, o que levou até às últimas consequências o novo modo de traduzir. Receptivo às teorias de Ablancourt expostas em Lucien, Cowley, no prefácio à tradução Pindarique Odes (1656), estabelece a imitação como um ramo da tradução ou como uma alternativa viável.

" (...) though the Grammarians and Criticks have labored to reduce his Verses [Pindar's] into regular feet and measures (...) yet in effect they are little better then Prose to our Ears. And I would gladly know what applause our best pieces of English Poesie could expect from a Frenchman or Italian, if converted faithfully, and word by word, into French or Italian Prose. (...).The like happens too in Pictures, from the same root of exact Imitation; which being a vile and unworthy kinde of Servitude, is incapable of producing any thing good or noble. (...). Upon this ground, I have in these two Odes of Pindar taken, left out, and added what I please; nor make it so much my aim to let the Reader know

precisely what he spoke, as what was his way and manner of speaking; " (30)

Este prefácio é tido como o manifesto libertino dos tradutores do último quartel do século XVII, ainda que, segundo T.R.Steiner, não deva ser identificado com a teoria da tradução prevalecente na Inglaterra da Restauração.

Porém, isto não obsta a que a prática da tradução, durante este período, não tivesse conhecido uma grande liberdade de acção, pois, como o grande crítico e escritor inglês Samuel Johnson faz notar:

" In the general emulation of wit and genius which the festivity of the Restoration produced, the poets shook off their constraint, and considered translation as no longer confined to servile closeness. (...) The wits of Charles' time (...) translated always with freedom, sometimes with licentiousness, and, perhaps, expected that their readers should accept sprightliness for knowledge, and consider ignorance and mistake as the impatience and negligence of a mind too rapid to stop at difficulties, and too elevated to descend to minuteness. Thus was translation made more easy to the writer, and more delightful to the reader; and there is no wonder if ease and pleasure have found advocates. The paraphrastic liberties have been almost universally admitted; " (31)

John Dryden , uma das figuras cimeiras da crítica da

tradução do período augustano, insurge-se contra este tipo de liberdades. Ao contrário dos seus predecessores, Dryden procurou sistematizar e fundamentar a prática da tradução em leis objectivas, no prefácio à sua tradução Ovid's Epistles (1680), procedendo para isso a uma diferenciação entre os vários tipos de traduções existentes.

" All translation [...] may be reduced to these three heads.

First, that of Metaphrase, or turning an Author word by word, and Line by Line, from one Language into another. [...]. The second way is that of Paraphrase, or Translation with Latitude, where the Author is kept in view by the Translator, so as never to be lost, but his words are not so strictly follow'd as his sense, and that too is admitted to be amplyfied, but not alter'd. [...]. The third is that of Imitation, where the Translator (if now he has not lost that Name) assumes the liberty, not only to vary from the words and sence, but to forsake them both as he sees occasion; and taking only some general hints from the Original, to run division on the ground-work, as he pleases. " (32)

Destes três tipos básicos de tradução, Dryden opta por uma situação intermédia entre a metáfrase e a paráfrase, de forma a criar um equilíbrio entre a precisão e a imprecisão verbal.

Porém, com o decorrer dos anos, ao aperceber-se da complexidade e da multiplicidade dos processos de traduzir,

Dryden adopta uma atitude mais permissiva. É assim que no seu próximo volume de traduções, Sylvae (1685), declara:

" 'I have many times exceeded my comission; for I have both added and omitted, and even sometimes very bodly made such expositions of my authors, as no Dutch commentator will forgive me. Perhaps, in such particular passages I have thought that I discovered some beauty yet undiscovered by these pedants which none but a poet could have found ' ". (33)

Na dedicatória da sua tradução The Aeneid (1697), um dos clássicos das traduções inglesas mais prestigiados, Dryden confessa igualmente ter omitido algumas ideias e ter juntado outras, apesar de ter seguido uma metodologia que se situava entre os dois extremos, o da paráfrase e o do tradução literal. Para justificar este procedimento, declara que as omissões apenas se verificaram em relação a alguns pormenores, ao passo que os aumentos não eram inteiramente seus, uma vez que estavam implícitos no sentido do original e dele poderiam ser deduzidos.

Alexander Pope, no prefácio à sua tradução The Iliad (1715) - o outro grande clássico da tradução inglesa -, parece limitar teoricamente o conceito de Dryden, ao afirmar:

" It is the first grand Duty of an Interpreter to give his Author entire and unmaim'd; " (34)

Contudo, mais adiante, referindo-se às liberdades

susceptíveis de serem tomadas para manterem vivo " the Fire of the Poem ", estabelece um princípio expressamente vago - " I know (sic) no Liberties one ought to take, but those which are necessary for transfusing the Spirit of the Original, and supporting the Poetical Style of the Translation " (35) -, apto a abarcar as várias alterações do original que, segundo a crítica, se encontram presentes na sua tradução.

Samuel Johnson, em " Life of Pope " (1779-81), a propósito dos aumentos introduzidos pelo mencionado tradutor, acaba por argumentar que, se através deles se ganhou elegância e nada foi retirado, " to have added can be no great crime. " (36)

Como vemos, a convicção de que uma tradução literal nunca constituiria uma réplica justa, à altura de um original, está profundamente enraizada no tempo que antecedeu e acompanhou a vida de Mickle. Daí que a tradução fosse geralmente considerada como uma arte imitativa, ou seja, como uma actividade mimética. De facto, o conceito de tradutor como pintor ou imitador encontrava-se muito difundido ao longo do século XVIII.

A atitude anti-literal para com a tradução gira em torno de uma elevada concepção da mesma. O acto de traduzir surge antes de mais como uma arte que requer uma enorme sensibilidade artística e estética por parte do tradutor. Em suma, o tradutor é um poeta. É nesta perspectiva que se enquadra a seguinte observação de Mickle:

" None but a Poet can translate a Poet. The

freedom which this precept gives, will, therefore, in a poet's hands, not only infuse the energy, elegance and fire of his author's poetry into his own version, but give it also the spirit of an original. (...). He who attempts the manner of translation prescribed by Horace, ventures upon a task of genius. " (37)

Mickle expressa mais uma vez uma noção comum da sua época, a de que os tradutores devem ser tão bons como os autores que traduzem, o que confere ao tradutor uma certa dimensão olímpica. Com efeito, a criatividade e a originalidade são dois elementos que se encontram centrados na pessoa do tradutor, por muito paradoxal que isto pareça.

George Chapman foi talvez o primeiro a incentivar os tradutores a alcançarem o espírito do poeta original: "aspire/ As well to reach the spirit that was spent/ In [the author's] example, ' ". (38) Denham, por seu turno, sugere uma transferência criativa de " Poesie into Poesie ". Dryden também reconhece que o tradutor deve ser um poeta. William Guthrie, no prefácio à sua versão The Orations of Marcus Tullius Cicero (1741), confessa que pretendia que ela respirasse " the Spirit of an Original ". (39) Thomas Gordon concebe o tradutor como alguém possuidor de um gênio equiparável ao do poeta original: " I doubt no work of Genius can be well translated, but by an Author of Genius; (...) Cicero was a good Translator, because he was a great Genius".(40) Por último, Alexander Fraser Tytler propõe " a perpetual contest of genius " (41) entre o autor original e o

seu tradutor. No fundo, a questão fundamental subjacente ao raciocínio de Tytler continua a ser a legitimação do direito do exercício da originalidade ou da criatividade por parte do tradutor.

A doutrina platônica da inspiração divina da poesia teve decerto repercussões na concepção do papel do tradutor, na medida em que o que ele visa é, por assim dizer, uma transferência do texto original, não só a nível linguístico e artístico, como também metafísico. A orientação deste contexto crítico, no qual Mickle está inserido, radica, como vemos, nos prenúncios de uma revolução estética que culmina com o desabrochar do Romantismo, onde a originalidade e a criação são elementos fundamentais da nova estética literária. Com a crescente importância atribuída a este tipo de valores que em princípio punham em perigo o estatuto da tradução, o que se fez foi integrá-los no seu seio.

A necessidade de uma consciência criativa que se traduz por uma identidade de génios ou por um laço empático entre o tradutor e o autor original visa, em última análise, aquilo a que designámos como autonomia literária da tradução. A tradução surge como um trabalho que tem que estar vivo no contexto socio-cultural que a acolhe. O tradutor, para além de ser um linguista e um poeta, tem um dever para com os seus contemporâneos. Ele não escreve isoladamente para uma minoria, mas para a totalidade dos seus leitores virtuais. É, no fundo, este sentido de autonomia artística e de contemporaneidade que se afigura responsável pelo sucesso de uma tradução.

Decerto que Mickle se apercebera do dever moral do tradutor para com o seu público e da importância da autonomia literária da tradução quando afirma:

" It was not to gratify the dull few, whose greatest pleasure in reading a translation is to see what the author exactly says; it was to give a poem that might live in the English language which was the ambition of the Translator. " (42)

Já o Dr. Johnson declarara, a propósito da tradução de Pope, que o critério determinante do mérito de uma tradução literária está dependente do seu sucesso enquanto poema inglês. Para ele, o objectivo de um tradutor é agradar e ser lido, argumentando que Pope escreveu para o seu tempo e nação.

Ora, o que se visa é, por assim dizer, a naturalização da obra original a vários níveis: linguístico, literário e cultural.

No que diz respeito ao aspecto linguístico, regista-se uma tendência para a modernização do discurso poético. Ao contrário dos tradutores vitorianos, que se esforçaram por conferir a ideia da distância do original a nível espacial e temporal, nomeadamente através do uso de arcaísmos, os tradutores do século XVIII procuraram anular essa noção de distância.

Quanto à actualização literária, há um elemento que se reveste de uma importância fundamental, o poder de agradar ou de sensibilizar o leitor, o que está intimamente interligado

com a questão do gosto, cujos padrões estão de antemão definidos pela tradição literária do público receptor. Traduzir uma passagem que choque com o gosto da época é um erro em que se não deve incorrer. Este preceito, oriundo de Cícero (43), encontra-se perfeitamente actualizado no período augustano, como faz notar Tytler a respeito da tradução de Pope:

" We find frequently in Homer, (...) some circumstances (...) which diminish the merit of thought or of the description. In such instances, the good taste of the translator invariably covers the defect of the original, (...) in the beginning of the 3d book, there is one circumstance which offends against good taste. (...). With what superior taste has the translator (...) exchanged the offending circumstance for a beauty. " (44)

A preocupação com o público assume por fim uma dimensão cultural, passível de se manifestar nas virtualidades filosóficas de uma tradução, ou seja, nos ensinamentos que dela se possam extrair. Para os augustanos, a tradução desempenhava uma função didáctica que não é de modo algum para ser negligenciada, pois, como nos diz Douglas Knight,

" (...) a second major use of translation by the Augustans is the light it throws on current convictions - and perhaps equally on current self-deceptions. Translation serves as a

corrective to that provinciality of mind which would take as gospel anything an age seems satisfied with. (...) the validity of translation lies in its provision of the necessary foil for immediate experience. " (45)

Creemos ter demonstrado que a teoria de Mickle acerca da tradução nos remete para uma série de cânones distintivos do período decorrente entre meados do século XVII e finais do século XVIII, sem o estudo dos quais nos não poderíamos aperceber correctamente de certas alterações do poema épico camoniano.

Neste contexto, não queríamos deixar de mencionar, de entre os vários artigos publicados pela imprensa periódica sobre The Lusiad, aquele que, por constituir um excelente repositório dos lugares comuns sobre a teoria da tradução - " An Essay on Translation ", in The Gentleman's Magazine, August, 1771 - se serve da publicação do primeiro canto para fazer generalizações acerca dos deveres que assistem a um tradutor, o que mais uma vez corrobora a adequação da atitude de Mickle às expectativas do seu tempo.

" It has been said of translators, (...) that they should be able to do something like what they translate, (...) be almost as good original authors as those they translate; and if we duly consider their necessary qualifications, a nice judgment to distinguish and preserve all the beauties of their original; a capacity of giving to the manners

their strong and lively mark; to the speeches their true character and spirit; to the sentiments, their full force and sublimity; to the descriptions, their natural and animated colours; (...) this can never be obtained by a literal translation; (...). In short, I apprehend that translation will bid fairest for success, which has most intrinsic merit, and which reads most like an original.

I have been induced to make these remarks by the perusal of a translation lately published at Oxford by Mr. Mickle; ". (46)

NOTAS

- 1 Apud S.Bassnett-McGuire, Translation Studies, London/ New York, 1985, p.55. (1^a ed., 1980.)
- 2 Louis Kelly, The True Interpreter, Oxford, 1979, p.1.
- 3 George Steiner, After Babel, London/New York/Toronto, 1975, p.247.
- 4 Apud S.Bassnett-McGuire, op. cit., p.67.
- 5 Idem, ibidem, p.6.
- 6 De notar que Horácio nunca deu regras sobre a tradução. No entanto, isto não inibiu os críticos de se apropriarem do seu famoso preceito " nec verbum curabis reddere, fidus/ interpres ", que dizia respeito a uma das funções do poeta.
- 7 Apesar da edição de 1680 ser a mais conhecida, há, contudo, uma primeira edição menos desenvolvida, que data de 1661.
- 8 Apud George Mounin, Les Belles Infidèles, Paris, 1955, pp. 77-78.
- 9 Horácio, Arte Poética, Lisboa, Edição bilingue, 1984, p.76.
- 10 A expressão belles infidèles parece ter sido empregada pela primeira vez por Ménage, a propósito da tradução de Perrot d'Ablancourt, Lucien, que apareceu em 1654-55. Vd. P.Brunel et al., Qu'est-ce que la Littérature Comparée ?, Paris, 1983, p.45.
- 11 Alexander F. Tytler, Essay on the Principles of Translation, Edinburgh, 1813, pp.13-15. (1^a ed., 1791.)

- 12 Idem, ibidem, pp.15-16.
- 13 Convém notar que os aumentos ou omissões, enfim, as liberdades que estão ao alcance do tradutor, são determinadas pela natureza da obra: " It may be stated as a general observation, that the nature of the work ought to regulate the conduct of the translator with regard to the strictness he must observe, or the liberties he may use with his original. Works which consist of fact and detail demand a more scrupulous fidelity than those of which the basis is sentiment." (Ibidem , pp.55-56.) Para mais pormenores a este respeito, vd. o resto do capítulo III da obra de Tytler da edição consultada, pp.35-61.
- 14 Louis Kelly, op.cit., p.3.
- 15 Apud Josef Čermák, " La Traduction du Point de Vue de l'Interprétation ", in James S.Holmes et al. (ed.), The Nature of Translation, Mouton/ The Hague /Paris, 1970, p.26.
- 16 Eugene A. Nida, " Principles of Translation as Exemplified by Bible Translating ", in Reuben Brower (ed.), On Translation, Cambridge/ Massachussets, 1959, p.19.
- 17 Roman Jakobson, " On Linguistic Aspects of Translation ", in ibidem , p.233.
- 18 George Steiner, op. cit. p.238.
- 19 Renato Poggioli, " The Added Artificer ", in Reuben Brower (ed.), op. cit., p.137.
- 20 Roland Barthes, " L'Activité Structuraliste ", in Essais Critiques, Paris, 1964, p.215.
- 21 André Lefevere, Translating Poetry: Seven Stratagies and a

- Blue Print, Assen/Amsterdam, 1975, p.103.
- 22 Jackson Mathews, " On Translating Poetry ", in Reuben Brower (ed.), op. cit., pp.68-69.
- 23 Renato Poggioli, " The Added Artificer ", in ibidem, pp.141-142.
- 24 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.CXLIX.
- 25 Idem, ibidem, pp.CXLIX-CL.
- 26 Sir John Denham, " To Sir Richard Fanshaw upon his Translation of Pastor Fido " , in T.R.Steiner, English Translation Theory, 1650-1800, Assen/Amsterdam, 1975, pp.63-64.
- 27 Idem, " The Preface " to The Destruction of Troy , in ibidem, pp.64-65.
- 28 Apud T.R. Steiner, ibidem, p.17.
- 29 Idem, ibidem, p.11.
- 30 Abraham Cowley, " Preface " to Pindarique Odes, in ibidem, p.67.
- 31 Samuel Johnson, The Rambler and the Idler, n° 69, London/Edinburgh, 1876, p.75.
- 32 John Dryden, " The Preface " to Ovid's Epistles, in Ovid's Epistles, London, 1680, s.p.
- 33 Apud T.R.Steiner, op. cit., pp.29-30.
- 34 Alexander Pope, " Preface " to The Iliad , in ibidem, p.90.

- 35 Idem, " Preface " to The Iliad, in ibidem, p.91.
- 36 Samuel Johnson, " Life of Pope ", in ibidem, p.122.
- 37 W.J.Mickle, op. cit., p.CL.
- 38 Apud T.R.Steiner, op. cit., p.10.
- 39 William Guthrie, " Preface " to The Orations of Marcus Tullius Cicero ", in ibidem, p.98.
- 40 Thomas Gordon, " Introduction " to The Works of Sallust , in ibidem, p.102.
- 41 Alexander F. Tytler, op. cit. p.79.
- 42 W.J.Mickle, op. cit., p.CLI, (n.). Este "n" entre parêntesis indica que se trata de uma citação extraída de uma nota de rodapé.
- 43 A respeito da tradução dos discursos de Demóstenes e Ésquines, diz-nos Cícero o seguinte: " ' Si, comme je l'espère, j'ai rendu leurs discours en utilisant toutes leurs qualités, c'est-à-dire les phrases, les figures et la construction, serrant de près les mots, mais au point seulement où ils ne répugnent pas à notre goût, si donc nous n'avons pas traduit tous les éléments du texte grec, cependant nous nous sommes efforcés d'en reproduire le génie.' " (Apud Georges Mounin, op. cit., p.80.)
- 44 Alexander F. Tytler, op. cit., pp.88-89.
- 45 Douglas knight, " Translation: the Augustan Mode ", in Reuben Brower (ed.), op. cit., p.200.
- 46 D.Z., " An Essay on Translation ", in The Gentleman's

Magazine, vol.XLI, August, 1771, pp.349-350.

IV - THE LUSIAD E ALMADA HILL: uma leitura englobante

"To worth untitled would your fancy turn?
The Muse all friendless wept o'er Mickle's urn:
Mickle, who bade the strong poetic tide
Roll o'er Britannia's shores with Lusitanian pride."

(MATHIAS, Thomas J., The Pursuits of Literature,
London, Printed for T. Becket, Pall Mall, 1801, p.53.)

Vimos no capítulo anterior, ao apresentarmos a problemática inerente à teoria da tradução, quais os pressupostos teóricos que orientaram o trabalho de Mickle. O quadro atrás esboçado leva-nos a priori a encarar a sua tradução como uma reenunção própria de um sujeito histórico, interacção de duas poéticas, de duas culturas e de duas vivências.

De resto, esta parece ser a opinião generalizada dos estudiosos que se têm debruçado sobre o assunto desde o século XVIII até aos nossos dias. Robert Southey, "l'architecte principal de tout cet édifice anglo-portugais", (1) para utilizar as palavras de F. Walter, dado que parecem cristalizar toda a sua dedicação ao estudo da literatura e da História de Portugal, não esconde a sua admiração e preferência pela tradução de Mickle, em virtude das alterações levadas a efeito relativamente ao original. O reconhecimento da sua irreverência, isto é, da sua deliberada intenção de não proceder a uma tradução tanto quanto possível isenta de qualquer reelaboração cultural, ideológica ou literária - Mickle teria tratado Camões "with as little ceremony as the French used towards the Italian pictures which they re-painted in the Louvre; " (2) - não inibe Southey de avaliar positivamente as qualidades poéticas da tradução de Mickle enquanto "English Lusiad", expressão que nos remete desde logo para uma apropriação textual, porventura susceptível de evocar supressões, acrescentamentos, enfim, transformações de variada ordem.

" I never read a rhyme poem of any considerable

length, that wearied me so little as the English Lusiad; the versification has the ease of Dryden without his negligence, and the harmony of Pope without his cloying sweetness. " (3)

Um dos biógrafos de Mickle, Alexander Chalmers, também considera a sua tradução tributária de propósitos recreativos que intervieram, por assim dizer, na naturalização de Os Lusíadas e, conseqüentemente, no eclodir de Mickle como quase um artista original.

" Mickle has not only transfused the spirit, but has raised the character of his original. By preserving the energy, elegance and fire of Camoens, he has given an English Lusiad, a work which, although confessedly borrowed from the Portuguese, has all the appearance of having been invented in the language in which we find it. In executing this, indeed, it must be confessed that Mickle has taken more liberties with his original than the laws of translation will allow; but they are of a kind not usually taken by translators, for he has often introduced beauties of his own equal to any that come from the pen of Camoens." (4)

Igualmente R.A.Davenport, ainda que de uma forma mais explícita, não hesita em apelidar Mickle de um co-autor.

" His enlargements and interpolations, (...), are so numerous that he may almost be considered as

the joint author of the poem. It must be denied that he is a faithful translator; it must be owned that he is something of a higher order. "

(5)

Edward Quillinan, lusófilo digno de apreço pelas suas obras, de entre as quais se destaca não só a tradução dos cinco primeiros cantos de Os Lusíadas, como outros trabalhos representativos do seu interesse por assuntos portugueses (6), não compartilha o propósito encomiástico dos autores supracitados. Porém, o seu juízo crítico relativo à tradução de Mickle - " 'a most audacious hambug ', ' a pompous bombastic paraphrase ', 'splendid fustian or farrago of garbage' and a 'Mock-Lusiad '" (7) - ainda que nitidamente marcado por uma atitude emocional algo exacerbada, não deixa de nos chamar a atenção para as suas liberdades parafrásticas e, como consequência, para o desfasamento que se operou entre o original e a tradução.

Na esteira desta posição recriminatória, há a salientar ainda, por exemplo, Sir Richard Burton, camonista notável, não só pela tradução de Os Lusíadas e da lírica de Camões, mas também pelos estudos publicados sobre o nosso Poeta, cujo parecer não favorece em nada as referidas liberdades de Mickle.

" Mickle would have called his poem 'The Lusíads adapted from Camoens', and thus he would have won praise as quasi-original artist. In his own time he was considered 'fluent, lofty, and harmonious.' I can only say that his style

attacks my nerves, gives me 'crispations'." (8)

Mais recentemente, S. George West e Madonna Letzring, dois dos investigadores estrangeiros mais proeminentes no âmbito dos estudos camonianos, são também unânimes em considerar a tradução de Mickle como uma versão excessivamente livre do poema de Camões.

Vejamos o que um e outro nos dizem em relação a este assunto:

" Mickle viu, em Camões, uma fonte de inspiração para refrescar a sua própria imaginação poética, tornando-se ' Os Lusíadas ' num veículo para transportar outro poema." (9)

e

" Mickle embellished until only the basic story was recognized as Camoens'." (10)

Contudo, não é nossa intenção, à semelhança de alguns dos autores acima mencionados, tecer panegíricos a Mickle ou condená-lo pelo que traduziu com fidelidade ou pelo que indiscriminadamente deturpou. Afigura-se-nos tarefa mais aliciante e produtiva, como referimos na introdução, a que consista numa aproximação à obra que funcione em termos literários e culturais, já que, como vimos, a história da tradução parece seguir a história do gosto e da estética literárias.

Para além disso, o alargamento da leitura mickliana de Os Lusíadas a Almada Hill: an Epistle from Lisbon (11) torna-se tanto mais pertinente quanto verificamos que, para Mickle, tradução chega a ser sinónimo de reestruturação, exercício poético vinculado a uma determinada obra e autor, embora, por paradoxal que pareça, gozando de uma certa autonomia.

Almada Hill teria sido concebido em Dezembro de 1779, de acordo com o que nos diz Mickle no prefácio, durante uma das suas deambulações pelas ruínas do castelo de Almada, situado nos rochedos escarpados da margem esquerda do Tejo em frente a Lisboa:

" In December, 1779, as the Author was wandering among these ruins he was struck with the idea, and formed the plan of the following poem; an idea which, it may be allowed, was natural to the Translator of the LUSIAD, and the plan may, in some degree, be called a supplement to that work. " (12)

Considerado na sua globalidade, este poema, escrito em dístico heróico, tal como a tradução de Os Lusíadas (13), é fundamentalmente uma reconstituição imaginativa do passado de Portugal, mistura eclética de historicismo, de descrições da paisagem local e de alusões políticas a Inglaterra.

Se, por um lado, esta direcção retrospectiva do olhar nos remete para a evocação da História de Portugal feita por Camões a partir do canto III até à estrofe 77 do canto IV, bem como para a restante tessitura histórica subjacente à acção

principal de Os Lusíadas, por outro lado, o género épico e epistolar são assaz distintos, visto que o estilo grandiloco não se coaduna com o estilo mais simples e íntimo que caracteriza as epístolas em geral.

Porém, a inexistência de uma sequência formal em nada invalida uma continuidade temática, uma vez que o género epistolar abarca uma grande variedade de temas, passíveis, neste caso, de virem a constituir um tecido verbal variado e ao mesmo tempo único, sendo, portanto, comum a alguns dos desvios e liberdades que ocorreram na tradução de Os Lusíadas.

Aliás, convém desde já notar que, em matéria de inspiração poética, existe um elo de união entre Os Lusíadas e Almada Hill, eventual prenúncio de novos pontos de convergência. Em Camões não são as Musas em geral, mas as Tágides, isto é, as musas portuguesas, que inspiram o seu canto.

" E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
[...]
Dai-me agora um som alto e sublimado, "
(c.I, est.4, v.1-2,5)

Curiosamente em Almada Hill são as Lusian Muses que surgem como a fonte de inspiração do poeta.

" O'er Tago's banks where'er I roll mine eyes
The gallant deeds of ancient days arise;
The scenes the Lusian Muses fond display'd
Before me oft, as oft at eve I stray'd

By Isis' hallowed stream." (p.165)

Tal como o professor S.George West notou, Mickle encontrou em Camões e em Portugal uma forma de retemperar a sua imaginação poética. Com efeito, tanto num caso como noutro é Portugal, em última instância, que determina o aparecimento da mensagem poética, já que as Tágides e as Lusian Muses não são mais do que expressões metonímicas de um conceito mais lato, o de Nação portuguesa por oposição ao que é estrangeiro.

Todavia, na génese da similitude desta fonte de inspiração, temos que dicotomizar duas atitudes diferentes: a de Camões, a do Poeta que canta por amor da Pátria - do " pregão do ninho meu paterno " - e a do poeta tradutor, que se serve da pátria de outrem para elaborar o seu próprio canto.

Um dos lugares comuns da crítica setecentista de origem inglesa foi o de que Camões escreveu o poema épico do Comércio. Com efeito, Mickle chama a Os Lusíadas " the Epic of Commerce ", procurando estabelecer a nível de nomenclatura uma relação analógica com o Paradise Lost de Milton, tido como a epopeia da Religião.

Logo de imediato não podemos deixar de fazer algumas reservas quanto ao cariz generalizante desta designação, que confere ao poema uma universalidade que não existe, enquanto poema épico nacional. Basta, para isso, recordar a proposição de Os Lusíadas, uma vez que nos dá de imediato uma visão

sintética do tema que irá ser tratado, para verificar que o poema constitui a memória de um povo, do "peito ilustre Lusitano", registo poético dos seus feitos e do seu valor. "As armas e os barões", eis, em suma, os dois vectores em torno dos quais o poema se encontra estruturado. A corroborar esta interpretação, há a salientar a história narrada por Vasco da Gama ao Rei de Melinde, bem como a galeria de guerreiros apresentados por Paulo da Gama ao Catual, cujo alcance parece justificar a intenção de um poema épico nacional.

Daí que a interpretação mickliana de Os Lusíadas como epopeia do Comércio pareça evidenciar objectivos de ordem pessoal ou ideológica, passíveis de se tornarem modeladores da leitura do poema épico camoniano. Em última instância, o que Mickle parece visar é a adequação do poema à conjuntura histórico-cultural da Inglaterra de setecentos, herdeira do período áureo das descobertas portuguesas do século XVI.

É disto exemplo o seguinte trecho:

" But though the subject of Camoens be particularly interesting to his countrymen, it has also the peculiar happiness to be the Poem of every trading nation. (...). And in a particular manner the Epic Poem of whatever country has the controul and possession of the commerce of India. " (14)

Concomitantemente, as recensões críticas da imprensa periódica da época aproveitam, de um modo geral, passos idênticos ao acima citado para ilustrarem a adaptação da

temática de Os Lusíadas à mundividência dos seus leitores.

O tradutor augustano, como nos diz Douglas Knight, para compensar as perdas que se registam na transferência de um texto da língua original para a língua receptora, tem que se afirmar não tanto como erudito, mas antes como membro pleno da sua sociedade, permanecendo alerta para as questões mais problemáticas do seu tempo. Em suma, o tradutor tem que escrever para um público maioritário e procurar que a sua tradução seja um ponto de encontro entre ele, o autor original e os seus concidadãos.

Não há dúvida de que Mickle compreendia esta exigência. Caso contrário, não teria apresentado Os Lusíadas como "the Epic of Commerce", ou mais concretamente, da civilização mercantil, cujo início faz remontar ao estabelecimento do império comercial no Oriente, levado a cabo com a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Antes de mais, importa compreender porque é que o tema do comércio era tão sedutor para os augustanos. De acordo com Arthur Humphreys, o desenvolvimento económico tinha-se tornado desde 1660 até 1780 um dos objectivos prioritários da sociedade augustana. A obra de Daniel Defoe Tour Thro' the Whole Island of Great Britain (1724-7) dá-nos conta, de acordo com o autor supracitado, da enorme movimentação económica por todo o país que via nos novos progressos tecnológicos e no comércio uma forma de crescimento ímpar.

Mais tarde, James Thomson, no seu poema Liberty (1736), dedica também alguns versos ao progresso que se regista a nível urbano e rural, realçando o aspecto eufórico que o

caracteriza, cujos registos de valor denotam a sua adesão emocional a este crescimento económico:

" (...) cities full
 'Of wealth, of trade, of cheerful toiling crowds;
 'Add thriving towns; add villages and farms
 'Innum'rous sow'd along the lively vale,
 'Where bold unrivall'd peasants happy dwell;" (15)

Na prática, o crescente progresso económico deu origem à construção de determinadas organizações que se afiguravam importantes para o bom funcionamento da nova sociedade mercantil, como foi o caso, entre outras, do Banco de Inglaterra (1694), de companhias de seguros e ainda da Society for the Encouragement of Arts, Manufactures and Commerce (1754).

De tudo isto advém uma valorização cada vez mais notória da dignidade do homem de negócios em particular e da vida económica em geral. Como J.H.Plumb notara, o comércio, para os políticos do século XVIII, era sinónimo de riqueza, e esta, por sua vez, simbolizava o poder.

Londres substitui Lisboa, enquanto capital de um novo empório comercial. Já em 1667 Andrew Marvell, em The Last Instructions to a Painter, se refere a Londres como o ponto fulcral de toda a actividade comercial.

" Those ships that yearly from their teeming hole
 Unloaded here the birth of either Pole -
 Furs from the north and silver from the west,

Wines from the south, and spices from the east;
From Gambo gold, and from the Ganges gems - ". (16)

Consequentemente a Grã-Bretanha surge como uma das grandes potências marítimas a nível mundial. É mais uma vez James Thomson que, no seu poema patriótico Liberty, canta o despertar da Grã-Bretanha para o domínio dos mares e de um vasto império .

" 'O the dear prospect! O majestic view!
'See Britain's Empire! (...)
'(...) For Britons, chief,
'It was reserv'd, with star-directed prow,
'To dare the middle deep, and drive assur'd
'To distant nations thro' the pathless main.
'(...)
'(...) let Arabia breathe
'Her spicy gales, her vital gems distil;
'Turbid with gold, let southern rivers flow,
'And orient floods draw soft o'er pearls their maze:
'Let Afric vaunt her treasures:(...)
'(...)
'Yet nor the gorgeous East nor golden South
'Nor in full prime that new-discover'd world
'Where flames the falling day in wealth and praise,
'Shall with Britannia vie, (...)
'(...)
'All ocean is her own, and every land
'To whom her ruling thunder ocean bears." (17)

Também a ode XI de William Whitehead, poeta laureado, intitulada " For the New Year.1765." , que, segundo Monica

Letzring (18), poderia ter influenciado Mickle, levando-o a traduzir Os Lusíadas, assim como a escrever a extensa Introdução e notas dispersas ao longo da tradução, constitui um cantar apologético dos temas do comércio e da liberdade. Os vaticínios do espírito do Cabo prognosticam a exploração absoluta das riquezas das terras do Crescente por parte da Grã-Bretanha. O Tejo ver-se-á eclipsado pelo Tamisa, grande porto de acolhimento dos produtos vindos do Oriente:

" Sacred to thee,
 O Commerce, daughter of sweet Liberty,
 Shall flow the annual strain!
 Beneath a monarch's fostering care
 Thy sails unnumber'd swell in air,
 And darken half the main.
 From every cliff of Britain's coasts
 We see them toil, thy daring hosts
 Who bid our wealth increase,
 Who spread our martial glory far,-
 The sons of fortitude in war,
 Of industry in peace.
 On woven wings,
 To where, in orient clime, the grey dawn springs,
 To where soft evening's ray
 Sheds its last blush, their course they steer,
 Meet, or o'ertake, the circling year,
 Led by the lord of day.
 Whate'er the frozen poles provide,
 Whate'er the torrid regions hide,
 From Sirius' fiercer flames,
 Of herb, or root, or gem, or ore,
 They grasp them all from shore to shore,
 And waft them all to the Thames.

When Spain's proud pendants wav'd in western skies,
 When Gama's fleet on Indian billows hung,
 In either sea did Ocean's genius rise,
 And the same truths in the same numbers sung.
 'Daring mortals, whither tend
 These vain pursuits? Forbear, forbear!
 These sacred waves no keel shall rend,
 No streamers float on this sequestr'd air!
 - Yes, yes, proceed, and conquer too;
 Success be yours: but, mortals, know,

'Know, ye rash adventurous bands,
 To crush your high-blown pride,
 Not for yourselves, or native lands,
 You brave the seasons, and you stem the tide.
 Nor Betis', nor Iberus' stream,
 Nor Tagus with his golden gleam,
 Shall insolently call their own
 The dear-bought treasures of these worlds unknown.
 A chosen race to freedom dear,
 Untaught to injure, as to fear,
 By me conducted, shall exert their claims,
 Shall glut my great revenge, and roll them all to
 Thames.' " (19)

A par da atitude efusiva adveniente do estabelecimento de um império além-fronteiras, ocorre observar o apreço igualmente entusiástico dos augustanos por horizontes diferentes e distantes e, por isso mesmo, mais exóticos. Ainda que, na primeira metade do século XVIII, o comércio com a América do Norte fosse muito mais importante do que com a Índia, esta desempenhava uma atracção de considerável relevo a nível do imaginário colectivo, devido à sua identificação

paradigmática com a terra da abundância e da riqueza. Assim, por exemplo, já em The Rape of Lock (1712) o toucador de Belinda reunia os perfumes e outros atractivos de ornamentação vindos do Oriente.

Os livros de viagens desempenharam um papel notável na difusão do interesse por terras remotas, de ente os quais cabe destacar New Voyage Round the World (1697), seguido mais tarde de Voyages and Descriptions (1699) e de Voyage to New Holland (1703) da autoria do comandante William Dampier, assim como o famoso livro de Jonathan Swift, Gulliver's Travels, publicado pela primeira vez em 1726, e Voyage through the World in the Years 1738-1746 (1766) de um oficial da marinha inglesa, John Byron.

Nas suas linhas necessariamente gerais, há ainda a salientar as viagens de circumnavegação do comodoro John Byron acima referido, avô de Lord Byron, em 1764, do comandante Samuel Wallis em 1766-68 e ainda as célebres expedições do comandante James Cook, realizadas entre 1768 e 1779.

Na sequência desta breve tentativa de contextualização histórico-cultural que tem girado em torno da apresentação de Os Lusíadas como "the Epic Poem of Commerce", assume particular destaque a longa Introdução ao poema da autoria de Mickle, repleta, segundo a opinião de um articulista de The Monthly Review, de "sensible observations and just political reflections." (20)

Na verdade, os vários ensaios que antecedem a tradução de Os Lusíadas evidenciam o papel intervencionista do tradutor a

que já tivemos ocasião de fazer referência, tornando-se quase tão importantes como a tradução. Disto nos dão testemunho as várias recensões críticas da tradução de Mickle publicadas pela imprensa periódica da época. Na sua maioria, todas elas dedicam grande atenção à Introdução, através de longas transcrições ou paráfrases, a que se juntam nalguns casos registos valorativos, denotadores da importância que a mesma assumiu no contexto cultural da Inglaterra de setecentos. Expressões e frases como " a copious and satisfactory introduction " (21) ou " his introduction and notes (...) display much historical knowledge, and a masterly spirit of criticism " (22) são comuns no domínio da crítica literária.

Esta avaliação positiva da Introdução prolonga-se até princípios do século XIX, como podemos verificar através do seguinte trecho extraído de um artigo de The Gentleman's Magazine:

" (...) in the introductory chapter, which announces, explains, and illustrates the Lusiad, and the circumstances in which it originated, he takes a brief view of a variety of topics growing out of his work. It is not too much to say, that these highly interesting and finished disquisitions must continue to be read with a degree of eagerness and pleasure inferior perhaps only to that with which we peruse the poem itself." (23)

No dizer de alguns dos críticos nossos contemporâneos, de

entre os quais destacamos Sister M. Eustace Taylor e S. George West, os ensaios introdutórios constituem um excelente índice da variedade dos temas que interessavam Mickle, bem como os seus concidadãos em geral. Com efeito, assim é. O próprio tradutor não escamoteia o seu apreço por essa enorme Introdução, que, segundo ele, constitui um dos seus trabalhos favoritos em prosa:

" [...] though authors are said to be bad judges of their own works, I am not ashamed to own to a friend that that dissertation is my favourite above all that I ever attempted in prose." (24)

Assim, no âmbito da primeira área temática que temos vindo a tratar - a projecção de Os Lusíadas como epopeia do Comércio - destaca-se a apologia do comércio enquanto instrumento fundamental na transformação de comportamentos civilizacionais e das relações inter-continentais.

Mickle, ao postular a eficácia socio-política do comércio, dirige em primeiro lugar todo o seu discurso no sentido de atacar as teses idealistas de J. Jacques Rousseau e de G.T. Raynal (25) para quem a simplicidade primitiva era a condição sine qua non para a obtenção da felicidade e do bem-estar social.

Recordemos, a título ilustrativo, os antecedentes filosóficos desta polémica, cujas repercussões se fazem sentir tão nitidamente em Mickle. Já na primeira metade do século XVIII se registara um movimento intelectual de índole satírico-reformista, cujo objectivo consistia em pôr a

descoberto os vícios da sociedade civilizada por oposição à pureza e à felicidade reinantes no estado selvagem.

Há vários escritores que, segundo a nossa opinião, merecem referência no âmbito desta polémica anti-social, de acordo com a análise de Louis Reynaud, E. Legouis e L. Cazamian, pelo facto de terem contribuído para o desmoronar do sistema tradicional das ideias até então vigentes.

É o caso, por exemplo, de Jonathan Swift, em Tale of a Tub written for the Universal Improvement of Mankind (1704) e muito especialmente em Gulliver's Travels, onde ataca a corrupção das instituições e dos costumes sociais, mostrando-se acérrimo defensor da cultura dos povos primitivos, ainda imune às influências nefastas da nossa civilização.

As ideias expressas por Bernard Mandeville, autor de The Grumbling Hive, or Knaves Turn'd Honest (1705), obra reeditada em 1714 e 1723 com o título de The Fable of the Bees; or, Private Vices, Public Benefits, demonstram, por seu turno, a correlação de determinados vícios, como a luxúria, com a estrutura da sociedade de então, na medida em que eles se afiguravam responsáveis, entre outros aspectos, pelo desenvolvimento do comércio e da indústria.

An Essay on Man (1733-1734), da autoria de Pope e, segundo Louis Reynaud, um dos livros mais lidos no século XVIII, defende a constituição das sociedades com base na observação da lei natural que é justa e proporciona ao homem a inocência e a felicidade existentes no seio da Natureza:

" The state of Nature was the reign of God:
 Self-love and Social at her birth began,
 Union the bond of all things, and of Man.
 Pride then was not; nor Arts, that Pride to aid;
 Man walked with beast, joint tenant of the shade;
 The same his table, and the same his bed;
 No murder cloath'd him, and no murder fed.
 In the same temple, the resounding wood,
 All vocal beings hymn'd their equal God:
 [...]
 Ah! how unlike the man of times to come!
 [...]
 And turn'd on Man a fiercer savage, Man.
 See him from Nature, rising slow to Art!
 To copy Instinct then was reason's part;
 Thus then to Man the voice of Nature spake -
 [...]
 Learn from the birds what food the thickest yield;
 [...]
 Learn of the little Nautilus to sail,
 Spread the thin oar, and catch the driving gale.
 Here too all forms of social union find,
 And hence let Reason, late, instruct Mankind. " (26)

Este tipo de produção literária, da qual salientamos apenas alguns exemplos, vai culminar, por um lado, com o mito do nobre selvagem, figura de inspiração rosseauista, e, por outro, com uma visão dualista do mundo, onde o estado natural, símbolo do bem e da felicidade, se opõe ao estado social, símbolo do mal e da degeneração.

Nesta dualidade dialéctica reside um dos motivos dominantes da obra de Rousseau. Por isso, na sua óptica, o progresso é entendido como um retorno às origens, cujo término

ideal visará o alcance da condição natural do homem.

Mickle, que se coloca num plano diametralmente oposto ao que atrás foi esboçado, procura racionalizar o idealismo subjacente à figura do nobre selvagem, tentando, assim, demonstrar o carácter falacioso da argumentação de Rousseau, classificada de "reveries" ou "fairy dreams", e a de Raynal, cuja atitude filosófica, expressa em Histoire Philosophique et Politique des Établissements et du Commerce des Européens dans les deux Indes, critica numa longa nota de rodapé, por ser coincidente com a de Rousseau, no que respeita à apologia dos benefícios da vida do selvagem.

A dita felicidade dos povos primitivos carece, no entender de Mickle, de uma fundamentação mais sólida. Ela radica na inobservância, por parte dos filósofos acima referidos, de determinados comportamentos de ordem passional e genética, como sejam o problema das paixões humanas e a predominância da lei do mais forte, factores que por si só, quando não devidamente controlados, são aniquiladores do bem estar de qualquer comunidade.

Mickle defende a tese de que o homem é um animal social - "As evidently as the appointment of Nature gives pasture to the herds, as evidently is man born for society." (27) - e, portanto, só poderá alcançar a felicidade no estado civilizado, onde possa desenvolver as suas capacidades intelectuais.

" The author of (...) Histoire Philosophique &

Politique des Etablissemens & du Commerce des Européens dans les deux Indes is one of the many who assert that the savage is happier than the civil life. (...) ; but does it follow that such state is happier than that which brings the wishes and cares of civil life? By no means: (...). He quite forgets the infinite distance between the resources of the social and savage life; (...) the infinite difference between the discourse of the savage hut, and the caena deorum, the friendship and conversation of refined and elevated understandings. " (28)

Note-se que, a este nível, Mickle não se encontra sozinho na defesa dos seus ideais. Isto nos demonstra muito claramente um artigo de The Edinburgh Magazine, em que o articulista reitera os argumentos de Mickle contra os seus antagonistas, Rousseau e Raynal:

" He judiciously and sucessfully supports Camoens in chusing for his subject an expedition which so greatly extended the wealth and commerce of Europe, and thereby introduced so much refinement and elegance into life; and opposes the discontented and misanthropical reveries of Abbe Resnal (sic) and of Rousseau, who represent the state of the savage as superior to that of the most polite and accomplished Europeans. " (29)

O mais interessante de verificar é que é este o espírito que soa ao longo da tradução de Os Lusíadas, quer através de

interpolações, quer através de desvios mais longos. Mickle vai, assim, estabelecendo paulatinamente uma dicotomia mais vincada do que em Camões entre a rudeza africana versus o esplendor da civilização europeia.

Atente-se em como Mickle não perde a oportunidade para adjectivar pejorativamente tudo o que diga respeito aos povos africanos.

"Que mostraram na terra "The fame their triumphs on
Tingitana," (c.I,est.33,v.6) Barbaria's shore, " (p.16)

"Os belicosos Mouros "And push their level'd
acenando " (c.I,est.87,v.2) spears with barbarous pride,"
(p.32)

"Vereis a terra [...] " "That barb'rous coast [...]"
(c.II,est.48,v.1) (p.62)

"Voando e não remando lhe "And dive, and swift as
fugiram. " (c.II,est.66,v.8) frighten'd vermin fly."(p.69)

"Que dali nos partíramos, "From these rude shores
[...] " (c.V,est.37,v.2) [...] " (p.123)

"Vês Africa, dos bens do "Afric behold, alas, what
mundo avara,/Incultura e toda alter'd view!/ Her lands
chea de bruteza;/(...)/Dessa uncultured, and her sons
gente sem Lei,quase untrue;/ Ungraced with all
infinita."(c.X,est.92,v.1-2, that sweetens human life,/ 8)
Savage and fierce they roam
in brutal strife;/ Eager they
grasp the gifts which culture
yields,/ Yet naked roam their

own neglected fields./
 (...) /By laws uniform'd,
 uniform'd by reason's sway: " .
 (pp.449-450)

Como podemos verificar, através das recorrências lexicais existentes nos exemplos acima expostos, a incivilidade dos Africanos transfigura-se num autêntico estado de barbárie, isento de qualquer atributo positivo. A inferioridade da sua condição foi levada, com Mickle, ao seu nível mais abjecto, o estado larvar, por intermédio da comparação com frighten'd vermin. Muito embora, em relação a este aspecto, Mickle não seja totalmente inovador, não podemos descurar a ênfase que dá ao contraste civilizacional existente entre os continentes europeu e africano.

Na referência à falta de formação dessas gentes, ainda imune aos ditames da razão e das leis (est.92,v.8) - verso que é já em si uma deturpação do verso camoniano, dado o vocábulo Lei estar relacionado com a religião - vislumbra-se o seu apreço pela vida na sociedade civilizada, a que já atrás nos referimos, o que é, aliás, corroborado pela tradução do vocábulo Inculca, " Ungraced with all that sweetens human life ", verso de cunho generalizante, que deixa transparecer de uma forma definitiva o seu código de valores relativamente à forma condigna de o homem estar no mundo.

De resto, o verso acima transcrito, " Afric behold, alas, what alter'd view! ", denota a atitude emocional do tradutor em relação à mensagem que é veiculada. Repare-se sobretudo na

interjeição alas e no uso do ponto de exclamação, registos pessoais, totalmente inexistentes no texto original e, por isso mesmo, reveladores da sua repulsa pela vida desses povos primitivos. É, aliás, com base no passo que citámos da estrofe 92 do canto X que Mickle, numa nota de rodapé, louva Camões por ter sabido contrastar tão pitorescamente a descrição da Africa caracterizada pela rudeza das suas gentes e dos seus costumes com a civilização europeia.

Vejamos agora de que modo a Europa nos aparece descrita:

<p>"Jaz a soberba Europa, (...)" (c.III, est.6, v.5)</p>	<p>"Array'd in green, beneath indulgent skies,/ The queen of arts and arms fair Europe lies." (p.87)</p>
<p>"Vês Europa Cristã, mais alta e clara/Que as outras em policia e fortaleza." (c.X, est.92, v.1-2)</p>	<p>"Queen of the world supreme in shining arms,/ Her's every art, and her's all wisdom's, charms,/ Each nation's tribute round her foot-stool spread,/ Here Christian Europe lifts the regal head." (p.449)</p>

De notar como o lugar altaneiro da Europa em relação às outras regiões do globo está em Mickle sujeito a um processo de superlativização: " Her's every art, and her's all (30) wisdom's charms ". Ela detém a totalidade da arte e do saber, de tudo aquilo que, como vimos, no entender de Mickle, enobrece a vida humana. Daí que ela metaforicamente ganhe foros de realeza.

Assim sendo, pode dizer-se que em Mickle predomina uma movimentação centrípeta em relação à Europa. Tudo gira em função dela: " Each nation's tribute round her foot-stool spread ".

A Europa, nesta ordem de ideias, torna-se inclusivamente um sítio algo paradisíaco. Convém notar que a expressão camoniana soberba Europa não tem absolutamente nada a ver com o campo semântico de green ou indulgent skies, donde ressalta a intenção de Mickle de acentuar a fertilidade da Europa e a amenidade do seu clima, o que contrasta nitidamente com a aridez das outras duas zonas geográficas - o trópico de Câncer e o círculo polar ártico - que Camões acaba de descrever.

Note-se, de resto, a relação empática que se estabelece entre o tradutor e a Europa por intermédio do atributo fair, um dos adjectivos usados amiúde ao longo da tradução, e, em todos os casos, denotando uma atitude de simpatia e admiração pelo signo de referência.

Esta posição não deixa de ser interessante, cantando Mickle, como adiante veremos, o espírito expansionista inerente à descoberta do caminho marítimo para a Índia. Porque esta situação se afigura algo paradoxal, é curioso atentarmos na forma como ele traduz Índia ou as expressões de lugar que com ela se relacionam.

"[...] Ormuz o Reino " [...] golden Ormuz' shore,"
poderoso " (c. II, est. 49, v. 3) (p. 63)

"[...] pera a Índia [...] " "[...] India's golden strand."
(c. II, est. 63, v. 8) (p. 68)

- "[...] as terras apartadas/ " [...] Indian shore [...] "
Da India [...] " (c.II,est. (p.73)
80,v.6-7)
- "[...] Oriente. " (c.V,est. "[...] eastern shores:"
24,v.8) (p.199)
- "[...] nova terra [...] " "[...] India's shore [...] "
(c.VII,est.16,v.1) (p.278)
- "[...] remota parte."(c.VII, "[...] Indian strand ; "
est.23,v.4) (p.180)*(p.280) (31)
- " Já na terra, [...] " "[...] shore of gold:"
(c.VII,est.44,v.5) (p.301)

A noção de continentalidade, emanante de vocábulos como terra, reino ou do signo tiponímico India, é relativizada por Mickle. Ao signo terra faz o tradutor corresponder, por assim dizer, o signo mar, na medida em que escolhe vocábulos como shore e strand, que, em virtude de ladearem um rio ou confinarem com o mar, se encontram mais próximos da ideia de litoral. Assim se esclarece o aparente paradoxo do apego à Europa por parte de um tradutor que louva a expansão para o Oriente. É que, ao que parece, essa expansão não tem em conta o país enquanto unidade territorial, não visa a fixação, mas apenas a exploração da zona costeira, do comércio, em função do velho continente.

Na defesa da inquestionável superioridade da civilização europeia radica o intuito de valorizar a expedição de Vasco da Gama: " the harbinger and diffuser of the blessings of

civilization ". (32) O tradutor pretende, assim, realçar, como já tivemos oportunidade de referir pontualmente, a importância do comércio na transfiguração do modus vivendi e da sociedade em geral.

Com base nos encómios que Mickle tece em relação ao comércio, parece-nos de primordial interesse o estabelecimento de dois campos semânticos opostos: luz e trevas, ou seja, Idade Moderna versus Idade Média. Aliás, deparamos com vestígios desta oposição logo na Introdução, quando Mickle procura demonstrar o atraso da estrutura da sociedade feudal por oposição à sociedade mercantil. A primeira caracterizava-se, no seu entender, por um marasmo total a nível intelectual, comercial e agrícola, onde a mobilidade social era praticamente inexistente, devido ao despotismo político-militar do senhor feudal, dos "chieftains", para utilizar as suas próprias palavras. Pelo contrário, a sociedade moderna devia o seu florescimento a nível das artes, do saber e da economia ao renascimento do espírito comercial.

" It was that nation of merchants, the Phoenicians, which diffused the use of letters through the ancient, and Commerce will undoubtedly diffuse the same blessings through the modern world." (33)

Estabelece-se, assim, uma correlação entre o comércio e o saber, na medida em que ambos contribuem para um alargar de horizontes de âmbito humanístico, proporcionador daquilo que

Mickle designou como " the INTERCOURSE of mankind ", ou seja, o contacto social entre os povos, conducente ao desenvolvimento das suas faculdades intelectuais e, por conseguinte, da sua felicidade. Efectua-se, deste modo, a nível preliminar, um processo de sobrevalorização do comércio, responsável pelo afastamento das " dark Monkish ages " e ainda da " mental darkness " (34) que vai ter um tratamento subsequente em termos literários, tanto na tradução de Os Lusíadas como em Almada Hill:

" When from the sleep of ages dark and dead,
Thy Genius, Commerce, rear'd her infant head,
Her cradle bland on Tago's lap she chose,
And soon to wandering childhood sprightly rose;
And when to green and youthful vigour grown
On Tago's breast she fixed her cental throne;"(p.192)

Fazer emergir desta forma encomiástica o comércio da escuridão dos tempos é, sem dúvida, conotá-lo de atributos tão positivos que o colocam num campo semântico oposto. Note-se como a personificação do comércio ao serem-lhe impressos a inteligência e o animismo próprios de um ser humano, o enaltece. Diríamos mesmo que essa personificação o deifica, dado que a referência ao seu Genius nos remete para um estado de inteligência superior.

De reparar, por seu turno, na tradução dos últimos dois versos da estrofe 62 do canto VII, em que Vasco da Gama propõe ao Samorim um pacto de paz e amizade com base na promoção do

intercâmbio comercial entre os dois reinos - " De vossos Reinos será certamente/De ti proveito, e dele glória ingente." - que de tão livre que é, acaba por se afigurar como uma liberdade parafrástica destituída de fundamento.

" Then every bounty of the smiling skies
 Shower'd on his shore and thine, in mutual flow,
 Shall joyful Commerce on each shore bestow."
 (p.316)

Nesta sequência, gostaríamos ainda de fazer referência a um passo na tradução de Os Lusíadas para o qual não encontramos qualquer correspondência no original:

" And soon to Calicut's commodious port
 The fleets, deep-edging with the wave, resort:
 Wide o'er the shore extend the warlike piles,
 And all the landscape round luxurious smiles.
 And now her flag to every gale unfurl'd,
 She towers the Empress of the eastern world:
 Such are the blessings sapient kings bestow,
 And from thy stream such gifts,O Commerce, flow. "
 (p.290)

Estes versos, tais como os anteriores, constituem uma autêntica apologia ao comércio, de onde sobressai o registo emocional do tradutor, O Commerce, porventura evocador do valor que ele assume no âmbito dos seus interesses pessoais.

O poeta James Thomson já tinha em parte tecido considerações semelhantes acerca do comércio na versão de 1742 de " Summer " (35), como Mickle refere ao citar os seguintes

versos:

" '- For then from ancient gloom emerg'd
 The rising world of trade: the Genius, then,
 Of Navigation, that in hopeless sloth
 Had slumber'd on the vast Atlantic deep
 For idle ages, starting heard at last
 The Lusitanian Prince, who, heaven-inspir'd,
 To love of useful glory rous'd mankind,
 And in unbounded Commerce mixt the World.' " (36)

A par do discurso laudatório referente ao comércio, há a assinalar inúmeras marcas lexicais disseminadas ao longo dos textos que tornam o trajecto comercial para a Índia uma viagem de luz, passível de se manifestar sob múltiplos matizes.

Atentemos, em primeiro lugar, como a chegada à Índia se dá sob a nota auspiciosa do brilho:

<p>"Pera lá logo as proas se inclinaram./ Porque esta era a cidade das milhores/ Do Malabar melhor, [...] " (c.VII,est.16,v.5-7)</p>	<p>" And now their ensigns blazing o'er the tide/ On India's shore the Lusian heroes ride./ High to the fleecy clouds resplendant/ far/ Appear the regal towers of Malabar, " (p.278)</p>
--	---

<p>"Calecu tem ilustre dignidade/De cabeça de Império, rica e bela; (c.VII,est.22,v.6-7)</p>	<p>"There lofty Calicut resplendent towers;/ Her's every fragrance of the spicy shore,/ Her's every gem of India's countless store:" (p. 288)</p>
---	--

"Estão pelos telhados e "The windows sparkle with the
janelas/Velhos e moços, female blaze/Of eyes, of
donas e donzelas. " (c.VII, rubies, and the diamond's
est.49,v.7-8) rays. " (p.303)

"Nũa camilha jaz, que não se "High on a blazing couch the
igualava/De outra algũa no Monarch sate,/ With starry
preço e no lavor."(c.VII, gems the purple curtains
est.57,v.3-4) shined,/ And ruby flowers and
golden foliage twined/ Around
the silver pillars: High o'er
head/ The golden canopy its
radiance shed: " (p.306)

"Com festas e geral "The sumptuous banquet glows;
contentamento." (c.VII, est. [...] " (p.309)
66,v.4)

Desde o avistar de Calecute até à recepção no palácio do Samorim há, como vemos, uma uniformidade de traços sémi- cos relativos à luz viva e fulgurante que emana dos vários cenários com que os Portugueses se deparam. Esboça-se, deste modo, uma identificação da Índia com a terra da luz, fonte de vida e de riqueza.

O sol é o fio condutor da viagem marítima dos Portugueses e, simbolicamente, acaba por ser o seu fim, dado que o Oriente figura por excelência como a terra do raiar do dia, "the morning skies". É, pois, curioso notar como em Almada Hill o signo da luz continua a estar associado ao trajecto e ao término da aventura naval da gente de Luso:

" [...] Tago's gallant race,

As eagles fixing on the Sun their eyes
 Through gulphs unknown explor'd the morning skies;"
 (p.178) * (p.182)

Nesta óptica, convém debruçarmo-nos mais detidamente sobre um outro tipo de feixe de traços descritivos relativos à Índia e ao Oriente:

"(...)as terras do Oriente." "(...)the golden eastern
 (c.I,est.50,v.8) shores (...)" (p.21)

"Vereis de Ormuz o Reino "Thine eyes shall see the
 poderoso " (c.II,est.49,v.3) golden Ormuz' shore, " (p.63)

"E pera a Índia certa e "And when again for Índia's
 sábia guia. " (c.II,est.63,v. golden strand " (p.68)
 8)

"Te avisamos que é tempo que "To thee our golden shores
 já mandes/A receber de nós the Fates decree; " (p.176)
 tributos grandes." (c.IV, est.IV,v.7-8)

"_____ " (37) "(...) Índia's ocean laved
 the orient shores of gold."
 (p.204)

"Já sois chegados, já "What laurel forests on the
 tendes diante/A terra de shores of gold/For you their
 riquezas abundante! (c.VII, honours rear," (p.271)
 est.1,v.7-8)

Nos exemplos que acabámos de referir, verifica-se que Mickle escolhe o ouro como o símbolo da "terra de riquezas

abundante" . Com efeito, o ouro, na qualidade de metal perfeito, possui o brilho da luz solar e dá-nos da Índia uma imagem paradigmática da riqueza material. Notemos como o tradutor não perde a oportunidade de corroborar a sua riqueza, mesmo quando no original não há nada que justifique os seus desvios.

O seu esforço na consolidação desta imagem paradigmática prossegue ao acentuar a fertilidade do solo indiano, como os seguintes exemplos nos dão conta:

" _____ " "The fertile vales beneath the
rising sun " (p.15)

"[...] e a famosa/ Ilha de " And pastoral Madagascar's
São Lourenço; [...] " (c.I, verdant land. " (p.18)
est.42,v.5-6)

"Decanis; [...] / [...], e a "Stern Decan's sons the
terra de Bengala, / Fértil de fertile valleys till,/
sorte que outra não [...] / Bengala's beauteous
lhe iguala;" (c.VII, est.20, Eden wide extends,/
v.5,7-8) Unrivall'd smile her fair
luxurious vales: " (p.286)

"O Reino de Cambaia "And here Cambaya spreads her
belicoso / [...] / Servindo ao palmy dales; / [...] / Nature's
Malabar. de forte muro, / Com rude wall, against the fierce
que do Canará vive seguro." Canar / They guard the fertile
(c.VII, est.21, v.1,7-8) lawns of Malabar. " (pp.286,
288)

"Se estende ãa fralda "Fair as a garden spreads the
estreita, que combate / Do smiling plain: " (p.288)

mar a natural ferocidade."

(c.VII, est.22, v.3-4)

"De São Lourenço vê a Ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada."
(c.X, est.137, v.7-8)

"And lo, the Island of the Moon displays/
Her vernal lawns, and numerous peaceful bays;
The halcyons hovering o'er the bays are seen,
And lowing herds adorn the vales of green."
(pp.475-476)

Aos atributos fertile, luxurious e palmy junta-se a cor verde, uma cor refrescante, portadora da ideia de renovação do reino vegetal, de um tempo primaveril e de uma terra altamente produtiva, o que nos confere uma imagem edênica da Índia, corroborada, aliás, por expressões como beauteous Eden e garden. A Índia surge-nos efectivamente descrita como "perhaps the most fertile country in the world" (38), na sequência do que Mickle já tinha sugerido algures na Introdução.

A descoberta da Índia ocupa, de resto, um lugar cimeiro a nível das proezas históricas alcançadas pelos Portugueses. É esta, pelo menos, a interpretação de Mickle, como podemos inferir do seguinte trecho para o qual não encontramos qualquer correspondência no original:

" Proud though your nation's warlike glories shine,
These proudest honours yield, O Chief, to thine;
Beneath thy dread achievements low they fall
And India's shore, discovered, crowns them all."

(p.283)

Tendo, porém, em atenção o quadro acima exposto, pode dizer-se que, no plano comercial, a Índia se reveste de um interesse notável, sobretudo para a Europa, de acordo com a interpretação mickliana.

Neste contexto assume particular relevância um passo do sonho profético de D.Manuel, que, em virtude da sua finalidade épica, funciona como um estímulo decisivo para a descoberta da Índia:

" Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada, "
(c.IV,est.73,v.3-4)

A fala do Ganges não é dúbia. Através deste artifício literário, o Poeta pretende realçar a grandiosidade imperial que estaria destinada à coroa portuguesa. Vejamos agora como Mickle traduz os dois versos acima citados:

" O thou, whom worlds to Europe yet unknown,
Are doom'd to yield, and dignify thy crown; " (p.176)

Enquanto que em Camões a descoberta da Índia se reveste de uma importância acima de tudo nacional, em Mickle vislumbra-se a atitude do tradutor que, não sendo português, interpreta essa aventura numa dimensão europeia, referindo-se só depois à dignificação que tal empreendimento acarretaria para Portugal. Isto já se tinha manifestado, ainda que subtilmente, na

estrofe anterior à acima citada, quando o Poeta descreve as frentes do Indo e do Ganges, que vinham coroadas de plantas desconhecidas, ao que Mickle acrescenta in Europe, o que mais uma vez nos remete para o interesse comercial da viagem de Vasco da Gama a nível europeu.

De facto, na sua tradução, o objectivo comercial subjacente à descoberta do caminho marítimo para a Índia aflora logo na primeira estrofe do canto I.

"As armas e os barões "Arms and the Heroes, who
 assinalados/Que, da Ocidental from Lisbon's shore,/ Thro'
 praia Lusitana,/Por mares Seas where sail was never
 nunca dantes navegados,/ spread before,/ Beyond where
 Passaram ainda além da Ceylon lifts her spicy
 Taprobana,"(c.I,est.1,v.1-4) breast, " (p.1)

Diz-nos João Franco Barreto que, quando os Antigos pretendiam enaltecer algo remoto, tinham por hábito dizer "será na Taprobana" e por esse motivo, prossegue o autor, "o poeta em o C.1. est. primeira para encarecer a navegação dos Portuguezes, diz que 'Passaram ainda alem da Taprobana' ".(39)

Embora Mickle não desfigure a nota de heroicidade patente no texto camoniano, ao actualizar o topónimo Taprobana, faz segui-lo de uma interpolação que aparentemente não se justifica, a não ser por razões de ordem idiossincrática. Algo de análogo se volta a registar no final do canto I, o que, de certo modo, prefigura a prolixidade de atributos que Mickle mais tarde usa, nomeadamente no canto VII, para tentar

descrever a riqueza do solo indiano.

"[...] se informava da India "Of Afric shore and India's toda e costas que passava. " spicy lands. " (p.37) (c.I,est.96,v.7-8)

Devido ao relevo dado à temática comercial, surgem em Inglaterra vários comentários a Os Lusíadas, com base na tradução de Mickle, que são redutores da dimensão patriótica do poema. Atentemos, deste modo, a passagens de dois artigos, publicados em 1776 logo após o aparecimento da tradução, ilustrativos dessa atitude crítica. Um deles diz-nos que Os Lusíadas estão fundados em " the origin of European commerce with India, " (40). Por seu turno, o articulista do outro artigo, tendo partido do pressuposto que o assunto de Os Lusíadas consiste unicamente na expedição empreendida por Vasco da Gama com vista à descoberta do caminho marítimo para a Índia e à aquisição de concessões de âmbito comercial para Portugal, declara que:

" (...) the principal defect in our author appears to be his introducing too long and frequent episodes, and at improper places; episodes, some of which have no relation to the subject of his poem. The whole third and fourth books are taken up in an episode, in which the history of Portugal is described. Part of the seventh and eighth is taken with the same; " (41)

Ora, o facto de Camões ter escolhido a viagem de Vasco da

Gama como núcleo da acção do poema, cuja finalidade muito concreta visa, na realidade, chegar à Índia e estabelecer relações comerciais, não o impede de construir a História de Portugal em torno desse tema central, na medida em que a história narrada informa e dá vida ao espírito de heroísmo dos Portugueses que se regista desde a formação do reino até ao sulcar de mares desconhecidos.

O próprio título da tradução, The Lusiad; or, the Discovery of India, estabelece uma relação de equivalência semântica inexistente no texto original, o que parece delimitar e circunscrever à partida Os Lusíadas a um acontecimento histórico e a um espaço determinados, em detrimento da importância dos outros episódios colaterais. Não lhes atribuir a importância devida será desvirtuar o texto como globalidade. Daí que fosse preferível o simples título The Lusiad, ainda que ele constitua também uma deturpação do título original, pois aparece no plural em vez de no singular. (42)

Com efeito, Mickle está interessado em vincar tudo o que em Os Lusíadas seja capaz de readquirir um significado pleno além fronteiras. Vistas a esta luz, as referências ao Tejo revestem-se de uma significação especial.

"[...] o ardente/ Não usado "And sparkling red the wine
licor,[...] " (c.I,est.61, of Tagus flows." (p.25)
v.5-6)

"Portugal [...]" (c.III, "(...) the fields where Tagus
est.25,v.3) flows," (p.95)

- "O espírito deu a Quem lho
tinha dado. " (c.III,est.28,
v.4) "By Tagus' stream his
honoured age he closed;"
(p.96)
- "E vós também, ó terras
Transtaganas, " (c.III, est.
62,v.1) "And you, fair lawns, beyond
the Tagus' wave," (p.110)
- "Que às terras se passasse
d'Alentejo, " (c.III, est.
75,v.3) "O'er Tagus' waves the
youthful hero past, " (p.115)
- "Pera as terras se passa
Transtaganas. " (c.IV,est.
45,v.8) "O'er Tago's waves his
gallant bands he led,"(p.167)
- "Já chega a Portugal o
mensageiro; " (c.VI,est.51,
v.1) "Soon as to Tagus' shores the
heralds came," (p.251)
- "Até tornar à doce e cara
terra. " (c.VI,est.67,v.8) "Till the dear memory of
their natal land/ Sigh'd for
the banks of Tagus." (p.257)
- "[...] - Quem te trouxe a
estoutro mundo,/Tão longe da
tua pátria Lusitana? - " (c.VII,est.25,v.3-4) "What friendly angel from thy
Tago's shore/ Has led thee
hither? [...] " (p.180) *
(p.280)
- "Despois de ter c'os Mouros,
superado/ Galegos e Leoneses
cavaleiros, " (c.VIII,est.9,
v.5-6) "From Tagus's banks the
haughty Moor expell'd,/ Galícia's sons, and Leon's
warriors quell'd, " (p.323)
- "Português de nação,[...] " (c.VIII,est.25,v.2) "[...] his birth shall Tagus
ever boast." (p.310)* (p.330)

Enquanto centro catalizador das atenções do tradutor, o Tejo torna-se um ponto de referência privilegiado. Por vezes, ele chega até a ser sinónimo de Portugal. Grande via fluvial de acesso entre Portugal e o mundo, ele evoca, em sentido lato, a ideia da expansão, sobrepondo-se, assim, à noção de continentalidade veiculada pelo vocábulo Portugal. Nesta medida, o seu apego ao Tejo liga-se ao comércio, elo igualmente fundamental, segundo Mickle, no contacto entre os povos e as várias nações. Em Almada Hill encontramos, sem dúvida, a justificação concludente para a valorização do Tejo, que vai aflorando aqui e ali ao longo da tradução de Os Lusíadas, como os exemplos acima citados nos demonstram.

" When (...)
 Thy Genius, Commerce, rear'd her infant head,
 Her cradle bland on Tago's lap she chose,
 (...)
 And when to green and youthful vigour grown
 On Tago's breast she fix'd her central throne;"
 (p.192)

O Tejo é, por excelência, o berço do comércio e, como tal, dispõe de um esplendor superior ao do Tamisa.

" Forgive, fair Thames, the song of truth that pays
 To Tago's empress-stream superior praise;
 O'er every vauntful river be it thine
 To boast the guardian shield of laws divine;
 But yield to Tagus all the sovereign state
 By Nature's gift bestow'd and partial Fate,
 The sea-like port and central sway to pour

Her fleets, by happiest course, on every shore."

(p.192)

É curioso notar como ainda em Almada Hill deparamos com expressões do tipo Tago's iron race ou Tago's gallant race, ecos decorrentes da sobrevalorização a que o Tejo se vê votado. Enquanto Camões canta a gente de Luso, Mickle canta a raça do Tejo, fazendo, assim, recair a nota épica sobre tudo o que com o comércio de uma forma mais ou menos directa se relaciona.

Camões não é, contudo, indiferente aos problemas ligados ao comércio, como nos demonstram, por exemplo, as estrofes 62 e 63 do canto VIII, respeitantes ao convite feito ao Samorim com vista a estabelecer relações comerciais com Portugal. Porém, ele está longe de ser um simples exaltador quer do comércio, quer da expansão imperialista. Isto nos atesta a figura venerável do Velho do Restelo. Na sua voz ressoa o lado amargo da aventura imperial. O seu discurso situa-se, pois, indubitavelmente nos antípodas da glorificação do espírito expansionista e do esforço que animou a audácia das navegações.

Partindo do pressuposto de que Camões se identifica com a matéria que narra, a criação desta figura reflecte porventura o cepticismo do Poeta, que, volvidos os anos, pondera sobre o significado global da expansão imperialista. Dir-se-ia, partilhando da interpretação de Hernâni Cidade, que o Poeta, no fim do século, após as suas duras experiências pessoais, não podia possuir, " em face da empresa, das suas

consequências históricas, do seu significado humano, o orgulho otimista do momento em que ela foi iniciada." (43)

Dado o que já dissemos, não será de estranhar que Mickle tenha omitido sensivelmente oito das onze estrofes que compõem este episódio. Dele apenas retém a descrição de Velho do Restelo, a referência à ousadia de Prometeu e à loucura de Icaro, nos quais radicam a gênese da ambição desmedida que caracteriza o género humano. Suprime, portanto, todas as objecções relativas à expansão para o Oriente, bem como o amaldiçoar daquele que fora o autor do primeiro barco.

Por isso, Mickle, em Almada Hill, recorda encomiasticamente o espírito aventureiro subjacente às descobertas quinhentistas.

" But let not glowing Fancy as it warms
 {...}
 Forget the stern ambition and the worth
 Of minds mature, by patriot Kings call'd forth;
 That Worth which roused the nation to explore
 Old Ocean's wildest waves and farthest shore.
 By human eye untempted, unexplored,
 {...}
 {...}, when Tago's gallant race,
 As eagles fixing on the Sun their eyes
 Through gulphs unknown explor'd the morning skies;
 And taught the wondering world the grand design
 Of parent heaven, that shore to shore should join
 In bands of mutual aid, from sky to sky,
 And Ocean's wildest waves the chain supply."

(pp.181-178) * (pp.181-182)

Este passo constitui um excelente contraponto ao episódio

do Velho do Restelo, dado figurar como uma apologia daquilo que aí é condenado, nomeadamente a ambição desmedida e a consequente vã procura de perigos desconhecidos.

Note-se ainda, como nos últimos quatro versos acima citados, o poeta tenta realçar o valor ecuménico dessa aventura marítima, baseado no desfazer de fronteiras inter-continentais, passível de conduzir a uma harmonia universal, evocadora do papel do comércio na modificação radical dos comportamentos civilizacionais, a que já nos referimos.

De facto, Mickle não abdica da defesa entusiástica de uma política expansionista. Quem mais do que ele louva o Infante D. Henrique, o grande responsável pelo desabrochar do novo espírito das descobertas?

Vejamos, então, como Mickle excede Camões nos encómios que tece ao Infante D. Henrique.

"Este, (Henrique) que ela nos
mares o pubrique/ Por seu
descobridor, e desengane/ De
Ceita a Maura tímida
 vaidade,/ Primeiro entrando
as portas da cidade. "

(c.VIII, est.37, v.4-8)

"The glorious Henry -
kindling at his name/Behold
my sailors' eyes all sparkle
flame!/ Henry the chief, who/
first by heaven inspired,/ To
deeds unknown before, the
sailor fired,/ The conscious
sailor left the sight of
shore,/ And dared new oceans
never ploughed before./ The
various wealth of every
distant land/ He bade his
fleets command./ The ocean's

great Discoverer he shines;/
 Nor less his honours in the
 martial lines:/ The painted
 flag the cloud-wrapt siege
 displays,/ There Ceuta's
 rocking wall its trust
 betrays./ Black yawns the
 breach; the point of many a
 spear/ Gleams through the
 smoke; loud shouts astound
 the ear./ Whose step first
 trod the dreadful pass? Whose
 sword/ Hew'd its dark way,
 first with the foe begored?/
 'Twas thine, O glorious Henry,
 first to dare/ The dreadful
 pass, and thine to close the
 war./ Taught by his might,
 and humbled in her gore/ The
 boastful pride of Afric
 tower'd no more." (pp.335-338)

Para além de se registar um aumento de dezasseis versos, o que em termos da economia interna do texto é já em si altamente significativo, há ainda a assinalar a alteração da ordem das estrofes 37 e 38, que sofrem uma inversão na ordem de sucessão, dado Mickle preferir que D. Henrique - " the greatest man perhaps that ever Portugal produced " (44) - feche a galeria dos heróis lusitanos apresentados por Paulo da Gama ao Catual.

No esboço da grandeza heróica do Infante D. Henrique ressalta a minúcia descritiva do seu espírito de descobridor -

aliado, segundo a versão de Mickle, a interesses de ordem comercial - bem como a do seu valor guerreiro na tomada de Ceuta. A exaltação da sua figura ímpar é ainda reforçada pelo processo indirecto de referência às reacções emotivas que o mencionar do seu nome desperta nos marinheiros de Paulo da Gama.

O reforço da nota épica em relação ao Infante D. Henrique adquire ainda maior significado, se verificarmos que as duas figuras sobre as quais Paulo da Gama mais se debruça são Afonso Henriques e Nuno Alvares Pereira, o que fundou a Nação e o que mais tarde consolidou a sua independência. Donde se deduz, na sequência do que já alvitramos atrás, que Mickle, ao contrário de Camões, dá maior ênfase às figuras ou aos elementos que estão associados à expansão marítima.

Com efeito, Mickle mais não faz do que continuar o discurso encomiástico presente algures na Introdução onde, dá particular relevo ao Infante D. Henrique e aos descobrimentos por ele empreendidos.

" What is an Alexander crowned with trophies at the head of his army compared with a Henry contemplating the ocean from his window on the rock of Sagrez! The one suggests the idea of the evil daemon, the other of the Deity." (45) .

De notar que é precisamente esta ideia de divindade que ressalta de alguns dos versos acrescentados por Mickle.

Neste contexto será talvez correcto indagar se a ênfase no heroísmo iluminado de D. João I não advirá, em parte, de ele

ser o pai do Infante D. Henrique. Identificado como sendo the Lord of Light, ainda que essa metáfora seja motivada pelo discurso imagético presente na primeira estrofe do canto IV do poema camoniano - em que Camões após a tempestade (reinado de D. Fernando) faz surgir a bonança (reinado de D. João I) e, conseqüentemente, a luz após as trevas - ele é mais à frente denominado como godlike King ou godlike John em vez de Rei novo ou Rei forte, o que indubitavelmente concorre para a sua deificação. Por isso, quase no final do poema, aquando da exortação do Poeta ao Rei D. Sebastião para que dê continuidade ao passado glorioso de Portugal (c.X, est. 146), o tradutor introduz dois versos de sua autoria:

" Oh, be it thine these glories to renew,
 And John's bold path and Pedro's course pursue: "
 (p.483)

É curioso notar que já na Introdução se vislumbra o apreço pelo rei D. João I, mormente por ele se ter revelado um excelente pedagogo na educação de seus filhos. (46)

Para além do Infante D. Henrique, de entre as figuras ligadas às descobertas quinhentistas, é Vasco da Gama, por ser também a personagem central do poema, a que é mais exaltada. Mickle encarece-o constantemente através de uma adjectivação nobilitante de acordo com os cânones do género épico. Inúmeras são as expressões como illustrious, valiant e brave Gama para concretizar o sujeito subentendido de uma oração ou apenas para traduzir os vocábulos capitão ou ele, possuidores de um

mero objectivo referencial, estando, portanto, isentos de qualquer intuito encomiástico.

A par destas alterações de menor alcance a nível qualitativo, há outras que, pelo seu conteúdo, merecem uma atenção mais detalhada. Na tradução de Mickle perde-se, por vezes, a noção do herói colectivo, isto é, do papel das figuras notáveis que, por terem contribuído para o engrandecimento e conseqüente dignificação da Nação portuguesa, deveriam figurar como os verdadeiros heróis do poema.

<p>"Que eu canto o peito ilustre Lusitano,/ A quem Neptuno e Marte obedeceram." (c.I,est.3,v.5-6)</p>	<p>"A nobler Hero's deeds demand my lays/ Than e'er adorn'd the song of ancient days,/ Illustrious GAMA, whom the waves obey'd,/ And whose dread sword the fate of Empire sway'd." (p.4)</p>
---	--

A redução da amplitude significativa da proposição de Os Lusíadas (47) reaparece esporadicamente à medida que a tradução vai avançando.

<p>"Surge diante a frota Lusitana," (c.II,est.74,v.5)</p>	<p>"Into the port the generous GAMA rides;/ His stately vessels range their pitchy sides/ Around their chief; (...) " (p.71)</p>
---	--

O atributo de carácter genérico, designador da

nacionalidade de um povo, é, assim, traduzido metonimicamente pelo protagonista dessa aventura marítima. A expressão colectiva submete-se, deste modo, à singularidade de um único herói.

É nesta óptica que se enquadra a consagração de Os Lusíadas ao nome de Vasco da Gama, o que contradiz o significado colectivo, inerente ao próprio título da epopeia camoniana. É isto que se verifica aquando da referência ao naufrágio do Poeta no rio Mecom (c.X, est.127-128), em que Mickle introduz dois versos para os quais não encontramos qualquer equivalente no original:

" Preserved by heaven the song of Lusian fame,
The song, O VASCO, sacred to thy name," (p.468)

Pelo que nos é dado observar, Mickle pretende pôr Vasco da Gama muito mais em relevo do que o faz Camões, procurando preservar a todo o custo a dignidade de carácter daquele que, segundo a sua versão, é apresentado como o único herói de Os Lusíadas.

Camões não se exime da sua função de vate do Renascimento nem mesmo em relação àquele que, apesar da ausência de uma forte caracterização, surge como a figura central do seu poema. É assim que, para lá da censura e da denúncia no final do canto V (est.99) relativa à rudeza dos Portugueses, que não sabendo atribuir à poesia o seu justo valor a negligenciam, o Poeta engloba o Gama no rol dos que acaba de criticar, para

concluir que não é este que o leva a compor o poema em que celebra os seus feitos, mas sim o amor pela Pátria e pelos seus compatriotas.

Todavia, Mickle transfere esta alusão crítica para eventuais parentes de Vasco da Gama e transfigura-a num verdadeiro discurso panegírico em honra deste último, o que mais uma vez o projecta, à semelhança do que aconteceu com os exemplos anteriores, no verdadeiro móbil do poema.

" Even he whose veins the blood of GAMA warms,
Walks by, unconscious of the Muse's charms:
For him no Muse shall leave her golden loom,
No palm shall blossom, and no wreath shall bloom;
Yet shall my labours and my cares be paid
By fame immortal, and by GAMA's shade:
Him shall the song on every shore proclaim,
The first of heroes, first of naval fame. " (p.230)

A profunda alteração introduzida por Mickle no início do canto IX, decerto a de maior vulto em todo o poema devido à sua extensão (306 versos) - antecedida pela omissão quase completa das últimas vinte e quatro estrofes do canto VIII - surge na sequência desse intuito deliberado de manter intacto o carácter heróico de Vasco da Gama, de forma a melhor adequá-lo aos padrões do género épico.

Ao acordo de Vasco da Gama com o Catual de forma a poder regressar às naus portuguesas e à sua astúcia em aprisionar alguns mercadores ricos de Calecute, no sentido de reaver a fazenda e os dois feitores portugueses que com ela se

encontravam em terra, contrapõe Mickle a intransigência de Vasco da Gama em aceder a qualquer espécie de acordo ou intimação, ainda que para isso tenha que ser aprisionado e ver desenrolar-se ante os seus olhos uma batalha naval à partida desfavorável para os Portugueses, devido à superioridade numérica dos seus adversários.

A atitude prudente e astuciosa de Vasco da Gama não se coadunava, pois, com a valentia e o arrojo próprios da dignidade de um herói épico. Contudo, ao esforço do tradutor para suprir eventuais deficiências, advenientes da falta de rigor no cumprimento dos requisitos do género épico, alia-se, como a última citação nos deixou entrever, a sua enorme admiração por aquele que foi protagonista da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Por isso, em Mickle deparamos com versos alusivos ao Gama, imbuídos de um entusiasmo vibrante que não encontramos em Camões:

<p>"Nem deixarão meus versos esquecidos/ Aqueles que, nos Reinos lá da Aurora,/ Se fizeram por armas tão subidos,/ (...) / Um Pacheco fortíssimo (...) / Almeidas, (...) / Albuquerque terrível, Castro forte," (c.I,est.14, v.1-3,5-7)</p>	<p>"Those Heroes too,(...)/ Whose spears subdued the kingdoms of the morn,/ Their names, and glorious wars the song adorn:/ The daring GAMA, whose unequal'd name/ Proud monarch shines o'er all of naval fame:/ Castro the bold, (...) / And stern Pacheco (...)/ The two Almeydas,(...) / (...) the godlike Albuquerque (...)" (pp.8-9)</p>
---	---

<p>"Eu vos tenho entre todos</p>	<p>"From all your peers I chuse</p>
----------------------------------	-------------------------------------

escolhido" (c.IV,est.79,v.1) O VASCO,you." (p.178)

<p>"Por meio destes hórridos perigos,/ Destes trabalhos graves e temores,/ Alcançam os que são de fama amigos/As honras imortais e graus maiores:"(c.VI,est.95,v.1-4)</p>	<p>" O glorious Chief, while storms and oceans raved,/ What hopeless toils thy dauntless valour braved!/ By toils like thine immortal fame is given./ (...)/ Not he the feeble son of ease, may claim/ Thy wreathe, O GAMA, or may hope thy fame. " (p.269)</p>
---	--

<p>"Eis aqui as novas partes do Oriente/Que vós outros agora ao mundo dais,"(c.X,est.138, v.1-2)</p>	<p>"That world where every boon is shower'd from heaven,/ Now to the West, by Thee, Great Chief, is given."(p.476)</p>
--	--

A sublimação da figura do Gama, eis, pois, o que Mickle procura alcançar, ainda que para isso tenha que acrescentar o seu nome (sempre escrito com letras maiúsculas) numa posição cimeira ao rol dos que se distinguiram pelo seu arrojo guerreiro nas bandas do Oriente, ou transformar o discurso generalizante de Camões numa apologia directa a Vasco da Gama.

Até a Cristóvão Colombo Mickle dedica dois versos sem correspondência no original, na sequência da estrofe 139 do canto X, em que Tétis mostra a Vasco da Gama os vastos territórios a Ocidente que irão ficar sob o domínio de Castela.

" Even now Columbus o'er the hoary tide

Pursues the evening sun, his navy's guide." (p.477)

Embora se trate de uma pequena interpolação, não deixa de constituir um registo poético da biografia de Cristóvão Colombo, o que atesta a sua importância, enquanto navegador, na galeria das figuras históricas eleitas por Mickle.

A determinação de Mickle em singularizar os heróis ligados às descobertas encontra ecos importantes em Almada Hill, onde deparamos com a evocação da glória irradiante da época de quinhentos, protagonizada por pessoas como o Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Colombo e Fernão de Magalhães.

" Those arts which raised that race of Men, who shone
The heroes of their age on Lisboa's throne.
What mighty deeds in filial order flow'd,
While each still brighter than its parent glow'd,
Till Henry's Naval School its heroes pour'd
From pole to pole wherever Ocean roar'd!
Columbus, Gama, and Magellan's name,
Its deathless boast; and all of later fame
Its offspring - kindling o'er the view the Muse
The naval pride of those bright days reviews;"(p.179)*
(p.183)

A nota de brilho característica desta visão revivificadora do passado está directamente relacionada com a deificação dos heróis que Mickle recorda: that race of Men. Algo de análogo se passa na tradução de Os Lusíadas. Os altos varões e as armadas (c.X,est.7 e 10) que viriam do Tejo para dominar a costa do Indico, cantados por Tétis, são traduzidos por

godlike heroes . Até mesmo a alusão ao peso do grão Pacheco (c.X,est.12), que iria ser sentido pela nau onde navegava, aparece traduzido por sacred freight , o que indubitavelmente lhe confere uma dimensão sobre- humana.

A sedução de Mickle por estas figuras históricas radica no reconhecimento dos benefícios que elas trouxeram não só para o velho continente, para a Europa, como também para os novos continentes dados a conhecer ao mundo, a América e a Ásia. Importa, por isso, determo-nos agora sobre a sua visão colonizadora, não descurando, todavia, o carácter polémico que a mesma assumiu na Inglaterra de setecentos.

É ainda na Introdução, num processo que antecipa futuras alterações do texto camoniano, que o tradutor analisa a asserção feita pelo Dr. Johnson, aquando de uma disputa amigável havida entre ambos sobre o tema das Descobertas:

" ' It had been happy for the world, Sir, if your hero Gama, Prince Henry of Portugal and Columbus, had never been born, or that their schemes had never gone further than their own imagination.' " (48)

Perante esta atitude pessimista, Mickle contrapõe de imediato os avanços que ocorreram nos novos territórios descobertos, dando particular destaque à Índia. Com base em alguns exemplos extraídos do impacto da civilização europeia sobre a oriental, Mickle procura, pois, pôr em relevo o aperfeiçoamento moral e o progresso económico que se registaram nalguns sítios com a introdução de um novo código

de valores por oposição à superstição e ao clima de inimizades que aí até então reinavam. O tradutor escocês, para demonstrar a justeza do seu raciocínio ou para dar maior ênfase à sua argumentação, usa, por vezes, uma linguagem altamente figurada. É assim que o processo de transfiguração civilizacional levado a cabo pelos Europeus, nomeadamente pelos Ingleses, é explicitado através do recurso a uma imagem antitética que reflecte a distância abissal entre estes dois mundos: " turn a dreadry wilderness into a land of society and joy ". (49)

Esta apologia de uma tese colonialista ecoa em alguns passos da tradução de Os Lusíadas, sobretudo a nível de alguns aumentos que despertam a nossa atenção pela intensidade expressiva com que valorizam o domínio dos Indianos pelos Portugueses:

"Mas também diz que a bélica
excelência,/ Nas armas e na
paz, da gente estranha/ Será
tal, que será no mundo
ouvido/ O vencedor por
glória do vencido. " (c.VII,
est.56,v.4-8)

"But swift behind these
wintery days of woe/ A spring
of joy arose in liveliest
glow,/ Such gentle manners
leagued with wisdom reign'd/
In the dread victors, and
Beneath their sway majestic,
wise, and mild,/ Proud of her
victors' laws thrice happier
India smiled." (p.306)

"Também tu, Gama, (...)/
(...)/Virás mandar a terra
que descobres. " (c.X,est.53,
v.5,8)

"(...); O matchless Knight,/
Thou, thou, illustrious Gama,
thou shalt bring/ The olive
bough of peace, deputed king!

/ The lands by Thee
discover'd shall obey/ Thy
scepter'd power, and bless
thy regal sway." (pp.433-434)

"A Sampaio feroz sucederá / "[...]/ long shall the
Cunha que longo tempo tem o generous Nunio's blissful
leme: " (c.X, est.61,v.1-2) sway/ Command supreme." (p.
436)

"Quando um teu ramo, ó "A son of thine, O Gama, now
Gama, se esprimenta/ No shall hold/ The helm of
governo do Império,(...) " empire, prudent, wise and
(c.X,est.62,v.6-7) bold:/ (...)/ His worth shall
bless the Kingdoms of the
morn," (pp.436-437)

" _____ " "O'er Indus' banks, o'er
Ganges' smiling vales/ No
more the hind his plunder'd
field bewails:/ O'er every
field, O Peace, thy blossoms
glow,/ The golden blossoms of
thy olive bough;/ Firm based
on wisest laws great Castro
crowns,/ And the wide East
the Lusian Empire owns."
(p.440)

O discurso valorativo, confirmado pela redundância verbal de atributos como gentle, majestic, wise, mild, blissful, prudent, concorre para a elevação do carácter hegemónico do povo colonizador, reenviando-nos, em última instância, para a operação de regeneração que este estará apto a efectuar no

seio da nova comunidade onde acaba de implantar o seu poder. Repare-se no recurso a imagens naturalistas, entendendo-se por esta expressão as referências imagéticas que se inspiram na Natureza. A sucessão da Primavera ao Inverno assinala a nível simbólico a passagem de um tempo de pobreza e de desolação para um período de esperança e prosperidade. O florescimento da oliveira, árvore que por si só é detentora de uma grande riqueza simbólica, remete-nos igualmente para o advento de um tempo de paz, de purificação e de fertilidade, ideia que é, aliás, corroborada pela referência pitoresca ao estado de felicidade dos camponeses.

Mas não se julgue que é só os Portugueses que Mickle tem em mente ao sobrepôr, nalguns passos, à de Camões a sua visão promissora da fundação do império português na Índia. Estabelece-se, a nosso ver, uma relação motivada entre a presença dos Portugueses na Índia e a dos Ingleses, à semelhança do que já acontecera com a sobrevalorização do comércio.

Com efeito, nos versos de cariz generalizante, relativos à apologia da colonização, não só os Portugueses como também os Ingleses são capazes de aí se verem virtualmente retratados. Esta ilação é, aliás, muito claramente confirmada num passo da Introdução à tradução de Os Lusíadas.

" The superiority of the civil and military arts of the British, notwithstanding the hateful character of some individuals, is at this day beheld in India with all the astonishment of

admiration, and all the desire of imitation. This, however retarded by various causes, must in time have a most important effect, must fulfil the prophecy of Camoens, and transfer to the British the high compliment he pays to his countrymen;

Beneath their sway majestic, wise and mild,
Proud of her victor's laws thrice happier India
(smiled. " (50)

Cumprimento que, como nos é dado inferir do exemplo transcrito na página 130, não é da autoria de Camões, mas sim da do próprio Mickle. Com isto o tradutor visa, em última análise, a defesa da política levada a cabo pela Companhia das Índias Orientais.

" While the English East India Company are possessed of their present greatness, it is in their power to diffuse over the East every blessing which flows from the wisest and most humane policy, a policy till of late unknown, even in idea, in Asia." (51)

Convém, nesta sequência, lembrar o contributo inequívoco da Introdução e, ainda mais concretamente, da parte que deu ao, na segunda edição, ao ensaio " History of the Rise and Fall of the Portuguese Empire in the East ", para a polémica setecentista quanto à abolição do monopólio da Companhia das Índias Orientais. Só assim poderemos compreender cabalmente a

importância ideológica que tal assunto assumiu para Mickle, cujas repercussões se fazem sentir tanto em Os Lusíadas como em Almada Hill.

O ensaio acima mencionado constitui basicamente um relato da actuação dos governadores portugueses desde a chegada de Pedro Álvares Cabral à Índia até à dissolução do império português no Oriente. Todavia, subjacente ao objectivo de ordem referencial - o de conferir informação histórica, susceptível de ilustrar a fala profética de Tétis - há um outro que se impõe pela sua pertinência política, o objectivo didáctico. Enunciado logo com bastante frontalidade - " a history (...), of the utmost importance (...) particularly to that nation which now commands the trade of the East." (52) -, o empenhamento didáctico vai aflorando amiúde na atenção crítica que Mickle dedica à administração da política de feitorias e alianças comerciais com os príncipes indianos. Neste âmbito adquire especial relevo o abuso de alguns vice-reis, passível de se resumir na seguinte afirmação: " All was luxury, weakness, and unlimited oppression." (53)

Com efeito, o predomínio de uma política baseada em vitórias militares, o chamado espírito da " Gothic conquest ", em detrimento de negociações mais diplomáticas de ordem comercial, teria sido um dos principais factores responsáveis pelo desmoronamento do império português na Índia.

Através desta análise visa-se, em suma, extrair uma lição daquilo que deve ou não ser feito em termos de expansão comercial.

" All those causes which (...) destroy the vital strength of a commercial empire; (...) are developed and displayed, in the most exemplary manner, in the history of the transactions of Portuguese Asia.

And all these combine to ascertain the one great principle upon which the British East India Company must exist or fall. " (54)

A Companhia das Índias Orientais atravessava neste período uma situação administrativa difícil. Desde 1766 que ela, para além de ser uma corporação comercial, se tornara uma considerável potência territorial, o que atraíu a atenção dos governantes, ao verem na sua opulência uma excelente fonte de rendimento para o Estado.

Perante a proposta do primeiro ministro inglês, William Pitt, para proceder a um inquérito quanto à legalidade dos direitos territoriais da dita Companhia, com vista à obtenção de um contributo significativo para o erário público, foi definido um acordo temporário, implementado por alguns dos seus ministros, entre o Governo e os directores da Companhia das Índias Orientais. Assim, com base na contribuição de uma determinada quantia anual, evitou-se a necessidade de um inquérito e a intromissão directa do Governo nos assuntos internos da Companhia.

Em 1769, quando esse acordo findou, os assuntos da Companhia tornaram-se um centro de controvérsia política diária até à promulgação da lei de Pitt, the Younger, conhecida como "India Act", em 1784.

Ao serem detectadas falhas na sua máquina administrativa, à beira de uma bancarrota em 1772, Lord North instituiu em 1773 um sistema de controlo de dupla responsabilidade entre a Administração e o Governo, que, todavia, não se mostrou eficiente no combate à corrupção.

Entre as várias hipóteses aventadas para pôr cobro às irregularidades então existentes, salienta-se a proposta tendente à abolição do monopólio da Companhia das Índias Orientais e a conseqüente abertura do comércio da Índia ao livre jogo económico de iniciativa individual.

Adam Smith, no seu livro An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, publicado em 1776 (55), surge como o principal mentor desta proposta. A análise económica exposta no livro supracitado demonstra que o seu autor está a par das necessidades e das preferências da nova burguesia, ao postular o esforço natural de cada indivíduo como o único princípio apto a criar uma sociedade rica e próspera. Deste pressuposto extraía Adam Smith a condenação de toda e qualquer interferência política na actividade económica por parte do Estado, assim como a do estatuto de exclusividade do monopólio da Companhia das Índias Orientais. (56)

Esta política defendida por Adam Smith valeu-lhe duras críticas por parte de Mickle. Na segunda edição da tradução de Os Lusíadas, num pequeno capítulo apostado à " History of the Rise and Fall of the Portuguese Empire in the East ", intitulado " Application ", rebate ponto por ponto os argumentos do seu concidadão contra os monopólios,

nomeadamente o da Companhia das Índias Orientais. Para além de defender a eficácia das companhias em geral no comércio com os países distantes, Mickle tenta demonstrar que não é verdadeiro o exemplo utilizado por Adam Smith no que respeita à exemplaridade da conduta dos Portugueses na Índia, em virtude de estes não alicerçarem o seu comércio em nenhuma companhia exclusiva. Desta forma, a sua argumentação desenvolve-se no sentido de proceder a uma defesa directa da Companhia das Índias Orientais, acentuando as vantagens que o estado inglês auferia da sua existência.

Num apêndice, " Cópia das Patentes dos Vice Reis, e Capitães Generaes da Índia, conforme se achão no Concelho Ultramarino em Lisboa ", apresentado em versão bilingue, português-inglês, que apareceu junto aos ensaios introdutórios da segunda edição, Mickle procura comprovar mais uma vez que o comércio português com a Índia era um monopólio, e um monopólio real, o pior de todos no seu entender, ao contrário do que Adam Smith defendia.

A importância deste assunto tomou tal proporção que os próprios articulistas que elaboravam as recensões da tradução de Mickle, nomeadamente as da segunda edição, o elogiavam por ter contribuído tão empenhadamente para uma das questões mais em foco na altura.

Atentemos, então, ao que nos diz um articulista de The Critical Review:

" It may be observed, in particular, that Mr.

Mickle has much extended the history of the Portuguese settlements in Asia, in which he not only traces with great accuracy the fall of that empire in the East, but examines the principles advanced by Dr. Smith, in his treatise on the Wealth of Nations, relative to the India trade. The limits of our review will not permit us to give such a detail of this subject, as should convey the whole force and extent of our author's arguments, on a matter of so great importance to the commercial interests of Britain. " (57)

Diz-nos ainda, por exemplo, um outro articulista de The Gentleman's Magazine:

" (...): and, we added, that much was due to the man (Mr. Mickle) who had thrown true light on a subject of so so much importance in the commercial world. " (58)

Um ano depois, em 1779, Mickle publica um panfleto, intitulado A Candid Examination of the Reasons for Depriving the East-India Company of its Charter, "contained in the History and Management of the East-India Company, from its Commencement to the Present Time. Together with Strictures on some of the Self-Contradictions and Historical Errors of Adam Smith, in his Reasons for the Abolition of the Said Company ", que constitui grosso modo uma extensão das suas ideias sobre o assunto que já tinham sido expostas nos ensaios introdutórios à tradução de Os Lusíadas. (59)

É interessante verificar que é neste mesmo ano que Mickle projecta escrever Almada Hill, onde encontramos nitidamente ecos do ensaio " History of the Rise and Fall of the Portuguese Empire in the East ", bem como de toda esta polémica sobre a qual nos temos vindo a debruçar.

À recordação entusiástica da glória naval de Portugal, caracterizada pelas marcas lexicais de brilho e de luz, sucede-se a evocação angustiada da queda do império português no Oriente. A nível textual, o início dessa evocação é marcado pelo aparecimento da noite, " the evening gale" , donde se desprende uma sensação de escuridão, premonitória de um estado de ruína.

Os registos desta memória do passado são, no poema, bipartidos em dois termos de comparação: o primeiro ocupa dez versos e diz respeito aos governos exemplares de Vasco da Gama, Francisco de Albuquerque, Nuno da Cunha e D. João de Castro; o segundo preenche quarenta e oito versos e está relacionado, em termos genéricos, com o espírito de cobiça e desregramento que assolou os governadores do império português no Oriente, cujo início faz remontar a Lopo Vaz de Sampaio que, como o cantar profético de Tétis assinala, usurpou o cargo de Pero de Mascarenhas.

" That Gama fondly rear'd on India's clime :
 On justice and benevolence he placed
 Its ponderous weight, and warlike trophies graced
 Its mounting turrets; and o'er Asia wide
 Great Albuquerque renown'd its generous pride.

[...]

Till from corrupted passion's basest hour
 Rose the dread daemon of tyrannic power.
 Sampayo's heart, where dauntless valour reign'd,
 And counsel deep, she seized and soul profaned.

[...]

Soon through the rocks that crost his crooked way,
 As a toil'd bull, fiercely he stumbled on,
 Till low he lay dishonour'd and o'erthrown."

(pp.184-185)

Mickle confere, assim, maior viveza ao seu discurso através do uso desta linguagem metafórica. Não deixa, por isso, de ser interessante a comparação do comportamento passional de Sampaio com o de um touro exausto, visto que o touro, a nível simbólico, acarreta em si um potencial de violência e de destruição desenfreado, eventual prenúncio da queda vertiginosa do poderio dos Portugueses na Índia.

Estabelece-se, em suma, um jogo antinómico entre o Bem e o Mal, ou seja, entre o espírito de " justice and benevolence " (p.184) e o de "lust of gold and self-devotion base " (p.185), ou ainda entre o proceder de " the wise and good " (p.186) por oposição ao de " the Base and Cunning " (p.186).

Diríamos, para concretizar, que em Almada Hill se assiste ao culminar de um processo que já vem sendo esboçado desde a Introdução à tradução e que consiste na alternância dialéctica entre o progresso e o declínio, a liberdade e a opressão, enfim, entre a corrupção e a justiça.

Até mesmo no que respeita à evocação episódica da História de Portugal, Mickle completa o desfecho de algo que, de certo

modo, já tinha sido previsto por Camões, na sequência do seu olhar crítico para as realidades socio-políticas do seu tempo. Camões canta o espírito férreo e destemido dos homens ilustres, cujas façanhas foram decisivas para a formação e consolidação da grandeza da Nação portuguesa; Mickle traça em Almada Hill a sequência da evolução histórica deste povo que, em virtude de um processo de degeneração espiritual e social, perde a sua independência.

" Nor less on Tago's than on India's coast
 was ancient Lusian Virtue stain'd and lost:
 On Tago's banks, heroic ardour's foes,
 A soft, luxurious, tinsel'd race, arose;
 [...]
 Imploring peace with feeble hands outspread; -
 Such peace they found beneath the yoke of Spain;
 And the wide empires of the East no more
 Poured their redundant horns on Lisboa's shore."

(pp.187-188)

Esta evasão imaginativa para o Portugal de seiscentos, numa perspectiva historicista dentro e além fronteiras, apenas ganha pleno significado quando aliarmos à evocação histórica o objectivo didáctico. Daqui Mickle procura obter uma lição para a Inglaterra, comparada a um barco em vias de naufragar, na sequência do que já tinha feito na Introdução.

Com efeito, tal como Monica Letzring já se tinha apercebido de uma forma, aliás, muito perspicaz: " Mickle's Almada Hill ranges widely for its scenes but fixes its theme on England." (60) Na verdade, desde o início até ao fim do poema

que deparamos com várias referências a Inglaterra, o que em termos da economia interna do poema nos parece bastante significativo.

" In every scene, my roaming eyes explore,
Whate'er its aspect, still, by memory brought,
My fading country rushes on my thought." (p.164)

A Inglaterra é, em suma, o leitmotiv deste olhar retrospectivo para o passado. O próprio castelo de Almada, ponto a partir do qual essa retrospectão se inicia, evoca a ajuda preciosa dos cruzados ingleses a D. Afonso Henriques na tomada de Lisboa aos Mouros e, nessa medida, ele figura como o símbolo do valor e das virtudes inglesas - " To ancient English valour sacred still/ Remains, and ever shall, Almada Hill;" (p.166) - ainda capazes de libertar a Inglaterra da corrupção política que a assola, " Herself is sick and poisoned at the heart." (p.165)

O poema abre precisamente com a descrição de um dia de Inverno em Inglaterra, imagem sazonal desoladora que antecipa em termos figurativos o estado crítico em que o país se encontra.

" [...] louring wintery plains
Now pale with snows, now black with drizzling rains,
From leafless woodlands, and dishonour'd bowers
Mantled by gloomy mists, or lashed by showers
Oh hollow moan, while not a struggling beam
Steals from the Sun to play on Isis' stream;" (p.163)

Repare-se na redundância lexical de vocábulos que transportam em si o semema da escuridão e do desalento: louring, pale, black, leafless, dishonour'd, gloomy e, finalmente, a referência metafórica à inexistência de sol. Em seguida, numa situação contrastante, o poeta faz alusão ao clima ameno e soalheiro - " In other climes through sun bask'd scenes I stray, " (p.164) - que o anima e lhe dá alento:

" No sullen phantoms brooding o'er my breast,
The genial influence of the clime I taste:" (p.164)

Desenha-se, ao que parece, ainda que de uma forma subtil, uma correlação íntima entre as condições climatéricas e o estado de espírito do poeta:

" (...) - I, with mind serene
As Lisboa's sky, yet pensive as the scene
Around, and pensive seems the scene to me
From other ills [sic] my country's fate foresee."
(p.164)

Não só o Sol, cuja função é nitidamente iluminadora e, por conseguinte, esclarecedora, o projecta para uma situação sobranceira em relação aos acontecimentos sociais que o preocupam, mas também o ponto estratégico onde se encontra - uma colina - devido à sua simbologia ascensional de pendor cognitivo, o coloca numa posição de superioridade, passível de se tornar profícua ao nível da mensagem didáctica que o poema encerra. É nesta perspectiva que a função apelativa de alguns

passos do poema se nos afigura importante.

" Alas, my Friend, how vain the firest boast
Of human pride! how soon is Empire lost!
The pile by ages rear'd to awe the world,
By one degenerate race to ruin hurl'd!
And shall the Briton view that downward race
With eye unmoved, and no sad likeness trace! " (p.188)

Este passo, entre outros, visa estimular o destinatário, neste caso os Ingleses, a precaverem-se no sentido de evitar a queda do seu império. É, por assim dizer, um trecho ao serviço de valores extra-literários. Mickle parece, sem dúvida, acreditar na utilidade e na função social da poesia. Daí, Almada Hill abundar em digressões moralizadoras. Como nos faz notar H. T. Swedenberg:

" The EIGHTEENTH-CENTURY concept of literature as a moral force designed to persuade man either by positive precept and example or by the negative effect of ill-favored evil is too well known to require documentation. " (61)

Contudo, de uma forma aparentemente paradoxal, Mickle omite, condensa ou altera a voz do humanista que se faz ouvir em Os Lusíadas sob a forma de considerações filosóficas ou morais. Isto acontece não só no final de alguns cantos, onde o Poeta abandona a atitude de narrador e assume a de vate renascentista, tornando-se, assim, preceptivo e didáctico,

como também em várias outras estrofes ou versos análogos dispersos ao longo do texto. Trata-se de passos em que Camões acusa o procedimento dos Portugueses ou verbera os seus vícios, exorta D. Sebastião a restabelecer um novo código de valores, mais propício ao florescimento da justiça e das virtudes, ou ainda de outros passos possuidores de um cunho generalizante, cujo conteúdo moral assume a categoria de máxima. (62)

De todos os exemplos que estão ao nosso dispor, procuramos aqui destacar aquele para o qual Mickle nos dá uma justificação do seu procedimento. Isto porque, a nosso ver, essa justificação contém embrionariamente os motivos que o levaram a empreender distorções idênticas do texto camoniano. No canto VIII, após a descrição das bandeiras feita por Paulo da Gama ao Catual, quatro das estrofes do original (est.39-42) são substituídas por seis versos, o que equivale na prática à alteração da primeira das estrofes e à omissão das restantes. Estas estrofes constituem uma acérrima crítica ao desregramento, que afecta inclusivamente o poder régio, bem como ao processo de degeneração a que muitos dos descendentes das figuras notáveis estão sujeitos. Na sequência da primeira das estrofes, sobre a qual nos deteremos mais à frente, quando falarmos do contributo de Mickle para a romantização da figura de Camões, diz-nos o tradutor, numa nota de rodapé, o seguinte:

" (...) - In the original,

Mas faltamlhes pincel, faltamlhes cores,
 Honra, premio, favor, que as artes crião.
 'But the pencil was wanting, colours were
 wanting, honour, reward, favour, the nourishers
 of the arts.' This seemed to the translator as
 an impropriety, and contrary to the purpose of
 the whole speech of Paulus, which was to give
 the Catual a high idea of Portugal." (63)

Sempre que, na sua opinião, o carácter discursivo do poema camoniano não se ajuste aos cânones do género épico, ele é suprimido ou alterado. Com efeito, o sentimento de superioridade do Poeta em relação aos acontecimentos que narra e aos heróis que canta, expresso através de comentários moralizantes, é talvez considerado pelo tradutor como sendo vagamente destoante da plenitude didáctica da epopeia, de cuja acção e personagens se poderão extrair os ensinamentos necessários.

Eis, em suma, o que grande parte dos críticos franceses (64) e ingleses pensavam sobre o assunto e com os quais Mickle parece estar de acordo:

" The French critics of the seventeenth century came more and more to discredit the sententious statement. Le Bossu had admitted the value and beauty of sentences, but he objected to an overabundance of them, saying that they make an epic too philosophical. (...) English critics (...) (...) tended to believe that the sentence, if used at all, should be used sparingly.(...)

Dennis (...) inveighed against the sentence and sententious discourse because they interrupt the flow of the narrative; because they teach by precept, whereas the epic should teach by action; " (65)

Ao longo da tradução deparamos com outro tipo de liberdades, que, embora não omitam ou não deturpem o significado profundo da mensagem veiculada pelo texto camoniano, revelam a adesão emocional do tradutor à matéria que traduz. Assistimos, assim, à justaposição de um mesmo código ideológico, em que se detecta a presença da voz do tradutor, sobrepondo-se, por vezes, à de Camões.

Isto verifica-se muito concretamente a nível do ideal religioso subjacente à expansão portuguesa. Na verdade, Mickle deixa transparecer os seus sentimentos de cristão, na veemência com que acentua ou particulariza a missão evangelizadora da viagem expansionista levada a cabo pelos Portugueses. O Poeta exaltador da dilatação da " lei da vida eterna " acaba por encontrar no tradutor escocês, desde cedo preocupado com assuntos de índole religiosa (66), um excelente defensor do espírito de cruzada que anima os Portugueses na luta contra o Maometano e, conseqüentemente, na propagação da fé cristã.

"Daqueles Reis que foram "What Kings, what Heroes of dilatando/A Fé, o Império, e my native land/ Thunder'd on as terras viciosas/De Africa Asia's and on Afric's strand:

e de Asia andaram / Illustrious shades, who
desvastando," (c.I,est.2, v. 3-4) levell'd in the dust/ The
idol-temples and the shrines
of lust; and where erewhile,
foul demons were rever'd,/ To
Holy Faith unnumber'd altars
rear'd:" (p.3)

"Que há-de ser celebrada, a "She knew her altars would
clara Dea," (c.I,est.34,v.3) unnumbered blaze,/ And
barbarous nations at her holy
shrine/ Be humaniz'd, and
taught her lore divine."
(p.16)

"Que aqui gente de Cristo "Yet all was false, for there
não havia,/ Mas a que a Messiah's name,/ Reviled and
Mahamede celebrava. " (c.I, scorn'd, was only known by
est.102,v.3-4) fame./ The groveling natives
there, a brutal herd,/ The
sensual lore of Hagar's son
preferr'd. " (p.39)

"[...] o torpe Mahometa/ "The shrines of Hagar's race,
Deita fora,[...] " (c.IV, the shrines of lust,/ And
est.49,v.6-7) moon-crown'd mosques lay
smoaking in the dust."
(p.168)

" Ali o mui grande reino "And Congo's spacious realm
está de Congo,/ Por nós já before us rose,/ [...]/ Where
convertido à fé de Cristo," many a temple o'er the banks
(c.V,est.13,v.1-2) of green,/ Rear'd by the
Lusian heroes, through the
night/ Of Pagan darkness,
pours the mental light."
(p.194)

"Guarda-lhe, por entanto, um
falso Rei/ A cidade
Hierosólíma terrestre, "
(c.VII,est.6,v.1-2)

"While Hagar's brutal race
his titles stain,/ In weeping
Salem unmolested reign,/ And
with their rites impure her
holy shrines profane."
(p.272)

"De Africa tem marítimos
assentos;/É na Asia mais que
todas soberana./ Na quarta
parte nova os campos ara;"
(c.VII,est.14,v.5-7)

"When heaven's own laws o'er
Afric's shores were heard,/
The sacred shrines the Lusian
heroes rear'd:/ Nor shall
their zeal in Asia's bounds
expire,/ Asia subdued shall
fume with hallowed fire./
When the red sun the Lusian
shore forsakes,/ And on the
lap of deepest west awakes,/
O'er the wild plains, beneath
unincensed skies/ The sun
shall view the Lusian altars
rise." (pp.276-277)

"Jugo de Reis diversos o
constrange/ A várias leis:
alguns o vicioso/ Mahoma,
alguns os Idolos adoram,/
Alguns os animais que entre
eles moram." (c.VII,est.17,
v.5-8)

"To various laws the various
tribes incline,/ And various
are the rites esteem'd
divine:/ Some as from heaven
receive the Koran's lore,/
Some the dread monsters of
the wild adore;/ Some bend to
wood and stone the prostrate
head,/ And rear unhallow'd
altars to the dead."
(pp.285-286)

"Brâmenes são os seus
religiosos,/Nome antigo e de

"Whate'er in India holds the
sacred name/ Of piety or

grande preminência;/Observam lore the Brahmins claim:/ In
os preceitos tão famosos/Dum wildest rituals, vain and
que primeiro pôs nome à founder as a God they boast."
ciência:" (c.VII,est.40, (p.291)
v.1-4)

"Onde Gonçalo morte e "(...) Gonsalo's zeal shall
vitupério/Padecerá, pola Fé glow/ To these dark minds the
santa sua. " (c.X,est.93, v. path of light to shew :/ His
3-4) toils to humanize the
barbarous mind/ Shall with
the martyr's palms his holy
temples bind." (p.450)

Não obstante Camões ser intolerante para com os Infiéis,
dada a desvalorização significativa com que acentua o seu
carácter - o torpe Ismaelita ou os cães que tomaram
posse do Santo Sepulcro - Mickle ultrapassa-o nalguns casos,
como nos é dado a perceber pelos exemplos que acabámos de
extrair. Ao exceder quantitativamente os versos do original
através de uma narração mais circunstanciada, ele confere uma
maior ênfase ao aspecto profano do culto religioso. Com
efeito, a minúcia descritiva que utiliza para traduzir a
desvastação da África e da Ásia, a expulsão dos Maometanos de
Ceuta ou ainda a expansão da civilização cristã pelas várias
partes do mundo demonstra como determinados aspectos do
domínio do culto religioso lhe reclamam a atenção.

Por seu turno, uma recorrência mais incisiva de traços
lexicais relacionados com a noção de vício e de impureza
denota como as ideias do tradutor vão aflorando aqui e ali ao

longo do texto. A ocorrência de expressões como idol-temples , shrines of lust, foul-demons, rites impure , unincensed skies, unhallow'd altars, dread monsters e wildest rituals estabelece um campo variado e ao mesmo tempo homogêneo de significações negativas, das quais sobressai a sua repulsa por tais exercícios cultuais - " the sensual lore of Hagar's son " -, acrescida ainda pelo facto de alguns destes atributos nem sequer serem motivados pelo texto camoniano, como é o caso, por exemplo, do emprego da adjectivação pejorativa relativamente à religião dos Brâmanes.

Encontramos aqui, ao que parece, reflexos do seu comentário sobre os dogmas religiosos e a filosofia dos Brâmanes. Com ele o autor pretende, em síntese, refutar a alegada antiguidade das Escrituras dos Gentios, tida por alguns viajantes como superiores às cristãs; denunciar a superstição e a idolatria da sua religião, procurando, assim, demolir a admiração dos viajantes que nos últimos anos tinham visitado a Índia pela filosofia religiosa dos Hindus.

" The admirers of the Hindoos philosophy will therefore excuse him (the translator), should he venture to give his opinion against the apology for the polytheism of the Brahmins. (...). That the religion of the Brahmins is highly reprehensible every moralist must allow, when he considers, that the most unworthy ideas of the Divinity, ideas destructive of morality, naturally arise from idol worship;". (67)

Neste contexto, cumpre atentar na forma como Mickle

descreve a missão civilizadora inerente à cristianização dos Infiéis. Em passos para os quais não encontramos correspondência no original, o tradutor não se inibe de frisar, por vezes, através do uso de uma linguagem figurada, os benefícios decorrentes da evangelização desses povos: o afastamento do espírito da barbárie e a consequente aquisição de uma mente mais iluminada devido ao proselitismo à fé cristã. A este nível, e na sequência do que já tinha acontecido em relação ao comércio, estabelece-se a antinomia entre dois reinos opostos: o da luz e o das trevas. Veja-se como o processo da livre tradução metafórica de expressões como fé de Cristo ou Fé santa acaba por tornar muito mais sensível e dar maior impacto aos efeitos benéficos da difusão do Cristianismo.

Mesmo num outro plano, o da exortação do espírito de cruzada contra o Islão, é curioso notar como Mickle defende numa longa nota de rodapé a razão de ser histórico-política das Cruzadas, na sequência das catorze primeiras estrofes do canto VII, onde Camões exalta a "geração de Luso" pela determinação que demonstra na luta contra as hostes sarracenas, que, juntas, pretendem destruir uma Europa enfraquecida por lutas internas.

" Yet however confidently Voltaire and others may please to talk, it will be no difficult matter to prove that the crusades were neither so unjustifiable, so impolitical, nor so unhappy in their consequences as the superficial readers

of history are habituated to view them. (...) In a word, the crusades, (...) can by no means deserve to be called a most singular monument of human folly, whatever the superstition of its promoters and conducters might be. " (68)

Muito embora esta nota de rodapé fosse, em princípio, originada por um intuito de defender Camões das acusações de críticos que viam no apelo a uma cruzada europeia contra o Turco uma digressão aparentemente injustificada, ela não deixa de revelar, a nível embrionário, ainda que se trate de um discurso extra-literário, a avaliação positiva por parte do tradutor dessas expedições da história medieval que foram as Cruzadas.

Em Almada Hill deparamos ao longo de vários versos com a reconstituição histórica desses tempos do passado, vislumbrando-se, assim, uma continuidade temática a nível do ideal cruzadístico presente em Os Lusíadas, mormente no que respeita à exaltação da luta contra os Turcos, cujo poderio alastrava pela Europa mediterrânica.

" Alas! how waste Ionia's landscapes mourn;
Thine, O beauteous Greece, amid the towers
Where dreadful still the Turkish banner lowers;
(...)
Thy sons, degenerate Greece, ignobly bled,
And fair Byzantium bow'd th' imperial head;
While Tago's iron race, in dangers steel'd,
All ardour, dared the horrors of the field."

(p.175)* (p.179)

Repare-se quão semelhante é este passo dos primeiros quatro versos da estrofe 13 do canto VII, em que Camões põe o acento tónico no sofrimento dos Gregos, Trácios, Arménios e Georgianos que se encontram sob o jugo turco:

" Gregos, Traces, Arménios, Georgianos,
 Bradando vos estão que o povo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do Alcorão (duro tributo!)"

(c.VII,est.13,v.1-4)

Esta sequência temática terá, todavia, que ser enquadrada numa perspectiva histórico-cultural, susceptível de explicitar o móbil que teria levado Mickle a retomar o tema das Cruzadas. Se, no que respeita a Os Lusíadas, o ideal da Cruzada se reveste de plena actualidade histórica, dado o avanço do Império Otomano, conducente à batalha do Lepanto em 1571, ano que antecedeu a publicação do poema épico camoniano, o mesmo já não se passa relativamente a Almada Hill, uma vez que os últimos anos eficazes de inspiração cruzadística datam do século XVI .

Assim sendo, a evasão histórica para esses tempos do passado constitui um registo de apreço pela Idade Média em geral e muito particularmente pelo idealismo de um dos seus tipos humanos mais relevantes: o cruzado. Figura singular pela bravura e princípios éticos que encarna, o cruzado suplanta os heróis da Antiguidade Clássica, indo defender tenazmente as nações europeias. Ele é o protagonista na luta contra os

Sarracenos; o baluarte da liberdade.

" When Chivalry arose: - Her ardent eye
 Sublime, that fondly mingled with the sky,
 Where patience watch'd, and stedfast purpose frown'd
 Mixt with Devotion's fire, she darted round,
 Stern and indignant; on her glittering shield
 High plumed she rush'd; by Honour's dazzling fir'd,
 Conscious of Heaven's own cause, and all inspir'd
 By holy vows, as on the frowning tower
 The lightning vollies, on the crested power
 Of Sarazen she wing'd her javelin's way,
 And the wide-wasting giant prostrate lay.

 And ask what Christian Europe owes the high
 And ardent soul of gallant Chivalry,
 Ask, and let Turkish Europe's groans reply! "

(pp.177,181)

O encarecimento do código de honra da Cavalaria desempenhou um papel primacial a nível das novas manifestações de gosto que se começaram a fazer sentir, sobretudo a partir de meados do século XVIII, e que, no seu conjunto, constituíram o período da história literária designado como Pré-Romantismo. (69) Neste âmbito, convém recordar o medievalismo, nomeadamente de autores como Thomas Warton e Richard Hurd, no que respeita à reabilitação de temas cavaleirescos.

Thomas Warton, em Observations on the Faerie Queene of Spenser (1754), de acordo com a análise de J.W.H. Atkins, procura demonstrar os valores poéticos intrínsecos aos temas medievais que durante o período neo-clássico tinham caído em descrença, em virtude do racionalismo dogmático de inspiração

greco-latina. O mundo fantasioso, repleto de aventuras cavaleirescas, presente em The Faerie Queen, deverá, por conseguinte, merecer a admiração de uma idade tida como mais culta, porquanto " Chivalry, (...), was no barbarous sport of primitive days; it was a school of fortitude and honour,".(70)

Alguns anos mais tarde, Richard Hurd, em Letters on Chivalry and Romance (1762), obra que, no entender de Henry Beers, teria dado um contributo significativo para o forjar do aparecimento do movimento romântico, faz notar que a Cavalaria surge como uma consequência lógica do sistema feudal com as suas justas e torneios. Ela surge grandemente valorizada por exhibir no seu período áureo um código de valores - " 'Prowess, Generosity, Gallantry, and Religion' " (71) - que, segundo a sua opinião, se afigura muitíssimo superior ao dos heróis dos poemas homéricos.

No mesmo ano, em 1762, o reverendo Thomas Leland publica Longsword; an Historical Romance, um romance sobre a época de Henrique III e aventuras de Cavalaria.

As recolhas de lendas e baladas populares antigas - " un ferment de transformation dans la poesie anglaise " (72) - de entre as quais cabe destacar a de James Macpherson, Fragments of Ancient Poetry (1760) e, sobretudo, a de Thomas Percy, Reliques of Ancient English Poetry (1765), contribuíram indubitavelmente para o reacender de uma nova sensibilidade, virada para as cenas típicas do mundo medieval, relacionadas com o antigo viver da aristocracia feudal, de que os cavaleiros e as damas faziam parte integrante.

Como vemos, Mickle não é impermeável às tendências dissidentes do racionalismo clássico. Ele assume-se, pelo contrário, como um revivalista do passado, indiferente, ao que parece, aos juízos críticos dos representantes mais conservadores do Neoclassicismo:

" Let supercilious Wisdom's smiling pride
 The passion of these bold days (Chivalry) deride;
 But let the humbler Sage with reverence own
 That something sacred glows, of name unknown,
 Glows in the deeds that Heaven delights to crown;
 Something that boasts an impulse uncontroul'd
 By school-taught prudence, and its maxims cold. "

(pp.177-174)* (pp.177-178)

A evocação das Cruzadas renasce agora sobre o signo da fé, de um impulso sagrado, insusceptível de se coadunar com um espírito de lucidez racional. Já Mickle, na Introdução à tradução, atribuíra a formação do Condado Portucalense ao espírito romântico que animava a agressividade guerreira dos cruzados. (73) Consequentemente, o tradutor, nos passos em que Camões narra a ajuda prestada pelas hostes de cavaleiros germânicos a D. Afonso Henriques, não omite nenhum detalhe, juntando, pelo contrário, alguns versos, como é o caso da estrofe 18 do canto VIII, o que denota a importância que tal tema assumia para ele:

"Não vês um ajuntamento, de "Here now behold, in warlike
 estrangeiro/Trajo, sair da pomp pourtray'd,/ A foreign

grande armada nova/Que ajuda a combater o Rei primeiro/
 Lisboa, de si dando santa prova?/Olha Henrique, famoso cavaleiro/
 A palma que lhe nasce junto à cova./Por eles mostra Deus milagre visto;/
 Germanos são os Mártires de Cristo." (c.VIII,est.18)

navy brings the pious aid./
 Lo, marching from the decks
 the squadrons spread,/

Strange their attire, their
 aspect firm and dread./ The
 holy Cross their ensigns bold
 display,/ To Salem's aid they
 plough'd the watery way;/ Yet
 first, the cause the same, on
 Tago's shore/ They dye their
 maiden swords in Pagan gore.
 / Proud stood the Moor on
 Lisbon's warlike towers,/From
 Lisbon's walls they drive the
 Moorish powers:/ Amid the
 thickest of the glorious
 fight,/ Lo, Henry falls, a
 gallant German knight,/ A
 martyr falls: That holy tomb
 behold,/ There waves the
 blossom'd palm the boughs of
 gold:/ O'er Henry's grave the
 sacred plant arose,/ And from
 the leaves, heaven's gift,
 gay health redundant flows."
 (pp.326-327)

Esta dimensão sacralizada que emana dos actos dos cavaleiros de Cristo é retomada em Almada Hill, quando o poeta, extasiado, se parece aperceber da irrupção de algo sagrado que se desprende dos sítios por onde anda ou que avista, por evocarem a vitória dos Cruzados sobre os Sarracenos:

" Fired at the thought, methinks on sacred ground

I tread; where'er I cast mine eyes around,
 Palmela's hill and Cintra's summits tell
 How the grim Sarazen's dread legions fell;"

(p.174)* (p.178)

É ainda num outro passo que Mickle recorda nostalgicamente a ajuda dos soldados do Duque de Gloucester a D. Afonso Henriques, aquando da tomada de Lisboa aos Mouros, seguindo, por conseguinte, na esteira de Camões, a nível temático, ainda que se distancie pela tonalidade pré-romântica que faz presidir à evocação desses tempos do passado.

" To ancient English valour sacred still
 Remains, and ever shall, Almada Hill;
 The hill and lawns to English valour given
 What time the Arab Moors from Spain were driven,
 Before the banners of the Cross subdued,
 When Lisboa's towers were bathed in Moorish blood
 By Gloster's lance.(...) " (p.166)

Convém, pois, notar, imediatamente na sequência do trecho supracitado, qual a resposta emotiva do poeta perante esses feitos heróicos do passado.

" (...) - Romantic days that yield
 Of gallant deeds a wide luxuriant field
 Dear to the Muse that loves the fairy plains,
 Where ancient honour wild and ardent reigns."

(pp.166-167)

Romantic eis, em suma, o adjectivo que classifica este

período da história medieval. Assim sendo, ele vê-se à partida investido de um valor semântico extremamente positivo. Desta forma, o vocábulo romantic surge intrinsecamente associado a um misto de conceitos e sentimentos, como os de galanteria, fantasia, honra, antiguidade, excitação e rudeza primitiva.

O adjectivo romantic, de origem inglesa seiscentista, apresenta uma longa história. (74) Inicialmente significava "like the old romances", o que denota a necessidade que na altura se fazia sentir de um vocábulo para designar determinadas características desses romances, tidas geralmente por quiméricas ou ridículas. Porém, sem pretendermos fazer um historial da evolução etimológica e semântica do vocábulo em questão, não queríamos deixar de assinalar a sua valorização a partir do início do século XVIII, altura em que começa a ser empregado por certos autores no bom sentido da palavra, para qualificar uma cena, uma paisagem, uma vivência ou um momento, passando a significar o que satisfaz a imaginação, o que estimula o sonho e a comoção da alma.

Como nos é dado inferir do que atrás ficou exposto, Mickle usa o vocábulo romantic numa acepção semântica idêntica, o que volta a demonstrar a sua aderência às novas formas de sensibilidade que estavam em vias de desenvolvimento e que mais tarde deram origem ao eclodir do movimento romântico. Não admira, por isso, que mesmo na tradução de Os Lusíadas deixe irromper o seu entusiasmo apaixonado por uma cena típica da Idade da Cavalaria. Referimo-nos aos Doze de Inglaterra, representantes, em suma, do puro heroísmo cavalheiresco.

"Pois polos Doze Pares "Here brave Magrizo and his
 dar-vos quero/ Os Doze de Peers are crown'd/ (A
 Inglaterra e o seu Magriço." glorious Twelve!) with
 (c.I,est.12, v.5-6) deathless laurels, won/ In
 gallant arms before the
 English throne." (p.8)

A interpolação A glorious Twelve! afigura-se-nos de
 sobremaneira importante, na medida em que ao registo
 valorativo glorious se junta o registo emocional (o ponto de
 exclamação), ambos denotadores do tipo de relação que se
 estabelece entre o tradutor, neste caso produtor da mensagem,
 e a própria mensagem.

Como consequência, no canto VI, nas estrofes que narram o
 episódio dos Doze de Inglaterra, o tradutor procede a uma
 tradução igualmente livre, não descurando, nesta mesma ordem
 de ideias, a dignidade e o heroísmo épico que tal cena requer.
 Tanto assim que nas estrofes 65 e 66, que são quase
 reelaboradas na totalidade, Mickle tenta infundir uma nova
 vivacidade e fulgor à narração do combate entre Portugueses e
 Ingleses.

Não concordando aparentemente com a opinião expressa por
 Camões no início da segunda das estrofes mencionadas, dada a
 omissão dos versos que a seguir transcrevemos,

" Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 É desses gastadores, que sabemos,
 Maus do tempo, com fábulas sonhadas."

(c.VI,est.66,v.1-4),

Mickle gasta precisamente as suas palavras na singularização definitiva da figura do Magriço, fazendo, assim, despontar o seu inconfundível arrojo guerreiro da massa anónima dos cavaleiros que se defrontavam.

" So tied and stagger'd toil'd the doubtful fight,
 When great Magricio kindling all his might
 Gave all his rage to burn: with headlong force,
 Conscious of victory, his bounding horse
 Wheels round and round the foe; the heroe's spear
 Now on the front, now flaming on the rear,
 Mows down their firmest battle; (...) " (p.256)

Na supressão integral dos primeiros quatro versos da estrofe 66 vislumbra-se a existência de duas atitudes diferentes: uma, a de Camões, mais racional, apologista do comedimento de fantasias, sendo, portanto, crítico relativamente à narração de determinadas proezas próprias dos romances de cavalaria, que, de acordo com o seu código de valores, poderiam exceder os limites do verosímil; e outra, a do tradutor, que por ser mais dado à glorificação desse tipo de cenas, vê nessas fábulas sonhadas, tidas pelo Poeta como fantasias, uma oportunidade de renovação temática, responsável pelo extravasar de novos sentimentos e emoções.

Analisado sob uma outra perspectiva, o episódio dos Doze de Inglaterra reflecte um estado real da sociedade feudal, onde se torna evidente o papel de destaque que a honra feminina então assumia:

" Ah, base the sport that lightly dares defame
The sacred honour of a lady's name! " (p.248)

Esta objurgatória de Mickle contra os que ousaram difamar a reputação das doze damas da corte inglesa, ainda que, em parte, fosse motivada pelo texto original (est.44), em muito o excede na intensidade e na forma directa como formula a sua crítica. Se encararmos este acontecimento na sua componente social, nomeadamente no que respeita o código de comportamento que se estabelece entre dama e cavaleiro e a atmosfera moral envolvente, é curioso notarmos como Mickle vai retomar este tema, ainda que sob um matiz diferente, na reconstituição imaginativa que faz da História de Portugal em Almada Hill.

Após ter recordado pontualmente alguns dos acontecimentos históricos que os montes ibéricos testemunharam, o poeta foca a invasão da Península pelos Godos e outras tribos nórdicas, na sequência do declínio do Império Romano do Ocidente.

" When Rome's wide empire, a luxurious prey,
debased in false refinement nerveless lay,
The northern hords on Europe's various climes.
Planted their ruling virtues and their crimes. "

(p.173)

Da evocação dos tempos do passado, este é efectivamente aquele que mais atrai a imaginação do poeta, pela supremacia da pureza do sentimento amoroso, pela forma como se processa o galanteio da mulher amada, enfim, por uma forma de viver medieva, que nas suas linhas gerais se impõe como

profundamente romântica:

" (...) Spain became
 The land of gallantry and amorous flame.
 Hail, favour'd clime! whose lone retreats inspire
 The softest dreams of languishing desire,
 Affections trembling with a glow all holy,
 Wildly sublime, and sweetly melancholy;
 Till rapt devotion to the Fair, refine
 And bend each passion low at Honour's shrine.
 So felt the iron Goth when here he brought
 His worship of the Fair with valour fraught:
 Soon as Iberia's mountains fixt his home,
 He rose a character unknown to Rome;
 His manners wildly colour'd as the flowers
 And flaunting plumage of Brazilian bowers:
 New to the world as these, yet polish'd more
 Than e'er the pupil of the Attic lore
 Might proudly boast. (...) " (p.174)

O poetizar do modo de vida dos antigos povos germânicos conduz à sobrevalorização da sua cultura primitiva, dado que "His manners wildly colour'd as the flowers/ And flaunting plumage of Brazilian bowers " se sobrepõem, por paradoxal que pareça, às dos herdeiros dos padrões culturais da sociedade ateniense.

Neste contexto é importante chamar a atenção para os conteúdos de tonalidade disfórica de que se revestem as referências ao Império Romano. As alusões a Roma, a par da que atrás foi citada, relacionam-se de um modo geral com o desregramento dos Romanos e a desintegração dos seus

princípios éticos, fenómenos de ordem sociológica que estão porventura na origem do desmoronamento do seu poder hegemónico sobre as outras nações.

É, pois, a esta luz que Mickle verbera a falsidade que corrói irreparavelmente o código de honra dos Patrícios, aquando do assassinato de Viriato:

" Here while the Youth revolves some Hero's fame,
[...]

Here let him trace the fields to freedom dear
Where low in dust lay Rome's invading spear;
Where Viriatus proudly trampled o'er
Fasces and Roman eagles steeped in gore;
Or where he fell, with honest laurels crown'd,
The awful victim of a treacherous wound;
A wound still bathed in Honour's generous tear,
While Freedom's wounds the brave and good revere;
Still pouring fresh th' inexpiable stain
O'er Rome's patrician honour false and vain! "

(pp.170-171)

Aliás, já na tradução de Os Lusíadas deparamos com uma tomada de posição análoga à que aqui foi transcrita, quando, na estrofe 22 do canto III, Camões refere a perenidade da fama desse herói lusitano:

"Desta [da Lusitânia]	o	"When her bold troops
Pastor nasceu que no seu	[Lusitania's]	the valiant
nome/ Se vê que de homem	sheperd led,/	And foul with
forte os feitos teve;/	Cuja	rout the Roman eagles fled;/
fama ninguém virá que dome,/	When	haughty Rome atchiev'd
Pois a grande de Roma não se	the	treacherous blow,/

atreve."(c.III,est.22,v.1-4) That own'd her terror of the
 matchless foe./But when no
 more her Viriatus fought,/
 Age after age her deeper
 thraldom brought;/ Her broken
 sons by ruthless tyrants
 spurn'd,/ Her vineyards
 languished, and her pastures
 mourn'd;" (p.93)

Mickle, ao contrário de Camões, coloca o acento tónico na depravação dos Romanos, na faceta negativa da sua ocupação da Península. Atente-se particularmente na carga pejorativa de expressões como haughty Rome, treacherous blow, ruthless tyrants, a que se segue o esboçar de um panorama campestre desolador.

A contrastar com a antipatia que nutre pelo Império Romano, há a assinalar o louvor de Viriato, que surge tanto mais engrandecido quanto mais a sua honestidade e nobreza de comportamento se distanciam do carácter pérfido dos Romanos. Mickle encontra em Viriato uma figura possuidora de um heroísmo primitivo e de uma simplicidade grandiosa, envolta numa dimensão lendária: o representante mais remoto do sentimento nacional da "geração de Luso". Viriato é, no fundo, um herói romântico com o qual um povo se identifica. Ele assinala, em suma, a origem e a individualidade de uma nação. Dir-se-ia, portanto, que, na atitude crítica de Mickle para com Roma e, conseqüentemente, na admiração que nutre por Viriato, se percepçiona o aflorar de um espírito romântico,



que se vê cada vez mais impossibilitado de encontrar no mundo da Antiguidade greco-latina uma força de atracção criadora.

Nesta perspectiva, reveste-se de primacial interesse uma nota de rodapé alusiva à estrofe 10 do canto III, uma vez que que ela corrobora em termos pragmáticos a superioridade da civilização germânica sobre a romana, sujeita a um processo de degenerescência secular. Assim, a propósito de Camões ter referido a queda do domínio romano na Península pelos Visigodos, diz-nos Mickle o seguinte:

" In mentioning this circumstance Camoens has not fallen into the common error of little Poets, who on every occasion bewail the outrage which the Goths and Vandals did to the Arts and Sciences. A complaint founded in ignorance. The Southern nations of Europe were sunk into the most contemplative degeneracy.(...). On these despicable Sybarites the North poured her brave and hardy sons, who, though ignorant of polite literature, were possessed of all the manly virtues of the Scythians in a high degree. Under their conquests Europe wore a new face (...) it is to them that England owes the constitution, which as Montesquieu observes, they brought from the woods of Saxony. The spirit of gallantry and romantic attachment to the fair sex, which distinguished the Northern Heroes, will make their manners admired, while considered in the same point, the polished ages of Greece and Rome excite our horror and detestation. (...) it is to the irruption of these brave barbarians that modern Europe owes those remains of the spirit of Liberty,". (75)

Mas voltemos à questão do código de honra feminino, também aqui abordado. O culto da mulher amada delineado em Almada Hill, reportando-se a este período da história universal, faz-se acompanhar de intenções puras e, por consequência, nobilitantes, já que se trata de "Affections trembling with a glow all holy", o que nos remete de imediato para o ideal do amor cortês. Ao longo desse olhar retrospectivo para o passado, a mulher - the Fair - surge endeusada na relação de cortesia e vassalagem a que sujeita os seus admiradores: "Till rapt devotion to the Fair, refine/ And bend each passion low at Honour's shrine." A sua deificação acarreta a purificação dos sentidos, e a imagem de feminilidade que nos é virtualmente difundida encontra-se, por isso, despojada de qualquer atributo erótico.

Vejamos, então, subsequentemente qual a atitude de Mickle perante a imagem da mulher que é esboçada por Camões, reportando-nos agora à tradução de Os Lusíadas, nomeadamente a Vénus.

Camões, no traçar do seu retrato, faz recair a ênfase sobre a sua beleza física, tendo em vista uma acumulação de pormenores descritivos e um poder imaginativo, reveladores da perturbação sensual que tal descrição suscita. Vénus representa um ideal de feminilidade pagão, ligado às forças terrestres e aquáticas da Natureza, não se coadunando, portanto, com o esquema do amor cortês. A sua idealização numa perspectiva puramente naturalista acaba, assim, por estar intrinsecamente associada à terra que ela criou: a Ilha dos

Amores.

Mickle, ao contrário de Camões, tenta atenuar o erotismo imanente da beleza física de Vénus, de tal sorte que no canto II, nomeadamente nas estrofes 37 e 42, há versos que não aparecem traduzidos na versão inglesa. Conta-nos o Poeta que a deusa, protectora dos Portugueses, a fim de obter de seu pai as promessas que desejava, se apresentara nua e " pera que o desejo acenda e dobre,/ Lhe põe diante aquele objecto raro ". A comoção é tal que Júpiter, seu pai e simultaneamente seu amante, se sente predisposto a fazer-lhe um filho: " de modo que dali se só se achara/ Outro novo Cupido se gerara." Ambos os passos citados, por serem detentores de uma maior carga erótica e por constituírem um desafio à moral e à castidade cristãs, são omitidos pelo tradutor.

Para além dos exemplos que acabámos de salientar, há diversos desvios pontuais que envolvem Vénus numa auréola de pureza e divindade celestiais contrariamente à concepção pagã da figura feminina idealizada por Camões. A par do carácter divino das suas mãos - " The vassal Loves in fond contention join/ Who first and most shall kiss her hand divine (p.380) - ela é, por vezes, designada como Celestial Love (pp.56, 265,386), donde ressalta o objectivo de retratar a deusa do Amor a uma luz demarcadamente espiritualista. Daí que o tradutor, à semelhança do que acontecera no canto II, omita qualquer referência directa à impudicícia do seu comportamento (c.IX,est.43,v.5), à sua experiência como amante (c.IX, est.50, v.6) ou à sua responsabilidade, quer pela aparição de

amores adúlteros (c.IX,est.35), quer pela criação da atmosfera voluptuosa da Ilha dos Amores (c.IX,est.83,v.6).

Na busca da razão de ser destas alterações, não podemos também descurar o ensaio de Voltaire sobre Os Lusíadas, que Mickle tão acerrimamente critica na Introdução. (76) Um dos aspectos de que muito Voltaire se admirou foi o facto de Vénus, divindade pagã, estar incumbida de conduzir ao Oriente os defensores da fé de Cristo. Mickle, partindo de uma interpretação alegórica da mitologia camoniana, procura anular tal contradição. Mesmo no âmbito da mitologia pagã há que distinguir, segundo ele, duas deusas do Amor, por um lado a Vénus celestial e, por outro, a terrestre.

" This Urania-Venus (the celestial Venus), [...] presided over the love of wisdom and virtue, which are the pleasures of the soul, as the terrestrial Venus presided over the pleasures of the body. " (77)

Na sequência desta nota de rodapé extrai Mickle as suas conclusões, afirmando que:

" The Celestial Venus is therefore the most proper personage of that mythology to figure Christianity. [...].In an essay prefixed to his (Voltaire's) Henriade, Le mot d'Amphitrite, says he, dans notre poesie, ne signifie que la Mer, & non l'Epouse de Neptune - [...] And why may not the word Venus in Camoens signify divine Love, and not the wife of Vulcan? " (78)

Pelos vistos, a defesa engenhosa dos artifícios literários de Camões das acusações de Voltaire, a que se poderão acrescentar, não menos eficazmente, os princípios ou ideais morais perfilhados por Mickle, (79) redundou no esbatimento do retrato sensual de Vénus, bem como do clima erótico que paira sobre todo o episódio da Ilha dos Amores, que volta a ser objecto de crítica por parte de Voltaire, devido ao seu carácter voluptuoso.

Há, deste modo, a registar alterações desde os lascivos beijos que " no ar se vão dando " (c.IX,est.24,v.6), traduzido por fondling kisses (p.374), até ao código de sedução que regulamenta o relacionamento entre as ninfas e os nautas portugueses.

A fuga e a perseguição das ninfas revela-se como um processo altamente erótico, o que parece acentuar a atmosfera animal e a vivência puramente biológica da vida do homem nesse espaço edénico. Enceta-se uma dualidade entre caçador e presa, o que evoca o predomínio de instintos animais e a obtenção de prazeres sensíveis, visto que o que se visa, em última instância, é a satisfação do desejo da posse, e de uma posse carnal, assinalada, por exemplo, a nível textual, pela metáfora da junção da água e do fogo, ou seja, da união do princípio feminino, passivo, com o princípio masculino, activo.

Daí que o tradutor tenha omitido a estrofe 66 do canto IX, que institui declaradamente as ninfas como alvos de caça, e reduzido as estrofes 70 a 74 inclusivé a vinte e quatro

versos, tornando-se, assim, difícil, senão mesmo, nalguns casos, impossível, o estabelecimento de uma correspondência estrófica. De qualquer modo, o importante a apontar é que esta redução resulta num esbater nítido da atmosfera erótica, dado omitir as referências, por exemplo, a um dos cenários privilegiados por Camões, a mulher no banho, que constitui uma excelente oportunidade para evidenciar a nudez feminina e a excitação dos mancebos perante tal situação.

Como consequência, num passo para o qual não encontramos equivalente no original, ao traduzir a estrofe 89 respeitante ao significado alegórico da Ilha dos Amores, Mickle conclui que:

"Chaste and divine are all the raptures here." (p.408)

Até mesmo em relação ao grande banquete erótico e gastronómico oferecido pela deusa Tétis aos nautas portugueses, deparamos com marcas da presença do tradutor, cujos registos de valor pretendem envolver esse festim numa auréola de dignidade e virtuosidade de inspiração exclusivamente espiritual:

" Sacred to the noblest worth and Virtue's ear,
Divine as genial was the banquet here;" (p.417)

E logo mais à frente, a propósito dos vinhos odoríferos com os quais se banquetavam e que no íntimo do coração moviam súbita alegria, o tradutor faz notar que:

" (...); wild nor frantic fires,
 Divinest transport this (the wine) alone inspires."
 (p.418)

Contudo, o voluntário retraimento do tradutor em descrever despudoradamente a beleza sensível da mulher, ou os êxtases vividos na Ilha de Vénus, não resulta, em termos globais, numa resposta negativa a tudo o que excita os sentidos e abala profundamente a alma. De facto, a sensibilidade e a emoção, dois dos motivos poéticos fundamentais do período pré-romântico, mormente no que toca a intrínseca relação que estabelecem com o sublime e outros conceitos estéticos, como o gótico e o pitoresco, constituem um dos traços distintivos mais importantes da tradução de Mickle.

Uma das inovações do período histórico-cultural e literário em questão consiste no primado dos sentidos sobre a razão, a que se segue a subsequente revalorização do horrível e do tenebroso. Em sentido lato, dir-se-ia que a ordem e a medida dão lugar à grandeza desmesurável e assimétrica, aos contornos enevoados, ao fantástico, ao cemiterial e a outros ambientes ou cenários afins.

A esta luz não será, portanto, de estranhar que a figura do gigante Adamastor surja nitidamente valorizada, sendo considerada pelo leitor inglês de então, para utilizar a expressão de Monica Letzring, como "the very epitome of the sublime." (80)

Vários são os comentários que revelam uma grande admiração por esta criação genuína do Poeta português. A concepção dessa

aparição fantástica faz exclamar Voltaire que ela seria vista como " noble and proper in all Ages, and in all Nations." (81)

Razões de aplauso ainda mais vivo terá Mickle para afirmar que " the apparition, (...), is the grandest fiction in human composition;" (82), " in sublimity and awful grandeur of imaginaton, stands unsurpassed in human composition." (83)

Alguns dos autores das recensões à tradução não são muito menos entusiastas quanto ao modo como formulam as suas opiniões: para um, por exemplo, a descrição do espírito do Cabo das Tormentas "is dreadfully sublime and, perhaps unequalled" (84); e, para outro, de uma forma mais singela, embora não menos incisiva, o Adamastor impõe-se como sendo "bold and sublime". (85)

Partindo destas generalizações prévias, convém, no entanto, debruçarmo-nos mais pormenorizadamente sobre o desabrochar das novas tendências estéticas no seio das élites culturais inglesas de setecentos. Aí se encontra a justificação não só para o sucesso do episódio do Adamastor, mas também para as próprias alterações que Mickle efectua, quer no que respeita a idealização plástica da figura e a concepção do episódio em si, quer mesmo no que toca a outras alterações do texto camoniano, cuja explicação remonta de igual modo a este período da história literária.

O racionalismo clássico foi fortemente abalado pela importância que assumiu, a nível da crítica literária, o conceito de sublime. O retórico grego, Dionísio Longino, o suposto autor do tratado do sublime, Peri Hypsous, desempenhou

um papel de inestimável relevo na modelação do gosto e na orientação a que sujeitou o discurso crítico-literário do século XVIII. A sua obra não surge apenas como um simples tratado de retórica (ainda que se ocupe maioritariamente deste assunto), já que, como Maria Leonor Buescu comenta, as suas ideias dão aso à formulação de uma doutrina que, pela primeira vez, põe em destaque aquilo que designa a "estética da recepção" habilmente combinada com a "estética da emissão".

É que o sublime, essa qualidade inefável que transporta e eleva o espírito, não está tanto dependente das regras de escrita, impostas pela doutrina clássica, mas, pelo contrário, de "uma certa elevação do espírito, que nos faz pensar com abundância e felicidade" e do "afecto veemente e cheio de entusiasmo" (86), ou seja, das duas primeiras qualidades das cinco fontes do sublime que foram, em larga medida, aproveitadas pelos intelectuais do século XVIII. Estando as referidas qualidades relacionadas, em sentido estrito, com o génio do poeta, o conceito de sublime acaba por se ver ligado de uma forma irremediável a algo de extra-textual: às forças desconhecidas da imaginação e do sentimento.

Ao falar da amplificação, um dos recursos retóricos comuns entre os Antigos, o pseudo-Longino expressa claramente a convicção de que o sublime se encontra no conteúdo (a alma da poesia) e não no modo de expressão (o corpo da poesia).

" (...) se a qualquer das outras figuras amplificativas tirares o Sublime, será como arrancar a alma do corpo, (...) esta [a

amplificação] consiste na multiplicidade e aquele (o sublime) na elevação; daqui sucede que o Sublime se acha pela maior parte um só pensamento; mas a Amplificação subsiste de ordinário na quantidade e em certa abundância de pensamentos." (87)

Por isso, a certa altura, o autor declara a sua preferência por uma obra sublime, ainda que possua alguns defeitos, do que por uma obra sem erros, isto é, escrita num estilo correcto, mas medíocre. De entre os motivos que teriam induzido os grandes escritores a negligenciarem a correcção em prol somente do "maravilhoso de seus escritos" surge a noção do que poderíamos denominar como transcendentalidade humana, visto que, no dizer de Longino:

" (...) a natureza nos não reputou como um animal humilde e de vil condição, mas trazendo-nos à vida, e ao Mundo todo, (...) para que houvésemos de ser espectadores de todas as suas coisas, (...), criou logo em nossas almas um amor invencível de tudo que fosse sempre grande e a respeito de nós mesmos mais divino. (...). Daqui vem que por natural instinto não admiramos os rios pequenos, ainda que a sua água seja clara, transparente e útil para o nosso uso; mas sim o Nilo ou o Danúbio, ou o Reno, e ainda mais o Oceano. Nem também nos serve de tanto assombro uma chama pequena que faz o nosso fogo, (...), quanto essas luzes celestes, (...) . Nenhuma outra coisa julgamos mais digno de admiração que as bocas do Etna que das entrahas vomita pedras

e rochedos inteiros (...). Mas a tudo isto poderemos dizer aos homens parecer fácil e ordinário tudo o que lhes é útil e necessário; mas que sempre julgam digno de admiração o que é fora do comum e extraordinário. " (88)

Este trecho, que acabámos de citar, constituiu, segundo Samuel Monk, um dos pontos de partida para o desenvolvimento das teorias do sublime no século XVIII, nomeadamente para a problemática do sublime natural de que falaremos mais adiante.

Embora as teorias do crítico grego fossem já conhecidas em Inglaterra no início da segunda metade do século XVII, como atesta a tradução de John Hall, intitulada Peri Hupsos, or Dionysius Longinus of the Height of Eloquence (1652), elas só conhecem uma verdadeira divulgação, que se prolonga quase até finais do século seguinte, com a tradução de Boileau, Du Sublime (1674), seguida de Réflexions Critiques sur quelques Passages de Longin (1694) e, mais tarde, com as traduções inglesas de Leonard Welsted (1712) e William Smith (1739) (89), tendo atingido a última destas uma grande popularidade, em virtude de o tradutor ter usado trechos de poemas ingleses e outros, que não se coadunavam com os padrões neo-clássicos, para ilustrar as ideias de Longino sobre o sublime, o que obviamente ajudou a modelar o gosto do público leitor.

Com Boileau o sublime nasce como conceito estético, ao constituir primariamente uma força emotiva que se encontra confinada à escrita ou, mais precisamente, ao discurso poético. Na esteira de Longino, Boileau distingue o sublime do

estilo sublime, argumentando que uma grande ideia pode por si só ter um grande efeito emocional, independentemente de ser ou não expressa de uma forma elaborada, enquanto que um grande estilo não pode por si só mover ninguém.

Consequentemente, a emoção surge, por assim dizer, como a pedra de toque do pensamento estético deste período. Para John Dennis, um dos pioneiros da discussão do sublime em Inglaterra, a paixão é um elemento fundamental da poesia: "Passion, then, is the characteristical mark of poetry, and consequentely must be everywhere." (90)

Do conjunto das seis paixões entusiásticas que o supracitado crítico toma em linha de conta (admiração, terror, horror, alegria, tristeza e desejo) a admiração e o terror são particularmente importantes num poema épico. A descrição de uma tempestade no primeiro livro da Eneida, eis um dos exemplos a que recorre para ilustrar este aspecto.

Vemos, portanto, que o zelo quanto ao cumprimento das regras da doutrina clássica começa por ficar muito aquém da importância que a emoção adquire no sistema de valores da nova filosofia estética. Já, nos princípios do século, Joseph Addison declarou:

" 'Musick, Architecture and Painting, as well as Poetry and Oratory, are to deduce their laws and Rules from the general Sense and Taste of Mankind, and not from the Principles of those Arts themselves; or, in other Words, the Taste is not to conform to the Art, but the Art to the Taste.' " (91)

Talvez por tudo isto Mickle, numa nota de rodapé, critique com um certo menosprezo os que apresentam certas objecções ao episódio do Adamastor por basearem o seu juízo crítico em regras, em vez de se deixarem guiar pelos seus próprios sentimentos.

" Regardless however of the sang froid of those who judge by authority and not by their own feelings, he will appeal to the few whose taste, though formed by the classics, is untainted by classical prejudices. (...) to these he will venture the assertion, that the fiction of the apparition of the Cape of Tempests, in sublimity and awful grandeur of imagination, stands unsurpassed in human composition." (92)

Todavia, apesar de Boileau ter distinguido o sublime do estilo sublime, o que contribuiu para que as emoções sejam vistas como um fim em si mesmas e não como um meio para atingir um fim, no sentido, por exemplo, de persuadir uma audiência a fazer ou a concordar com algo, o teorizador francês não adiantou nada sobre o sublime na Natureza, o que se veio a designar, em Inglaterra, como o " sublime natural " por oposição ao " sublime retórico ".

Porém, a partir do momento em que se começou a considerar o sublime como uma fonte de prazer estético em si, tornou-se possível a análise do efeito emocional que determinados objectos ou facetas do mundo natural exerciam sobre o espectador. Já John Dennis, mesmo antes de ter tentado

formular uma teoria estética do sublime, regista, sem qualquer intuito doutrinário, as suas reacções emotivas perante o cenário montanhês dos Alpes.

" He (John Dennis) describes his danger amid ' the impending Rock', ' the dreadful Depth of the Precipice,' the roaring torrent, the ' craggy Clifts,' a scene 'altogether new and amazing.' Then follows the analysis: ' The sense of all this (danger and beauty) produc'd different motions in me, viz. a delightful Horrour, a terrible Joy, and at the same time, that I was infinitely pleas'd, I trembled.' " (93)

Estas alusões à paisagem alpina , que datam de 1693, ilustram claramente porque é que determinados elementos ou fenómenos naturais (montanhas, torrentes de água, precipícios, tremores de terra, vulcões, etc.) se tornaram um alvo constante de atenção por parte da maioria dos escritores do século seguinte.

A sublimidade destes aspectos da Natureza prende-se com aquilo a que Marjorie Nicolson designou de " estética do infinito ", que, como o próprio termo indica, consiste na percepção do Infinito e do Eterno, em suma, da Divindade, ante a vastidão do espaço e a grandiosidade e majestosidade da terra.

Edward Young, num passo de " Ninth Night " - diz-nos a referida autora - indicara de uma forma nítida a mudança radical que se dera entre a nova estética dos séculos XVIII e

XIX e as anteriores: durante séculos os homens tinham admirado as Sete Maravilhas do Mundo - produtos da arte humana que Young considera " childish toys " - para passarem a venerar as obras infinitamente superiores que fazem parte integrante da Natureza.

Todavia, ainda muito antes de Young, mais precisamente entre o contributo de J. Dennis e de J. Addison para a problemática do sublime, há a salientar o pensamento filosófico de Anthony Ashley Cooper, terceiro conde de Shaftesbury, cuja interpretação estético-moral da Natureza, tendo por base um comportamento emocional, contribuiu para fomentar a chamada " estética do infinito ". O entusiasmo, segundo Shaftesbury, consiste numa força moral positiva, num impulso que transcende a vida activa ou contemplativa, assim como os grandes feitos ou pensamentos. Trata-se, na sua essência, de um estado de alma exaltado que nasce da percepção de algo belo que nos enleva acima de nós próprios e nos permite dar conta da presença divina. A religião autêntica consiste, por conseguinte, em remontar à perfeição e à benevolência de Deus a partir da observação da unidade e da harmonia do Cosmos. O Universo é, deste modo, visto como uma criação estética. E, como a Natureza é, no fundo, a maior obra de arte, a apreensão da sua vastidão e de outras características afins conduz-nos necessariamente à apreensão da grandeza do Criador. Numa das obras de Shaftesbury, The Moralists (1709), Teocles, um admirador entusiasta da Natureza, descreve-nos uma cena composta por enormes

montanhas, rochedos e torrentes de água perante a qual a humanidade se sente horrorizada:

" But behold! through a vast tract of sky before us, the mighty Atlas rears his lofty head... Beneath the mountain's foot the rocky country rises into hills, a proper basis of the ponderous mass above, where huge embodied rocks lie piled on one another, and seem to prop the high arch of heaven . . . See! with what trembling steps poor mankind tread the narrow brink of the deep precipice, from whence with giddy horror they look down ... whilst they hear the hollow sound of torrents underneath, and see the ruin of the impending rock ... And here a different horror seizes our sheltered travellers when they see the day diminished by the deep shades of the vast wood, which, closing thick above, spreads darkness and eternal night below. The faint and gloomy light looks horrid as the shade itself; and the profound stillness of these places imposes silence upon men, struck with the hoarse echoings of every sound within the spacious caverns... " (94)

Este tipo de passagens deve ter constituído um incentivo para a apreciação das forças agrestes e indomáveis do nosso planeta, nomeadamente para a fruição deste tipo de panoramas paisagísticos que mais tarde se convencionou chamar "sublimes".

J. Addison, um dos críticos proeminentes da primeira metade do século XVIII, nos seus artigos publicados em The Spectator

(n° 411-421), que datam de 1712, associa de uma forma definitiva o sublime, ou para se ser mais preciso, "the greatness", segundo a sua própria terminologia, à vastidão e aos aspectos selváticos da Natureza.

" By greatness, I do not only mean the bulk of any single object, but the largeness of a whole view, considered as one entire piece. Such are the prospects of an open champain country, a vast uncultivated desert, of huge heaps of mountains, high rocks and precipices, or a wide expanse of waters, where we are not struck with the novelty or beauty of the sight, but with that rude kind of manificence which appears in many of these stupendous works of Nature. " (95)

The Pleasures of the Imagination (1744), da autoria de Mark Akenside - poema baseado nos ensaios de Addison, cuja popularidade fora enorme (96) -, também sustenta que o sublime, a forma superior de beleza, continua ligado a um sentido de vastidão incomensurável: o céu, o sol, as outras estrelas e o próprio empíreo constituem objectos ou ideias sublimes. De acordo com Marjorie Nicolson, Akenside, ao contrário da maior parte dos poetas do século XVIII, ter-se-á mostrado mais interessado com a vastidão dos céus do que com a da terra:

" The high-born soul
Disdains to rest her heav'n-aspiring wing

Beneath its native quarry. Tir'd of earth
 And this diurnal scene, she springs aloft
 Thro' fields of air; pursues the flying storm;
 Rides on the volley'd lightning thro' the heav'ns,
 Or yolk'd with whirlwinds, and the northern blast
 Sweeps the long tract of day. Then high she soars
 The blue profound. " (97)

Como consequência, o sublime está relacionado com o infinito, a imortalidade, o que existe de divino no homem e, na sua magnitude e energia, inspira o terror.

Durante a década de quarenta assiste-se ao aparecimento de um outro tratado sobre o sublime ao qual gostaríamos ainda de fazer referência. Trata-se de An Essay on the Sublime, da autoria do Dr. John Baillie, publicado postumamente em 1747. A sua importância, no entender de Samuel Monk, deve-se primordialmente ao facto de ele ter baseado a sua teoria nas sensações: " the aesthetic perception of sublimity rests wholly upon sensation as it is directly stimulated by the sublime object. " (98) Daí que o sublime seja visto não tanto como uma qualidade abstracta inerente aos objectos, mas antes como as sensações ou as emoções que produzem nos indivíduos que os observam.

Vemos, pois, que o interesse pelo efeito emocional de determinados objectos aponta no sentido da valorização da resposta psicológica de cada indivíduo. Tende a haver uma relação cada vez mais estreita entre a arte e o mecanismo humano no seu todo, pondo-se, por conseguinte, de parte a ideia de um conjunto de regras aplicáveis à obra de arte do

exterior, que funcione como um padrão de normas estéticas.

Com efeito, todos estes críticos, ainda que sob ângulos diferentes, preparam o caminho para a obra de Edmund Burke, A Philosophical Inquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful (1757). (99) O interesse do seu texto, um dos documentos estéticos mais importantes do século XVIII, reside sobretudo no facto de ter apresentado uma teoria físico-psicológica da emoção de índole científica. O método empírico de Burke, baseado inteiramente nos sentidos, leva a que a causa eficiente do sublime seja vista como uma consequência directa de respostas orgânicas e nervosas, estando, portanto, dependente de uma série de operações mentais ou fisiológicas que se dão logo a seguir à percepção dos objectos. Daí que, pela primeira vez, objectos de dimensões pequenas, desde o momento em que, devido a uma ou a várias associações de tipo psicológico, produzam a sensação de perigo ou dor, possam ser considerados como uma fonte do sublime.

" Whatever is fitted in any sort to excite the ideas of pain or danger; that is to say, whatever is in any sort terrible, or is conversant about terrible objects, or operates in a manner analogous to terror, is a source of the sublime; (...). Indeed terror is, in all cases whatsoever, either more openly or latently the ruling principle of the sublime. " (100)

De entre as propriedades dos objectos, capazes de criar

emoções sublimes, para além das que já tinham sido focadas por escritores anteriores, como, por exemplo, a vastidão e o infinito, há ainda a acrescentar a escuridão, o poder, a privação, a magnificência, a dificuldade, a luz ou o som intensos e a rapidez.

As décadas de sessenta e setenta registaram uma onda semelhante de interesse por problemas estéticos. Autores como Alexander Gerard (Essay on Taste, 1759, com segunda edição em 1764), Lord Kames (Elements of Criticism, 1762), Hugh Blair (A Critical Dissertation on the Poems of Ossian, the Son of Fingal, 1763; Lectures on Rhetoric and Belles Lettres, 1783) (101) e Joseph Priestly (A Course of Lectures on Oratory and Criticism, 1777) dão, pois, continuidade à temática do sublime, contribuindo cada um a seu modo para uma mudança de gosto efectiva que anuncia o advento do Romantismo.

A ênfase dada ao terror, cujo principal responsável foi, como vimos, Edmund Burke, explica, entre outros motivos, o êxito de obras como Fragments of Ancient Poetry (1760), coligidos e traduzidos do galês por James Macpherson (102), que reapareceram dois anos mais tarde numa versão aumentada sob o título de Fingal, an Ancient Epic Poem in Six Books: Together with Several Other Poems, Composed by Ossian the Son of Fingal. Estes poemas figuraram durante algum tempo como a ilustração modelo das virtualidades do sublime, nomeadamente das potencialidades da natureza selvática e do sobrenatural, no despertar de emoções fortes.

Por outro lado, os fantasmas dos poemas de Ossian ajudaram

a preparar o gosto do público para a recepção entusiástica de romances góticos. The Castle of Otranto (1765), de Horace Walpole, foi o pioneiro deste tipo de romance. (103)

O gótico, que durante o Classicismo fora sinónimo de algo bárbaro e espalhafatoso, é reabilitado: o apreço por ruínas, pela arquitectura gótica, por túmulos, por cenas de bruxaria ou crimes misteriosos constituem algumas das manifestações que testemunham a aderência à nova poética do terror.

Vejamos em que termos R.Hurd, em Letters on Chivalry and Romance (1762), tenta demonstrar a superioridade dos poetas que souberam tirar partido dos chamados horrores góticos:

" The mummeries of the pagan priests were childish, but the Gothic enchanters shook and alarmed all nature ... You would not compare the Canidia of Horace with the witches in 'Macbeth'. And what are Virgil's myrtles, dropping blood, to Tasso's enchanted forest ? ... The fancies of our modern bards are not only more gallant, but ... more sublime, more terrible, more alarming than those of the classic fables." (104)

Trata-se, em suma, do fomento do cultivo das formas semi-mórbidas da emoção, do culto da emoção por ela própria.

Sem pretendermos escalpelizar as variantes e as particularidades das teorias defendidas por cada um dos autores que se dedicaram à discussão destes problemas estéticos (para além dos autores que foram aqui tratados, muitos outros se debruçaram sobre este assunto), verificamos

que quase todos estes estetas fundamentam as suas análises em três vectores essenciais: a natureza ou a causa das qualidades sublimes dos objectos, a resposta da mente perante os efeitos sublimes e, por último, a eficácia do mecanismo de interacção entre as causas e os efeitos, o que faz que, em última instância, o valor de uma obra de arte literária seja determinado em função do apelo que lança à sensibilidade dos seus leitores: " 'that capacity for enjoying art which depended upon feeling.' " (105)

Mickle não ficou decerto alheio ao conjunto das novas coordenadas estéticas. Efectivamente a leitura da sua tradução ficaria incompleta, se não nos preocupássemos com as vivências histórico-culturais que a antecederam e acompanharam.

Vejamos, então, de que modo esses reflexos vivenciais se repercutem no episódio do Adamastor, essa força hedionda e hostil da Natureza, que é já por si só um motivo de atracção estética:

" (...) whatever is new or uncommon contributes (...) to divert our minds, for a while, with the strangeness of its appearance: (...). It is this that bestows charms on a monster, and makes even the imperfections of Nature please us." (106)

No tocante à concepção plástica da figura do gigante Adamastor, para além da omissão dos primeiros versos da estrofe 40, respeitante à comparação da sua grandiosidade desmesurada com o colosso de Rodas, dado este artifício

literário quebrar nitidamente o impacto da descrição física do seu aspecto horrendo, que tivera início na estrofe anterior, há ainda a registar outro tipo de alterações. Assim, os seus dentes amarelos são traduzidos como sendo " Sharp and disjoin'd, his gnashing teeth's blue rows;" (p.205); os olhos encovados por " red eyes glowing from their dusky caves/ Shot livid fires " (p.206), imagem de carácter vulcânico que é retomada um pouco mais à frente, " While dark-red sparkles from his eyeballs roll'd, ", ao contrário do que acontece com Camões, que apenas se refere à escuridão dos seus olhos.

Por certo que estes retoques na apresentação plástica do gigante não se devem a motivos de inspiração gratuitos. Convém, por isso, lembrar que E.Burke não considerava o amarelo uma cor sublime. O azul, mais precisamente o azul claro, também não fazia parte do conjunto cromático tido como sublime. No entanto, estamos em crer que a escolha desta cor tem por fim reforçar a sublimidade do Adamastor. A verdade é que o amarelo contém maior luminosidade do que o azul. As cores escuras e sombrias eram, por excelência, as que eram consideradas sublimes. Além do mais, a cor azul, quando aplicada aos dentes, produz um efeito de maior admiração e terror, por contrastar mais visivelmente com a cor natural destes.

À mudança da cor sucede-se o ruído assustador do roçar dos dentes uns nos outros. O tradutor tem, como vemos, em atenção as respostas espontâneas de um temperamento sensitivo, capaz de se deixar impressionar não só por via visual, como também

auditiva, pois tal como E. Burke refere:

" The eye is not the only organ of sensation by which a sublime passion may be produced. Sounds have a great power in these as in most other passions. " (107)

Por seu turno, o gigante de olhos de chamas flamejantes - invenção de Mickle - encontra no fantasma dos poemas de Ossian um paralelo interessante. Loda - diz-nos um articulista de The Edinburgh Magazine - é de natureza semelhante ao Adamastor: "His eyes appeared like flames in his dark face," (108). Saber se o tradutor escocês se inspirou ou não directamente na descrição do espírito de Loda é uma questão de certo modo irrelevante, já que essa similitude fala por si só, sobretudo no que diz respeito à existência de um denominador comum entre os dois textos, o que nos leva mais uma vez a concluir que muitos dos desvios que se detectam na tradução de Mickle são o produto de uma herança cultural.

Concomitantemente a análise comparativa entre estas duas aparições fantásticas, levada a cabo pelo articulista de The Edinburgh Magazine, demonstra como cada sociedade joga com os seus próprios padrões culturais, estando o êxito de uma tradução, neste caso concreto, dependente do elo de continuidade que consegue ou não estabelecer com esses referenciais de índole cultural.

Tendo, pois, um objectivo bem determinado - o reforço da qualidade sublime do episódio - Mickle introduz mais alguns

elementos da sua lavra na descrição da atmosfera que precede a aparição do espírito do Cabo das Tormentas. A par do realce da rapidez do aparecimento da nuvem escura - "When o'er the prow a sudden darkness spread,/ (...) / Nor had the blackening wave, nor frowning heaven/ The wonted signs of gathering tempest given." (pp.204-205) - a nota de escuridão também é acentuada.

"Quando ãa noite,(...)/(...) "And slowly floating o'er the / ãa nuvem que os ares mast's tall head/ A black escurece,/ Sobre nossas cloud hover'd: nor appear'd cabeças aparece." (c.V, from far/ The moon's pale est.37,v.5,7-8) glimpse, nor faintly twinkling star;" (p.204)

Note-se como a percepção do escuro é reforçada pelo processo indirecto da referência à inexistência do luar e ao brilho das estrelas, isto é, a noção da falta total de luz, que nos é descrita de uma forma circunstanciada, conduz-nos a uma apreensão mais nítida do aspecto tenebroso da noite.

Nesta mesma ordem de ideias, quando Vasco da Gama questiona, petrificado, a origem dessa ameaça sobrenatural - "Que mor cousa parece que tormenta " (c.V,est.38,v.8) - o tradutor decompõe, por assim dizer, o conceito de tormenta numa imagem mais elaborada, dotada até de uma certa qualidade visualizadora.

" Whate'er this prodigy, it threatens more
Than midnight tempests and the mingled roar,
When sea and sky combine to rock the marble shore."

(p.205)

Diz-nos Lord Kames que uma das regras fundamentais, a nível do sublime, consiste na abolição tanto quanto possível de termos gerais ou abstractos: " Such terms, similar to mathematical signs, are contrived to express our thoughts in a concise manner; " (109). São, portanto, as imagens que, na sua opinião, constituem a espinha dorsal da poesia, desde que sejam devidamente elaboradas, de forma a apresentar eficazmente ante a vista uma série de objectos. Este é um método, aliás, que Mickle usa com certa frequência, embora aqui tenhamos apenas uma simples e sucinta amostragem.

Chegamos agora à altura de analisar a reacção estupefacta da tripulação. Neste ponto como em tantos outros, que teremos oportunidade de ver, o tradutor serve-se de vocábulos típicos da nomenclatura sublime:

"Que pôs nos corações um grande medo; "(c.V,est.38, v.2) "Transfixt with awe the bravest stood aghast." (p.204)

" _____ " "Amazed we stood - [...]" (p. 205)

"[...] ãa figura/ Se nos mostra no ar,[...] " (c.V, est.39,v.1-2) "Appall'd we saw an hideous Phantom glare;" (p.205)

"Arrepiam-se as carnes e o cabelo,/A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!" (c.V, est.40,v.7-8) "Cold gliding horrors thrill'd each hero's breast,/ Our bristling hairs and tottering knees confest/ Wild dread, the while with visage ghastly wan," (p.206)

Mickle soube combinar habilmente as várias categorias morfológicas (verbos, substantivos, adjectivos e advérbios), tendo por base um semema comum - o do terror - de forma a conferir maior ênfase à dramatização do comportamento emotivo dos marinheiros.

Contudo, o tradutor não se ficou por este tipo de alterações verbais. Outra há de maior vulto que se prende com a própria estrutura do episódio: a transferência para a boca do Rei de Melinde da história do gigante Adamastor. Isto, porém, só acontece na segunda edição.

" With sacred horror thrill'd, Melinda's Lord
 Held up the eager hand, and caught the word,
 Oh wondrous faith of ancient days, he cries,
 Conceal'd in mystic lore, and dark disguise!
 Taught by their fires, our hoary fathers tell,
 On these rude shores a giant spectre fell,
 What time from heaven the rebel band were thrown:
 And oft the wandering swain has heard his moan.
 While o'er the wave the clouded moon appears
 To hide her weeping face, his voice he rears
 O'er the wild storm. Deep in days of yore,
 A holy pilgrim trod the nightly shore;
 Stern groans he heard; by ghostly spells controul'd,
 His fate, mysterious, thus the spectre told: "

(pp.206-207)

Estes são os versos que servem para introduzir a história do Adamastor. Em virtude desta alteração, a estrofe 60, que relata o desaparecimento repentino do gigante, é colocada logo a seguir à estrofe 50, altura em que termina a fala deste.

Mickle não justifica o porquê desta mudança. No entanto, existe uma ligeira alusão numa nota de rodapé, cuja implicação é a de que nem todo o episódio do Adamastor - nomeadamente a parte que se segue à interpolação do Gama - se coaduna com o espírito do verdadeiro sublime.

" The description of the spectre, the awfulness of the prediction, and the horror that breathes through the whole, till the phantom is interrupted by Gama, are in the true spirit of the wild and grand terrific [...]. " (110)

Neste contexto, gostaríamos ainda de destacar um comentário de um articulista de The Edinburgh Magazine:

" His (Camoens') description of the phantom, which he stiles the Spirit of the Cape, is bold and sublime; its being cloathed, however, in a multiplicity of words, and fettered in the jingle of rhyme, diminishes its awful sublimity. " (111)

Ora, o que Mickle fez foi, na verdade, reduzir a extensão discursiva da fala do Adamastor. E, ao fazer isto, ele atingiu um outro efeito de maior alcance: a dicotomização entre as suas dimensões fantasmagórica e humana. A história do seu amor por Tétis e a conseqüente metamorfose num promontório pedregoso funciona, decerto, como sugere Monica Letzring, como um anti-clímax. De facto, ao evocar o desprezo e a traição da

sua amada, presente-se na voz do gigante, contrariamente ao desespero titânico que anteriormente o abalara, o lirismo de uma alma, capaz de se sentir e condoer com os infortúnios do amor.

Porém, na sequência de tal alteração, a figura monstruosa e soturna do gigante, que retrai de pavor a alma dos que o observam, sobrepõe-se à figura do amante infeliz que, no fundo, ele é, e, assim, a sua faceta sublime sai revitalizada. (112)

R. Southey, que apesar daquele senão admirava a concepção deste monstro de proporções disformes, confessa que a história do Adamastor " would only be tolerable in a school-boy's imitation of Ovid." Por isso, no seu entender, Mickle apenas mostrara bom senso " in transferring the puerile tale of Adamastor's metamorphosis to the king of Melinda." (113)

A história contada pelo Rei de Melinde é, por sua vez, envolta numa atmosfera lendária, algo fabulosa e mítica, passível de se enquadrar no gosto dos pré-românticos. Seja como for, a realidade é que o nome de Camões surgiu na altura, devido a este episódio, em paridade com outros nomes sonantes da literatura universal, como o de Homero, Shakespeare e Milton. A importância desta equiparação reside sobretudo no facto de se ter integrado Camões no rol dos que eram então considerados poetas sublimes, possuidores de um génio original, não erudito, irredutível a qualquer espécie de regras e cujas obras tinham o mérito de surpreender e arrebatam o leitor pelas suas criações ímpares.

A admiração pelas obras de Shakespeare - por parte de autores como Joseph Warton, Edward Young e Richard Hurd, entre outros - foi determinante, na óptica de Logan Smith, para o desmoronamento da doutrina neo-clássica, ao fazer do génio e de outros conceitos afins, como a criatividade e a originalidade, o fundamento da criação poética. (114) Subjacente a este movimento, não poderemos deixar de referir a influência do tratado do pseudo-Longino que, como vimos, ao postular a superioridade da imaginação à correcção prescrita pela doutrina clássica, deixou o caminho aberto para este tipo de reflexões.

Ora, é precisamente nesta perspectiva que Hugh Blair, em Lectures on Rhetoric and Belles Lettres, louva Camões pela criação do gigante Adamastor:

" This [Adamastor] is one of the most solemn and striking pieces of machinery that ever was employed; and is sufficient to show that Camoens is a poet, though of an irregular, yet of a bold and lofty imagination. " (115)

Para um articulista de The Monthly Review, " The fire of the Maeonian Bard glows in the eyes of Camoens," (116) e para outro de The Gentleman's Magazine, o nome de Camões surge inquestionavelmente ao lado do de Milton pela grandeza das suas criações. (117)

Mickle, como é óbvio, de todos o panegirista mais entusiasta, afirma que:

" The fiction of Camoens,(...), is the genuine effusion of the glow of poetical imagination. The description of the spectre, the awfulness of the prediction,(...), are in the true spirit of the wild and grand terrific of an Homer, or a Shakespeare." (118)

Os únicos dois passos que, na sua opinião, suplantavam o de Camões encontravam-se no livro de Job e no Apocalipse. Lembre-se a frequência com que na altura se recorria a passos da Bíblia para ilustrar a eficácia do sublime. (119) Deste modo, a atitude crítica de Mickle, a que acresce a particularidade de coincidir com a de Burke, não só no que cabe ao exemplo escolhido, como até em certa medida à explicação que dá para justificar a sublimidade desse passo do livro de Job (120), serve para evidenciar a sua assimilação das teorias estéticas da época, cuja influência ressurgiu amiúde ao longo da tradução.

Neste sentido e ainda dentro do campo das figuras ou animais sublimes, atente-se na descrição do cavalo de Neptuno:

<p>"Esculpindo, se vê, ferindo a Terra,/ Neptuno, quando as gentes, ignorantes,/ Dele O Cavalo houveram,(...)" (c. VI, est. 13, v. 5-7)</p>	<p>"Here, while the Ocean's God indignant frown'd,/ And raised his trident from the wounded ground,/ As yet intangled in the earth appears/ The warrior horse, his ample chest he rears,/ His wide red nostrils smoke, his eye-balls glare,/ And his fore-hoofs, high pawing, lash the air." (p.238)</p>
---	--

Repare-se de igual modo na forma como Mickle traduz a

estrofe 47 do canto III:

<p>"Qual c'os gritos e vozes incitado,/Pola montanha, o rábido moloso/Contra o touro remete,que fiado/ Na força está do corno temeroso;/ Ora pega na orelha, ora no lado,/Latindo, mais ligeiro que forçoso,/Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,/ Do bravo a força horrenda se quebranta: " (c.III,est.47)</p>	<p>"So when the chace excites the rustic throng,/ Roused to fierce madness by their mingled cries/ On the wild bull the red-eyed mastiff flies./ The stern-brow'd tyrant trusts his potent horns,/ Around and round the nimble mastiff turns;/ Now by the neck, now the gory sides/ He hangs, and all his bellowing rage derides:/ In vain his eye-balls burn with living fire,/ In vain his nostrils clouds of smoke respire,/ His gorge torn out, down falls the furious prize/ With hollow thundering sound, and raging dies:" (p.102)</p>
---	---

De ambos os exemplos sobressai o intuito de refazer os contornos plásticos destes animais de forma a acentuar a agressividade e a violência que lhes são inerentes. Trata-se de uma manifestação de poder, de um poder prodigioso que ultrapassa os limites do razoável e do serviçal e sugere o perigo, provocando, como consequência, a paixão do terror.

É justamente a esta luz que E.Burke explica a sublimidade de dois animais como o touro e o cavalo:

" An ox is a creature of vast strength: but he is

an innocent creature, extremely serviceable, (...). A bull is strong too; but his strength is of another kind; often very destructive, (...) the idea of a bull is therefore great, and it has frequently a place in sublime descriptions (...). The horse, in the light of an useful beast, (...) has nothing of the sublime: but it is thus that we are affected with him, whose neck is clothed with thunder, the glory of whose nostrils is terrible, who swalloweth the ground with fierceness and rage, neither believeth that it is the sound of the trumpet ? " (121)

Voltemo-nos agora para as facetas sublimes da Natureza. A imensidade oceânica e a força intempestiva de Éolo, enfim, o mar e o vento, nas suas multímodas manifestações de grandeza, patenteando, por vezes, a dimensão trágica e visceralmente sentida da luta do homem contra as forças indomáveis do Cosmos, são os elementos físicos que ao longo de Os Lusíadas mais estimularam a capacidade criativa do tradutor.

<p>"E com ventos contrairos a desvia " (c.I,est.100,v.7)</p>	<p>"A sudden storm she {Venus} rais'd: Loud howl'd the blast,/ The yard-arms rattled, and each groaning mast/ Bended beneath the weight.Deep sunk the prows,/ And creaking ropes oppose;/ In vain the Pilot would the speed restrain,/ The Captain shouts, the sailors toil in vain;/ Aslope and gliding on</p>
--	---

- the leeward side/ The bounding vessels cut the roaring tide:" (p.39)
- "[...] cortado/ Tens de Neptuno o reino e salsa via," (c.II,est.2,v.3-4)
- "[...] your bold prows [...]/ Have braved the horrors of the southern main,/Where storms and darkness hold their endless reign,/Whose whelmy waves our westward prows have barr'd "(pp.43-44)
- "[...]o Mar de Atlante/ Até o scítico Tauro, [...]" (c.III,est.73,v.1-2)
- "[...] the vast Atlantic's bounding wave/ To where the northern tempests howl and rave/ Round Taurus' lofty brows: [...]" (p.114)
- "[...] mar e céu." (c.V,est. 3,v.8)
- "The lonely dreary waste of seas and boundless sky." (p.190)
- "[...] mares,/ Que geração alguma não abriu," (c.V, est. 4,v.1-2)
- "[...] the wild deep [...]/ [...]/ Whose bounding surges never keel explored;" (p.190)
- " _____ "
- "And here old Ocean rolls his billows gray:/ Beneath the moon's pale orb his current flows,/ And round the earth his giant arms he throws." (p.237)
- "Daqui fomos cortando muitos dias,/Entre tormentas tristes e bonanças,/ No
- "From thence, still on, our daring course we hold/ Through trackless gulphs,

largo mar fazendo novas
vias,/ Só conduzidos de
árduas esperanças./C'o mar
um tempo andámos em porfias,
/ Que, como tudo nele são
mudanças,/ Corrente nele
achámos tão possante,/ Que
passar não deixava por
diante:" (c.V,est.66)

whose bills never roll'd/
Around the vessel's pitchy
sides before;/ Through
trackless gulphs, Where
mountain surges roar,/From
many a night, when not a star
appear'd,/ Nor infant moon's
dim horns the darkness
cheer'd/ For many a dreadry
night, and cheerless day,/ In
calms now fetter'd, now the
whirwind's play,/ By ardent
hope still fired, we forced
our dreadful way./ Now smooth
as glass the shining waters
lie,/ No cloud slow moving
sails the azure sky;/ Slack
from their height the sails
unmoved decline,/ The airy
streamers form the downward
line;/ No gentle quiver owns
the gentle gale,/ Nor
gentlest swell distends the
ready sail;/ Fixt as in ice
the slumbering prows
remain,/ And silence wide
extends her solemn reign./
Now to the waves the bursting
clouds descend,/ And heaven
and sea in meeting tempests
blend;/ The black-wing'd
whirlwinds o'er the ocean
sweep,/ And from his bottom
roars the staggering deep."

(pp.218-219)

"Do cárcere fechado os

"From their dark caves the

furiosos/Ventos,que (...)com
palavras animava / Contra os
varões audaces e animosos,/.
Súbito o céu sereno se
obumbrava,/ Que os ventos,
mais que nunca impetuosos,/
Começam novas forças a ir
tomando,/ Torres, montes e
casas derribando." (c.VI,
est.37,v.2-8)

various rushing winds:/ High
o'er the storm the Power
impetuous rides,/ His howling
voice the roaring tempest
guides;/ Right to the
dauntless fleet their rage he
pours,/ And first their
headlong outrage tears the
shores:/ A deeper night
involves the darken'd air,/
And livid flashes through the
mountain's glare:/ Up-rooted
oaks, with all their leafy
pride,/ Rowl thundering down
the groaning mountain's side;
/ And men and herds in
clamorous uproar run,/ The
rocking towers and crashing
woods to shun." (pp.245-249)*
(pp.245-246)

"Não esperam os ventos
indinados/ Que amainassem,
mas,juntos dando nela,/ Em
pedaços a fazem c'um ruído/
Que o Mundo pareceu ser
destruído." (c.VI,est.71, v.
5-8)

"(...)when roaring in their
ears,/ As if the starry vault
by thunders riven,/ Rush'd
downward to the deep the
walls of heaven,/ With
headlong weight a fiercer
blast descends,/ And with
sharp whirring crash the
main-sail rends;" (p.259)

" A nau grande, em que vai
Paulo da Gama,/Quebrado leva
o masto pelo meio,/(...); a
gente chama/ Aquele que a
salvar o mundo veio./ Não

"(...) o'er Paulus' shatter'd
prore/ Falls the tall
main-mast prone with crashing
roar;/ Their hands, yet
grasping their uprooted hair,

menos gritos vão ao ar /
 derrama/ Toda a nau de
 Coelho, com receio," (c.VI,
 est.75,v.1-6)

/ The sailors lift to heaven
 in wild despair,/ The saviour
 God each yelling voice
 implores,/ Nor less from
 brave Coello's war-ship
 pours/ The shriek shrill
 rolling on the tempest's
 wings:/Dire as the bird of
 death at midnight sings/ His
 dreary howlings in the sick
 man's ear,/ The answering
 shriek from ship to ship they
 hear." (pp.260-261)

"Agora sobre as nuvens os
 subiam/ As ondas de Neptuno
 furibundo;/Agora a ver
 parece que deciam/As intimas
 entranhas do profundo./Noto,
 Austro, Bóreas, Aquilo,
 queriam/ Arruinar a máquina
 do Mundo;/ A noite negra e
 feia se alumia/ C'os raios
 em que o Pólo todo ardia! "
 (c.VI,est.76)

"Now on the mountain-billows
 upward driven,/ The navy
 mingles with the clouds of
 heaven;/ Now rushing downward
 with the sinking waves,/ Bare
 they behold old Ocean's
 vaulty caves./ The eastern
 blast against the western
 pours,/ Against the southern
 storm the northern roars:/
 From pole to pole the flashy
 lightnings glare,/ One pale
 blue twinkling sheet enwraps
 the air,/ In swift succession
 now the volleys fly;/ Darted
 in pointed curvings o'er the
 sky;/ And through the horrors
 of the dreadful night,/ O'er
 the torn waves they shed a
 ghastly light;/ The breaking
 surges flame with burning
 red,/ Wider and louder still

the thunders spread;/ As if
 the solid heavens together
 crush'd,/ Expiring worlds on
 worlds expiring rush'd,/ And
 dim-brow'd Chaos struggled to
 regain/ The wild confusion of
 his ancient reign." (p.261)

"[...] mar [...]" (c.VII, " [...] the boundless flood,"
 est.26,v.4) (p.281)

Estes versos, dispersos ao longo do poema, constituem um conjunto homogêneo de traços descritivos que convertem o oceano num exemplo paradigmático do sublime natural, o que, de resto, está em perfeita consonância com o discurso crítico e a poesia descritiva da época. (122) Sob vários aspectos, o oceano comunga do corolário das ideias ou características então tidas como sublimes. A vastidão e o poder - eis, em síntese, os atributos chave que o caracterizam. A recorrência de vocábulos ou expressões como boundless, vast, giant, whelmy waves, wild deep e roaring tide, em passos onde nada de semelhante encontramos no original português, põe em evidência o empenho do tradutor por este elemento da Natureza.

Em Almada Hill, o poeta também não deixa de contemplar a imensidão atlântica e a majestosidade do Tejo:

" (...) Here the bound
 Of fair Europa o'er the Ocean rears
 Its western edge; where dimly disappears
 The Atlantic wave, [...]"

[...]

Far round the stately-shoulder'd river bends
 Its giant arms, and sea-like wide extends
 Its midland bays, [...] " (p.167)

Por outro lado, a escuridão e a solidão em que o mar frequentemente se vê envolvido - repare-se, por exemplo, na riqueza expressiva dos versos, " The lonely dreary waste of seas and boundless sky" ou " The horrors of the southern main,/ Where storms and darkness hold their endless reign," - corroboram o medo e ao mesmo tempo a sensação de terror que ele é capaz de desencadear.

A tradução da estrofe 66 do canto V é particularmente profícua, ao nível do contraste circunstanciado que estabelece entre o estado revolto e calmo do mar , isto é, entre as tormentas e as bonanças marítimas, já que ambas dispõem de uma sublimidade sui generis que Mickle sabiamente soube explorar, ao sugerir a força superior que lhes é intrínseca e contra a qual o homem nada pode fazer. Não só no barulho estrondoso e na profundidade hostil do mar reside o sublime, mas também na imobilidade e no silêncio - " Fixt as in ice the slumbering prows remain,/ And silence wide extends her solemn reign." - pois que, para parafrasear E.Burke, todas as privações (vacuidade, escuridão, solidão e silêncio) são grandes, porque são simultaneamente terríveis.

Todavia, é com a descrição da tempestade no Indico (c.VI) que Mickle mais nos impressiona. O detalhe descritivo do desencadear explosivo das forças cósmicas tem primacialmente

em vista uma estética sugestiva, alusiva, em que o manejar hábil das palavras tem um papel importante a desempenhar. Esperança de uma tácita correspondência na emoção por parte do leitor, eis, enfim, o que se visa alcançar.

Recorde-se, de resto, como na época o poder emotivo das palavras era tido em linha de conta:

" Words, when well chosen, have so great a force in them, that a description often gives us more lively ideas than the sight of things themselves. (...) As we look on any object, our idea of it is, perhaps, made up of two or three simple ideas; but when the poet represents it, he may either give us a more complex idea of it, or only raise in us such ideas as are most apt to affect the imagination. " (123)

É neste sentido que o tradutor opta por um estilo vivo e fulgurante, ilustrativo dessa qualidade poética que alguns críticos apelidaram de " harmonia imitativa " : a adequação perfeita do valor musical e expressivo das palavras ao assunto de que se está a tratar.

Com efeito, Mickle dá-nos das forças desencadeadas da Natureza uma figuração repleta de som e movimento. Veja-se a profusão de adjectivos e aliteraões em -ing (rushing, howling, roaring, thundering, groaning, whirring, breaking, burning, expiring), cujo objectivo é o de transmitir o estrondo e a vibração de tudo o que é arrastado ou destruído por uma grande tempestade. A par dos adjectivos, os verbos que

escolhe são, na sua maioria, veiculadores da noção de acções violentas - pour, glare, rush, crash, struggle -, e a frequência com que usa alguns deles ajuda a intensificar o ambiente temerário e a agressividade das impressões colhidas.

De facto, a expressão de pavor da gente e dos animais, nomeadamente a dos marinheiros, assume, neste domínio, uma relevância particular. No que respeita a estes últimos, ela desdobra-se em exteriorizações mais empolgantes do que em Camões. Primeiro os homens agarram-se desesperadamente aos cabelos. Depois avigora-se-lhes o timbre agudo, a ressonância aflitiva e o lado macabro dos seus gritos. No tocante a este aspecto, atente-se, por exemplo, no verso " The answering shriek from ship to ship they hear ", cuja aliteração do som (i) nos dá precisamente a ideia do ecoar prolongado de tal manifestação de dor, assim como na analogia com o cantar do pássaro à meia-noite.

Por último, para conferir um maior impacto aos versos de Camões, o tradutor decide amplificar, com base num discurso imagético, a visão escatológica presente na estrofe 76 do canto VI, infundindo-lhe, assim, uma nova energia sugestiva.

Não só no mar intempestivo e revoltoso - um dos fenómenos naturais então privilegiados - o tradutor encontrou motivo para recriação. A terra, nas suas múltiplas manifestações de poder, também atraíu a sua sensibilidade artística. Assim, por exemplo, tanto a referência às florestas densas e inexploradas que, segundo a tradição, defendiam o paraíso terrestre, como a alusão pontual aos altíssimos perigos dos Pirenéus, dão aso

a alterações que, embora diferentes, como é de esperar, acabam por ser análogas quanto ao seu significado profundo.

<p>"Estas duras montanhas, adversárias/ De mais conversação, por si mostravam/ Que, dès que Adão pecou aos nossos anos,/ Não as romperam nunca pés humanos." (c.IV,est.70, v.5-8)</p>	<p>"There black as night the forest's horrid gloom,/ Whose shaggy brakes, by human step untrod,/ Darken'd the glaring lion's dread abode." (p.175)</p>
---	--

<p>"Navarra, c'os altíssimos perigos/ Do Perinéu, [...] " (c.VI,est.56,v.5-6)</p>	<p>"Navar he past, and past the dreary wild,/ Where rocks on rocks o'er yawning glyns are piled;/ The wolf's dread range, where to the evening skies/ In clouds involved the cold Pyrenians rise." (p.253)</p>
---	--

Em ambos os exemplos podemos observar uma acumulação de marcas isotópicas, que na sua diversidade (escuridão, perigo e horror) têm a ver com a estética do sublime. Na verdade, em comparação com o texto português, o que mais nos chama a atenção é a enumeração dos perigos, a redundância de signos que exprimem de forma distinta a mesma ideia de terror. Isto torna-se tanto mais interessante quanto verificamos que o que realça no texto camoniano em relação ao primeiro exemplo é a ideia de uma floresta virgem e inexplorada. Não nos podemos esquecer que esta estrofe se insere no sonho profético de D.Manuel, que, como já tivemos ocasião de notar, funciona como

um incentivo determinante para a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Os versos 3,7 e 8 de Os Lusíadas são, sob o ponto de vista semântico, redundantes, o que decerto confirma o peso estimulante da ideia de uma região ainda por explorar. Ora, tudo isto se perde na tradução inglesa que assinala intercaladamente tal realidade - " by human step untrod " - em prol de um cenário sublime.

Estes e outros indícios similares, dispersos ao longo do poema, prefiguram uma outra alteração de maior alcance, para a qual não encontramos qualquer correspondência no original: a descrição do despontar de uma tempestade de dimensões gigantescas, que cria uma atmosfera propícia para o aparecimento de Baco ao sacerdote mouro no canto VIII:

" O'er the tall mountain-forest's waving boughs
 Aslant the new moon's slender horns arose;
 Near her pale chariot shone a twinkling star,
 And, save the murmuring of the wave afar,
 Deep-brooding silence reign'd; each labour closed,
 In sleep's soft arms the sons of toil reposed.
 And now no more the moon her glimpses shed,
 A sudden black-wing'd cloud the sky o'erspread,
 A sullen murmur through the woodland groan'd
 In woe-swoln sighs the hollow winds bemoan'd;
 Borne on the plaintive gale a pattering shower,
 Increased the horrors of the evil hour.
 Thus when the great Earthshaker rocks the ground,
 He gives the prelude in a dreary sound;
 O'er Nature's face a horrid gloom he throws,
 With dismal note the cock unusual crows,
 A shrill-voiced howling trembles thro' the air

As passing ghosts were weeping in despair;
 In dismal yells the dogs confess their fear,
 And shivering own some dreadful presence near. "

(p.339)

Para além da personificação do vento e dos elementos que fazem parte do discurso iterativo de todas ou quase todas as descrições sublimes com que deparamos (a rapidez da aparição ou da manifestação de algo tenebroso, a escuridão, o silêncio, etc.), a exteriorização de dor dos animais merece um certo destaque, na medida em que nos revela uma nova faceta do sublime, em termos de intensidade emotiva, passível de ser característica da vivência de tais fenómenos naturais.

Recorde-se, a respeito da importância dos sons no despertar de paixões fortes, que E. Burke deu particular relevo não só aos gritos de aflição das pessoas, mas também ao dos animais. Explica-nos ele: " Such sounds as imitate the natural inarticulate voices of men, or any animals in pain or danger, are capable of conveying great ideas,". (124) É por isso que, após a especificação gradativa dos sinais da tempestade que se avizinha e que culmina com a imagem sísmica, Mickle refere o cantar lúgubre do galo e o latir medonho dos cães.

Em Almada Hill existe um passo que, pela sua similitude, a nível da atmosfera de horror em geral e dos traços descritivos em particular, nos surpreende. Trata-se da descrição do terramoto de Lisboa de 1755.

" Hark, what low sound from Cintra rock! the air
 Trembles with horror; fainting lightnings glare;

Shrill crows the cock, the dogs give dismal yell;
 And with the whirlwind's roar full comes the swell;
 Convulsive staggers rock th' eternal ground,
 And heave the Tagus from his bed profound;
 A dark red cloud the towers of Lisboa veils;
 Ah heaven, what dreadful groan! the rising gales
 Bright light; and Lisboa smoaking in the dust
 Lies fall'n.(...) " (p.190)

A notícia de tal acontecimento teve enormes repercussões, na Europa, a nível religioso, filosófico, político e literário. (125) Para a maioria das pessoas, um tremor de terra consistia numa manifestação suprema do poder divino - "the dreadful God/ Of earthquake," (p.190), como Mickle lhe chama no poema supracitado - de um Deus em ira, que demonstrava desta forma a sua animosidade para com a cidade de Lisboa. Visto nesta perspectiva, e dada a dimensão catastrófica que atingiu, o terramoto de 1 de Novembro de 1755 lança, pois, um apelo directo à sensibilidade pré-romântica, a que Mickle não ficou desatento. (126)

O relato de batalhas, eis outro dos campos em que o tradutor se sente à vontade para obter efeitos impressionantes, segundo o gosto e o estilo que lhe são peculiares.

"Eis nos batéis o fogo se "From his black ships the
 levanta/ Na furiosa e dura sudden lightnings blaze,/ And
 artilheria,/ A plúmbea pela o'er old Ocean flash their
 mata,o brado espanta,/ dreadful rays:/ White clouds
 Ferido o ar retumba e on clouds inroll'd the smoke
 assovia." (c.I,est.89,v.1-4) heaven's wide concave rends:/

The bays and caverns of the
winding shore/ Repeat the
cannon's and the mortar's
roar:/ The bombs,
far-flaming, hiss along the
sky,/ And whirring through
the air the bullets fly;/ The
wounded air with hollow
deafen'd sound,/ Groans to
the direful strife, and
trembles round." (pp.34-35)

"[...] a gente Portuguesa,/ [...],estruí e mata;/ A povoação sem muro e sem defesa/ Esbombardea,acende e desbarata." (c.I,est.90, v.1-4)

" Now from the Moorish
town the sheets of
fire,/ Wide blaze succeeding
blaze, to heaven aspire./
Black rise the clouds of
smoke, and by the gales/
Borne down, in streams hang
hovering o'er the vales;/ And
slowly floating round the
mountain's head/ Their pitchy
mantle o'er the landscape
spread./ Unnumber'd sea-fowl
rising from the shore,/ Beat
round in whirls at every
cannon's roar:/ Where o'er
the smoke the masts' tall
heads appear,/ Hovering they
scream, then dart with sudden
fear,/ On trembling wings far
round and round they fly,/
And fill with dismal clang
their native sky." (p.35)

"Quando a Cidade,entrada, se

"When, wrapt in clouds of

rendera/Ao duro cerco que
 lhe estava posto./ Foi a
 batalha tão sanguina e fera/
 Quanto obrigava o firme
 prossuposto/ De vencedores
 ásperos e ousados./ E de
 vencidos já desesperados."
 (c.III,est.59,v.3-8)

dust, her mural pride/ Falls
 thundering, - black the
 smoaking breach yawns wide./
 As when th' imprison'd waters
 burst the mounds,/ And roar,
 wide sweeping o'er the
 cultured grounds;/ Nor cot
 nor fold withstand their
 furious course;/ So headlong
 rush'd along the Hero's
 force./ The thirst of
 vengeance the assailant
 fires,/ The madness of
 despair the Moors inspires;/
 Each lane, each street
 resounds the conflict's roar,
 / And every treshold reeks
 with tepid gore."(pp.108-109)

"E, com esta vitória
 cobiçoso,/Já não descansa o
 moço, até que veja/ Outro
 estrago como este,temeroso,
 (...)/ Assi estragado, o
 Mouro na vingança/ De tantas
 perdas põe sua esperança."
 (c.III,est.76,v.1-3,7-8)

"Burning for victory the
 warlike boy/ Spares not a day
 to thoughtless rest or joy./
 Nor long his wish unsatisfied
 remains:/ With the besieger's
 gore he dies the plains/ That
 circle Beja's wall: yet still
 untamed,/ With all the
 fierceness of despair
 inflamed,/ The raging Moor
 collects his distant might; "
 (p.115)

"Não lhe aproveita já
 trabuco horrendo,/ Mina
 secreta, aríete forçoso;"
 (c.III,est.79,v.3-4)

"Huge clests of rock, from
 horrid engines whirl'd,/ In
 smouldering volleys on the
 town are hurl'd;/ The brazen

rams the lofty turrets shake,
/ And mined beneath the deep
foundations quake; " (p.116)

"Mas o velho, (...) / (...) /
Sabendo como o filho está
cercado, / (...) / Se parte
diligente da cidade;"
(c. III, est. 80, v. 1, 5, 7)

"The king reposed, when
Sanco's fate he hears. / His
limbs forget the feeble steps
of age, / And the hoar warrior
burns with youthful rage."
(p.116)

"Em breve os Mouros tem
desbaratados. / A campina,
(...) / (...) / De seus
senhores mortos chea fica."
(c. III, est. 81, v. 4-5, 8)

"(...) the ground with
Moorish blood is stain'd; / (.
..) / And low in dust the
groaning masters bleed." (pp.
116-117)

"Logo todo o restante se
partiu / De Lusitânia, postos
em fugida;" (c. III, est. 82,
v. 1-2)

"In wild dismay, and torn
with gushing wounds / The rout
wide scatter'd fly the Lusian
bounds." (p.117)

"Já chegam as esquadras
belicosas / Defronte das
imigas companhias, / Que com
grita grandíssima as
recebem:" (c. IV, est. 26, v. 5-7)

" Now each stern host full
front to front appears, / And
one joint shout heaven's airy
concave tears: " (p.158)

"Começa-se a travar a
incerta guerra: / (...) / Uns
leva a defesa da própria
terra, / Outros as esperanças
de ganhá-la. / Logo o grande
Pereira, (...) / (...) / Derriba
e encontra e a terra em fim
semea" (c. IV, est. 30, v. 1, 3-5,
7)

"(...) now, far round, begin /
The bow strings whizzing, and
the brazen din / Of arms on
armour rattling; (...) /
(...) / To guard his native
fields the one inspires, / And
one the raging lust of
conquest fires: / Now with
fixt teeth, their writhing

lips of blue,/ Their
 eye-balls glaring of the
 purple hue,/ Each arm strains
 swiftest to impell the
 blow;/ (...) / (...) the
 glorious Nunio rode:/ That
 land (...) he sows/ With
 their spilt blood, and with
 their corpses strews;" (p.159)

"Noutra parte, esculpida
 estava a guerra/Que tiveram
 os Deuses c'os Gigantes;"
 (c.VI,est.13,v.1-2)

"Another scene display'd the
 dread alarms/ Of war in
 heaven, and mighty Jove in
 arms;/ Here Titan's race
 their swelling nerves
 distend/ Like knotted oaks,
 and from their bases rend/
 And tower the mountains to
 the thundering sky,/ While
 round their heads the forky
 lightnings fly;" (p.237)

"Já dão sinal, e o som da
 tuba impele/ Os belicosos
 ânímos,que inflama;/ Picam
 de esporas, largam rédeas
 logo,/ Abaxam lanças, fere a
 terra fogo." (c.VI,est.63,
 v.5-8)

"Now loud the signal of the
 fight rebounds/ Quivering the
 air, the meeting shock
 resounds/ Hoarse uproar;
 bucklers dashed on bucklers
 ring,/ The splintered lances
 round their helmets sing./
 Their swords flash lightning,
 darkly reeking o'er/ The
 shining mail-plates flows the
 purple gore./ Torn by the
 spur,the loosened reins at
 large,/ Furious the steeds in
 thundering plunges charge/

"Dos cavalos o estrépito
 parece / Que faz que o chão
 debaixo todo treme;/ O
 coração, no peito que
 estremece/ De quem os olha,
 se alvoroça e teme." (c.VI,
 est.64,v.1-4)

Trembles beneath their hoofs
 the solid ground,/ And thick
 the fiery sparkles flash
 around,/ A dreadful blaze!
 with pleasing horror
 thrill'd/ The croud behold
 the terrors of the field."
 (p.255)

" _____ "

"His drums' bold rattling
 rise the battle sound;/ Eccho
 deep-toned hoarse vibrates
 far around;/ The shivering
 trumpets tear the
 shrill-voiced air,/ Quivering
 the gale, the flashing
 lightnings flare,/ The smoke
 rolls wide, and sudden bursts
 the roar,/ The lifted waves
 fall trembling, deep the
 shore/ Groans; quick and
 quicker blaze embraces blaze/
 In flashing arms; louder the
 thunders raise/ Their
 roaring, rolling o'er the
 bended skies/ The burst
 incessant; awe-struck Eccho
 dies/ Faltering and deafen'd
 ; from the brazen throats,
 Cloud after cloud, inroll'd
 in darkness, floats,/ Curling
 their sulphurous folds of
 fiery blue,/ Till their huge
 volumes take the fleecy hue,
 And rowl wide o'er the sky;
 wide as the sight/ Can

measure heaven, flow rowls
 the cloudy white:/ Beneath,
 the smoky blackness spreads
 afar/ Its hovering wings, and
 veils the dreadful war/ Deep
 in its horrid breast; the
 fierce red glare/ Chequering
 the rifted darkness, fires
 the air,/ Each moment lost
 and kindled, while around,/
 The mingling thunders swell
 the lenghten'd sound./ When
 piercing sudden through the
 dreadful roar/ The yelling
 shrieks of thousands strike
 the shore:" (p.362)

A vivacidade destas descrições (embora várias e extensas, não correspondem, todavia, à totalidade dos exemplos de que dispomos) ilustram o modo como o tradutor se esforçou por preservar e ampliar a dimensão épica destes confrontos bélicos. Se o poema épico é já na sua essência, para parafrasear J.Dennis, sublime, grave e majestoso (127), não há dúvida que Mickle apreendeu habilmente essas qualidades do texto camoniano para depois as refazer ou reinventar conforme achou mais oportuno.

A acção triádica, presente na generalidade das lides guerreiras que nos são narradas, logo enunciada no canto I, estrofe 90, pelos verbos esbombardear, acender e desbaratar, ainda que naturalmente haja que salvaguardar as posteriores descrições desse comportamento soldadesco, comum à maioria dos

combates, está sujeita em Mickle, em qualquer dos casos, mesmo naqueles em que Camões pormenoriza o fulgor ardente da luta e o estrépito das armas, a um processo de orquestração semântica muito mais elaborada, chegando, por vezes, a aproximar-se daquilo a que poderíamos designar de representação pitoresca. Entenda-se por esta expressão, empregada no seu sentido lato, a qualidade que cada objecto ou cena possui, passível de ser ilustrada por intermédio da pintura, essa linguagem universal que Mickle apelidou de "the picturesque of poetry", capaz de deleitar o leitor, independentemente de ele estar ou não informado da realidade histórica dos acontecimentos narrados.

" The Lusiad affords many instances which must be highly pleasing to the Portuguese, but dry to those who are unacquainted with their history. (...). Sensible of this disadvantage which every version of historical poetry must suffer, the Translator (...) has also, all along, in the episode in the third and fourth books, in the description of the painted ensigns in the eight, and in the allusions of the present book (the tenth), endeavoured to throw every historical incident into that universal language, the picturesque of poetry. The circumstances unsusceptible of imagery are hastened over, and those which can best receive it, presented to the view. " (128)

Com efeito, alguns dos passos citados possuem uma sublimidade pitoresca assinalável, onde, por vezes, o

contraste cromático entre o preto/negro, o vermelho e o branco dirige à vista um apelo directo. Além do mais, Mickle surpreende-nos, ao re-utilizar uma técnica descritiva à qual já nos vamos habituando, pelo efeito de sucessão visualizadora que imprime aos acontecimentos que nos são descritos (atente-se particularmente nos dois primeiros exemplos e no último, em que cada verso renova, intensifica ou amplifica a sensação ou a impressão colhidas no anterior), pela insistência com que usa vocábulos do mesmo campo semântico, entre os quais se destaca o do fogo e o do som, e, enfim, pelo modo como emprega determinadas figuras de retórica como a aliteração, a imagem, a comparação e a personificação, tendo em vista a admiração e o impacto que tudo isto poderá causar virtualmente no leitor. Assim, por exemplo, a comparação da rendição da cidade de Lisboa ao rebentar infrene de uma torrente de água (pp.108-109) é por excelência elucidativa da violência que caracterizou essa vitória afonsina, e, por seu turno, a descrição do esvoaçar aflitivo e do cantar lúgubre das aves marinhas (p.35) deixa-nos entrever a crueldade dos golpes disferidos e do ribombar dos canhões, transferindo para o domínio animal a dor e o desespero que, num outro plano, dilaceram os corações humanos.

Cabe ainda notar que, neste caso, a qualidade sublime do cenário é extensível ao carácter dos heróis. O seu comportamento passional, acentuado amiúde (129) pelo tradutor, surge, nesta ordem de ideias, como o estigma da sua valentia físico-guerreira. A profusão de marcas ígneas, dispersas ao

longo dos trechos citados, que assinalam a destruição, a força devastadora de um exército em marcha, figuram ao mesmo tempo como um dos elementos distintivos da heroicidade dos guerreiros que se defrontam. Repare-se, deste modo, em alguns dos exemplos extraídos (pp. 108-109, 115-116 e 159), em que o semema fogo, combinado com um outro traço semântico importante - o da raiva - denota a existência de paixões violentas.

Até mesmo em Almada Hill, Mickle recorda as atitudes passionais que estiveram directamente na origem da Restauração da Independência:

" Methinks I hear the yells of horror rise
 From slaughter'd thousands shrieking to the skies,
 As factious rage or blinded zeal of yore
 Roll'd their dire chariot wheels though streams of
 (gore." (p.189)

Como nos podemos aperceber através de alguns dos passos anteriormente citados, a forma violenta de descrever a morte assume, por vezes, uma feição demarcadamente gótica. Com efeito, em Mickle detecta-se um forte pendor para o macabro e o grotesco, por tudo aquilo que é excessivo ou anormal, indo ao ponto de deformar as proporções do que nos é descrito ou do sentido de realidade presente em Camões.

Como consequência, não só as referências abusivas ao sangue, como a cadáveres e a espectros se tornam elucidativas da importância que estes elementos, relacionados com o mundo do sobrenatural, então adquiriram, mesmo a nível da poesia

épica. Eis como J.Dennis se pronuncia sobre o assunto:

" [...] the Spirits of Men departed [...] Prophecies, Visions, Miracles, Enchantments, Prodigies [...] are [...] wonderful [...]. We name those things wonderful, which we admire with fear. " (130)

Vejamos agora de que modo o tradutor concretiza esse seu gosto pelas chamadas "Gothic manners":

<p>"O hospício que o cru Diomedes dava,/ Fazendo ser manjar acostumado/De cavalos a gente que hospedava;/ As aras de Busiris infamado,/ Onde os hóspedes tristes imolava,"(c.II,est.62,v.2-6)</p>	<p>"Here such dire welcome is for thee prepared/ As Diomed's unhappy strangers shared;/ His hapless guests at silent midnight bled,/ On their torn limbs his snorting coursers fed./ Oh fly, or here with strangers' blood imbrew'd/ Busiris' altars thou shalt find renew'd:/ Amidst his slaughter'd guests his altars stood/ Obscene with gore, and bark'd with human blood: " (p.67)</p>
---	---

<p>"[...] vai tomar/Vingança de Trancosos destruída/ Afonso, [...])" (c.III,est.64,v.1-3)</p>	<p>"The ghosts, whose mangled limbs, yet scarcely cold,/ Heapt sad Trancoso's streets in carnage roll'd,/ Appeased, the vengeance of their slaughter, see,/ And hail th' indignant King's severe decree." (p.110)</p>
---	---

"Que [o exército do rei de Marrocos] a vivos medo e a mortos faz espanto." (c.III, est.103,v.8)

"Pale are our bravest youth as palsied age./ By night our father's shades confess their fear,/ Their shrieks of terror from the tombs we hear:" (p.125)

"Aquele que depois a fez Rainha" (c.III,est.132,v.4)

" That her pale corpse was Lisbon's queen proclaimed; " (p.137)

" Mas ele [o Conde Andeiro], em fim, com causa desonrado, /Diante dela a ferro frio morre,/De outros muitos na morte acompanhado,/[...]/ Quem como Astianás, precipitado,/[...]/ Quem nu por ruas e em pedaços feito." (c.IV,est.5,v.1-3,5,8)

"The adulterous noble in her presence bled,/ And torn with wounds his numerous friends lay dead./ [...]/ Thrown from a tower, like Hector's son of yore,/ The mitred head was dash'd with brains and gore./ Ghastly with scenes of death, and mangled limbs,/ And black with clotted blood each pavement swims." (p.147)

" _____ "

"And ever when she [Leanore] slept th' adulterer's ghost,/ All pale, and pointing at his bloody shroud,/ Seem'd ever for revenge to scream aloud." (p.148)

"Aqui espero tomar,[...]/ De quem me descobriu suma vingança."(c.V,est.44,v.1-2)

"Then He who first my secret reign descried/ A naked corpse wide floating o'er the tide/ Shall drive [...]" (p.208)

"Entretanto, os arúspices

"All gloomy as the hour,

famosos/[...]/Por sinais
 diabólicos e indícios,/
 Mandados do Rei próprio,
 estudiosos,/ Exercitavam a
 arte e seus ofícios,"
 (c.VIII,est.45,v.1,4-6)

"Sinal lhe mostra o Demo,
 verdadeiro,/De como a nova
 gente lhe seria/ Jugo
 perpétuo, eterno cativo,/
 Destruição da gente e da
 valia./ Vai-se espantado o
 atônito agoureiro/ Dizer ao
 Rei, segundo o que entendia,
 / Os sinais temerosos que
 alcançara/ Nas entranhas das
 vítimas que olhara."
 (c.VIII,est.46)

around him [the king] stand/
 With haggard looks the hoary
 magi band;/ [...]/ Prepared
 in dark futurity to prove/
 The hell-taught rituals of
 infernal Jove:/ Muttering
 their charms and spells of
 dreary sound,/ With naked
 feet they beat the hollow
 ground;/ Blue gleams the
 altar's flame along the walls,
 / With dismal hollow groans
 the victim falls;/ With
 earnest eyes the priestly
 band explore/ The entrails
 throbbing in the living gore.
 / And lo, permitted by the
 power divine,/ The hovering
 daemon gives the dreadful
 sign./ Here furious War her
 gleamy falchion draws,/ Here
 lean ribb'd Famine writhes
 her falling jaws;/ Dire as
 the fiery pestilential star/
 Darting his eyes, high on his
 trophied car/ Stern Tyranny
 sweeps wide o'er India's
 ground,/ On vulture wings
 fierce Rapine hovers round;/
 Ills after ills, and India's
 fetter'd might,/ Th' eternal
 yoke - loud shrieking at the
 sight/ The starting wizzards
 from the altar fly,/ And
 silent horror glares in every
 eye:/ Pale stands the

Monarch, lost in cold
dismay," (pp.342-343)

"[...] Guéus se chamam, de
selvages vidas;/Humana carne
comem, mas a sua/ Pintam com
ferro ardente, usança crua."
(c.X,est.126,v.6-8)

"[...] the Guios' dread
domain;/ Here brutalized the
human form is seen,/ The
manners fiend-like as the
brutal mein:/ With frothing
jaws they suck the human
blood/ And gnaw the reeking
limbs, their sweetest food;/
Horrid with figured seams of
burning steel/Their wolf-like
frowns their ruthless lust
reveal." (pp.466-467)

A nível desta poética do excesso, que ronda nalguns casos o apocalíptico e o fantástico, a referência à noite, nomeadamente ao seu ponto de intensidade máximo, a meia-noite, é intencional. Encontrando-se revestida de uma grande riqueza simbólica, que se liga com o tempo da gestação de algo de medonho que irá desabrochar futuramente, ou com as forças do inconsciente, a noite representa um corte com a razão, figurando, por conseguinte, como o prenúncio de outro tipo de sensibilidade extra-sensorial que ajuda a intensificar o clima de mistério ou de expectativa dos momentos vividos.

Por isso, Mickle, em outros passos do poema, para além das referências já citadas, faz alusões pontuais a essa hora fatídica, ou então, noutros casos, sublinha com maior veemência a força sublime que lhe é subjacente:

" _____ " "Sudden the lights
extinguish'd, all around/
Dread silence reigns, and
midnight gloom profound:/ A
sacred horror pants on every
breath, " (p.181)

"Vimos a parte menos "Here gloomy night assumes a
rutilante/ E, por falta de darker reign,/ And fewer
estrelas, menos bela," (c.V, stars inspire the heavenly
est.14,v.5-6) plain;" (p.195)

" _____ " "And o'er the decks cold
breath'd the midnight wind."
(p.249) * (p.246)

"- Medina adominábil teme "Mecca, aghast, beholds the
tanto/Quanto Meca e Gidá, standards shine,/ And
[...] " (c.X,est.50,v.5-6) mignight horror shakes
Medina's shrine; " (p.432)

Quanto ao sentimento, ele não surge apenas associado a um determinado tipo de cenas em particular. A expressão sentimental vai ganhando forma e reaparecendo ao longo de vários contextos. Em todos eles - desde o chorar da morte de D. Afonso Henriques ao da de S. Tomé - o tradutor procura dar ênfase aos momentos de emoção evocados no poema.

"Os altos promontórios o "Each winding shore for thee,
choraram,/ E dos rios as Alonzo, mourns,/ Alonzo's
águas saudosas/ Os semeados name each woeful bay returns;
campos alagaram,/ Com / For thee the rivers sigh
lágrimas correndo piadosas;/ their groves among,/ And

Mas tanto pelo mundo se
alargaram,/ Com fama, suas
obras valerosas,/ Que sempre
no seu Reino chamarão:/ -
Afonso, Afonso! - os ecos
mas em vão. " (c.III,est.84)

along;/ Their swelling tears
o'erflow the wide campaign;/
With floating heads, for
thee, the yellow grain,/ For
copses weep,/ As their tall
boughs lie trembling on the
deep;/ Adown the streams the
tangled vine-leaves flow,/
And all the landscape wears
the look of woe./ Thus o'er
the wondering world thy
glories spread,/ And thus thy
mournful people bow the head;
/ While still, at eve, each
dale Alonzo sighs,/ And, oh,
Alonzo! every hill replies;/
And still the mountain
ecchoes trill the lay,/ Till
bushing morn brings on the
noiseful day." (pp.117-118)

"[...] o Reino governou/ O
Conde Bolonhês, depois
alçado/Por Rei, quando da
vida se apartou/ Seu irmão
Sancho,[...] " (c.III,est.
94,v.1-4)

" Complaint,loud murmur'd,
every city fills,/ Complaint,
loud murmur'd, vibrates
through the hills./ Alarm'd
Bolonia's warlike Earl
awakes,/ And from his
liftless brother's minions
takes/The awful sceptre[...]"
(p.121)

"Estavam pelos muros,
temerosas/ E de um alegre
medo quási frias,/ Rezando,
as mãis, irmãs, damas e
esposas,/Prometendo jejuns e

"Here the sad mother rends
her hoary hair,/ While hope's
fond whispers struggle with
despair:/ The weeping spouse
to heaven extends her hands:/

- romarias." (c.IV,est.26, v. 1-4) And cold with dread the modest virgin stands,/ Her earnest eyes, suffused with trembling dew,/ (...) / And prayers and tears and all the female wail,/ And holy vows the throne of heaven assail." (pp.157-158)
- "Pelos praias vestidos os soldados/ De várias cores vem e várias artes,/ (...) / Nas fortes naus os ventos sossegados/Ondeam os aéreos estandartes." (c.IV,est.85, v.1-2,5-6) "Sailors and land-men marshall'd o'er the strand;/ In garbs of various hue(...) / (...) / Then turning to the ships their sparkling eyes, / with joy they heard the breathing winds arise;/ Elate with joy beheld the flapping sail,/ And purple standards floating on the gale:"(p.180)
- "(...) e enxergavam/ Os tálamos do Sol, que nace ardente:/ Já quasi seus desejos se acabavam." (c.VI, est.6,v.2-4) "And now with transport sparkling in his eyes/ Keen to behold the Indian mountains rise,/ High on the decks each Lusian heroe smiles,/ And proudly in his thoughts reviews his toils." (p.235)
- "(...) a frota, que o Mouro bem conhece." (c.VII,est.28, v.6) "The Moor, with transport sparkling in his eyes,/ The well-known make of GAMA's navy spies," (p.282)
- "Choraram-te,Tomé, O Gange e o Indo;/ Chorou-te toda a "Ah heaven, what woes the widowed land exprest ! /

terra que pisaste;/ Mais te Thee, Thomas, thee, the
 choram as almas que plaintive Ganges mourn'd,/
 vestindo/ Se iam da santa Fé And Indus' banks the
 que lhe insinaste." (c.X, murmuring moan return'd;/
 est.118,v.1-4) O'er every valley where thy
 footstep stray'd,/ The hollow
 winds the gliding sighs
 convey'd./ What woes the
 mournful face of India wore,/
 These woes in living pangs
 his people bore./ His sons,
 to whose illumined minds he
 gave,/ To view the ray that
 shines beyond the grave./ His
 pastoral sons bedew'd his
 corse with tears," (p.461)

Ainda que, em sentido lato, Mickle esteja em consonância com o espírito de angústia ou regozijo que perpassa o original, o seu discurso poético encontra-se impregnado de tal musicalidade e força expressiva, feito à base de sonoridades melancólicas e de figurações gestuais ou faciais de dor ou alegria que demonstram o quanto o tradutor valoriza estas exteriorizações de tipo sentimental.

Ora, o sentimento, uma das características fundamentais da emotividade dos pré-românticos, põe a descoberto um grande poder de sensibilidade não só em relação ao que de íntimo se passa na interioridade da alma humana ou, eventualmente, cósmica, mas também em relação à paisagem circundante. Se, nesta ordem de ideias, a sensibilidade comanda o homem, tornando-o susceptível ao mundo que o rodeia, não há dúvida de

que, paralelamente aos aspectos medonhos e sombrios da Natureza, as belezas de um dado cenário natural também poderão captar a sua atenção.

De facto, o sentimento da Natureza - o amor por paisagens rurais ou cenas rústicas - constitui outro dos traços relevantes da tradução de Mickle. Ele evidencia-se praticamente ao longo de todo o poema, quer através da introdução de versos seus, quer através da ênfase ou modificação que imprime aos versos de Camões.

<p>"Gália ali se verá, (...)/ (...)/ Que do Séquana e Ródano é regada/E do Garuna frio e Reno fundo." (c.III, est.16,v.1-3)</p>	<p>"Onward fair Gallia opens to the view/ Her groves of olive, and her vineyards blue:/ Wide spread her harvests o'er the scenes renown'd,/ (...)/ Here Seyn, how fair when glistening to the moon!/ Rolls his white wave, and here the cold Garoon;/ Here the deep Rhine the flowery margin laves,/ And here the rapid Rhone impervious raves." (p.91)</p>
---	--

<p>"E vós também, ó terras Transtaganas,/ Afamadas com o dom da flava Ceres,/ (...)/ E tu, lavrador Mouro, que te enganas,/ Se sustentar a fértil terra queres;/ Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,/ E Alcáçere do</p>	<p>"Elva the green, and Moura's fertile dales,/ Fair Serpa's tillage and Alcazar's vales/ Not for himself the Moorish peasant sows;/ For Lusian hands the yellow harvest glows:/ And you, fair lawns, beyond the Tagus's wave,/"</p>
---	---

- Sal estão rendidas." (c.III, est.62,v.1-2,5-8) Your golden burdens for Alonzo save:" (pp.109-110)
- "O Beotes gelado e a Linha ardente" (c.III,est.71,v.7) "Of cold Bootes' watery glistening team;/ To those who parch'd beneath the burning line,/ In fragrant shades their feeble limbs recline," (p.113)
- "A cidade de Silves [...] / Cujos campos o Bárbaro lavrava." (c.III,est.86, v.3-4) "Fair Sylves' lawns the Moorish peasant plough'd,/ Her vineyards cultured, and her valleys sow'd;" (p.118)
- "[...] fresca Abrantes, / Abrantes, que também da fonte fria/Do Tejo logra as águas abundantes." (c.IV, est.23,v.2-4) "[...] fair Abrantes' gate;/ Whose lawns of green the infant Tagus laves,/ As from his spring he rolls his coolly waves." (p.156) * (p.154)
- "Aves agrestes [...]" (c.IV, est.70,v.1) "And birds of plumage, azure, scarlet, green:" (p.175)
- "As novas Ilhas[...] / De Mauritânia os montes e lugares," (c.V,est.4,v.3-5) "The verdant islands,[...] / [...] Rose Mauritania's hills of paly blue:" (p.190)
- "Passámos a grande Ilha da Madeira, / Que do muito arvoredo assi se chama, / [...] / Antes, sendo esta (a ilha da Madeira) sua [de Vénus], se esquecera / De Cypro, Gnido, Pafos e Citherea." (c.V,est.5,v.1-2, 7-8) " Now from her woods, with fragrant bowers adorn'd,/ From fair Madeira's purple coast we turn'd:/ Cyprus and Paphos' vales the smiling loves/ Might leave with joy for fair Madeira's groves;/ A shore so flowery, and so sweet an air,/ Venus might

build her dearest temple
there." (pp.190-191)

"Entrámos, navegando, polas
filhas/ Do velho Hespério,
Hespéridas chamadas;" (c.V,
est.8,v.3-4)

"Where midst the billows of
the ocean smiles/ A flowery
sister-train, the happy
isles,/ (...)/ (...) the blue
islands, named of Hesper old,
/ Their fruitful bosoms to
the deep unfold."(pp.191-192)

"Cantigas pastoris, ou prosa
ou rima,/ Na sua língua
cantam, concertadas,/ C'o
doce som das rústicas
avenas,/ Imitando de Títiro
as Camenas." (c.V,est.63, v.
5-8)

"By turns the husbands and
the brides prolong/ The
various measures of the rural
song./ Now to the dance the
rustic reeds resound;/ The
dancers'heels light-quivering
beat the ground,/ And now the
lambs around them bleating
stray,/ Feed from their
hands, or round them striking
play./ Methought I saw the
Sylvan reign of Pan,/ And
heard the music of the
Mantuan Swan:/ With smiles we
hail them, andwithjoy behold/
The blissful manners of the
age of gold."(p.227)* (p.217)

"Já chegam perto,(...)/ Dos
jardins odoríferos fermosos,
/Que em si escondem os
régios apousentos./ (...)/
Por . entre arvoredos
deleitosos." (c.VII,est.50,
v.1-3,6)

"And now the train (...)/
Approach the royal gate,
through many a row/ Of
fragrant wood walks, and of
balmy bowers,/ radiant with
fruitage, ever gay with
flowers./ (...)/ The citron

groves around the windows
glow'd,/ And branching palms
their grateful shade
bestow'd; " (p.303)

"(...) campos abundosos/ Do
rico Tejo e fresco
Guadiana," (c.VII,est.70, v.
2-3)

"(...) the lawns, where,
chrystalline and cold,/ The
Guadiana rowls his murmuring
tide,/ And those where purple
by Tago's side,/ The
lenghtening vineyards glisten
o'er the field," (p.310)

"Neste outeiro (...)"
(c.VIII,est.35,v.2)

"(...) the lemon-trees from
yon green hill/ Throw their
cool shadows o'er the
chrystal rill;" (p.334)

"Três fermosos outeiros se
mostravam,/ Erguidos com
soberba graciosa,/ Que de
gramineo esmalte se
adornavam,/Na fermosa ilha,
alegre e deleitosa./ Claras
fontes e límpidas manavam/Do
cume que a verdura tem
viçosa;/Por entre pedras e
alvas e diriva/ A sonora
linfa fugitiva." (c.IX, est.
54)

"With graceful pride three
hills of softest green/ Rear
their fair bosoms o'er the
sylvan scene;/ Their sides
embroider'd boast the rich
array/ Of flowery shrubs in
all the pride of May;/ The
purple lotos and the snowy
thorn,/And yellow pod-flowers
every slope adorn./ From the
green summits of the leafy
hills/ Descend with murmuring
lapse three limpid rills;/
Beneath the rose-trees
loitering slow they glide,/
Now, tumbles o'er some rock
their chrystal pride;/
Sonorous now they roll adown

the glade,/ Now plaintive
tinkle in the secret shade,/
Now from the darking grove,
beneath the beam/ Of ruddy
morn, like melted silver
stream,/ Edging the painted
margins of the bowers,/ And
breathing liquid freshness on
the flowers." (pp.386-387)

"(...)as aves no ar cantando
voam,/Alegres animais o chão
povoam." (c.IX,est.62,v.7-8)

"A longo da água o nível
cisne canta,/responde-lhe do
ramo Philomela;/Da sombra de
seus cornos não se espanta/
Actéon na água cristalina e
bela;/Aqui a fugace lebre se
levanta/Da espessa mata, ou
tímida gazela;/Ali no bico
traz ao caro ninho/ O
mantimento o leve
passarinho." (c.IX,est.63)

"Each harmless bestial crops
the flowery fields;/ And
birds of every note and every
wing/ Their loves responsive
thro' the branches sing:/ In
sweet vibrations thrilling
o'er the skies,/ High pois'd
in air the lark his warbling
tries;/ The swan slow sailing
o'er the chrystal lake/ Tunes
his melodious note; from
every brake/ The glowing
strain the nightingale
returns,/ And in the bowers
of love the turtle mourns./
Pleas'd to behold his
branching horns appear,/ O'er
the bright fountain bends the
fearless deer;/ The hare
starts trembling from the
bushy shade,/ And swiftly
circling, crosses oft the
glade./ Where from the rocks
the bubbling founts distil,/
The milk-white lambs come
bleating down the hill;/ The

dappled heifer seeks the
vales below,/ And from the
thickest springs the bounding
doe./ To his lov'd nest, on
fondly fluttering wings,/ In
chirping bill the little
songster brings/ The food
untasted; transport thrills
his breast;/ 'Tis nature's
touch, 'tis instinct's
heav'n-like feast./ Thus
bower and lawn were deckt
with Eden's flowers,/ And
song and joy imparadised the
bowers." (pp.393-394)

O culto da Natureza ou o apreço por vistas paisagísticas - segundo alguns críticos, proveniente das viagens de âmbito europeu, levadas a cabo por jovens aristocratas ingleses do século anterior, comumente conhecidas como Grand Tour - era, de facto, uma das constantes da época, cuja influência se fez sentir a vários níveis da arte e da cultura, como nos demonstra a substituição do jardim clássico, de tipo francês, pelo jardim paisagístico ou natural, onde a liberdade, a variedade, a irregularidade, numa palavra, a naturalidade, se sobrepuseram à ordem, à uniformidade e ao artifício.

Ora, em todos estes exemplos que acabamos de extrair detecta-se uma maior capacidade descritiva do mundo exterior. Trata-se sobretudo de uma nova visão da paisagem, em que existe um novo sentido de riqueza do real, mais vivacidade e pormenor no traçar de contornos e perspectivas.

Assim, à diversidade cromática e aos elementos constitutivos da flora de tipo mediterrânico - a vinha, a oliveira e o limoeiro - que tendem a concretizar o carácter mais geral das descrições de Camões, vêm juntar-se os campos de gramíneas, predominantemente verdes (lawns), ou o balido dos cordeiros brancos como leite que correm pela colina abaixo, o que desde logo nos remete para algumas das facetas mais características da paisagem campestre de origem britânica. Por outro lado, a exploração do aspecto sonoro da água e dos contrastes de luz e sombra vem completar um avivar de tendências descritivas de efeito nitidamente pitoresco, que culmina, como verificámos, com a profusa descrição da Ilha dos Amores, dado o seu cariz tipicamente rural. (131)

Como o próprio tradutor declara numa das suas inúmeras notas de rodapé, há três factores importantes em qualquer descrição rural: "the happiness of epithet, of picturesque arrangement, and of little landscape views. Sem isto, diz-nos ele," all the names of trees and flowers (...) contain no more poetry than (...) a florist's catalogue." (132)

A este propósito, cabe-nos aqui recordar a atitude crítica de Sir Uvedale Price em relação ao pitoresco, pois, na sua óptica, este ajuda a compor e a avivar a beleza de um dado cenário natural:

" In nature, picturesqueness and beauty are blended; the rose, with its thorny bush and jagged leaves is emblematic of this mixture. The happy effect of such a union has its basis in

psychology: smoothness (...) conveys the idea of repose; roughness that of irritation, of animation, spirit and variety. Roughness serves as the ornament of beauty, that which gives its life and spirit, and preserves it from flatness and insipidity. " (133)

Com efeito, os traços pictóricos das descrições de Mickle são intrinsecamente imitativos, procurando evidenciar a harmonia, a variedade, o exotismo e a cor local de um determinado sitio ou região. Esta atitude estética em relação à Natureza exterior regista-se não só na tradução de Os Lusíadas, como em Almada Hill, quando o poeta nos descreve a magnífica vista que os seus olhos disfrutam do cimo do castelo de Almada.

" Through hills by hills embosom'd on each side,
 Monastic walls in every glen arise
 In coldest white fair glistening to the skies
 Amid the brown-brow'd rocks ; and, far as sight,
 Proud domes and villages array'd in white
 Climb o'er the steeps, and thro' the dusky green
 Of olive groves, and orange bowers between,
 Speckled with glowing red, unnumber'd gleam -
 And Lisboa towering o'er the lordly stream
 Her marble palaces and temples spreads
 Wildly magnific o'er the loaded heads
 Of bending hills, (...) " (p.168)

O pitoresco - um período durante o qual, segundo Christoph Hussey, " 'poetry, painting, gardening, architecture, and the

art of travel may be said to have been fused into the single 'art of landscape.'" (134) - assinala uma fase de transição entre o Classicismo e o Romantismo. Partindo do pressuposto de que a arte clássica lança um apelo directo à razão e a romântica à imaginação, Hussey defende que o período pitoresco fora necessário, na medida em que contribuiu para que esta última se libertasse um pouco da primeira, adquirindo, assim, o hábito de sentir através da vista.

" 'Pictures were in each case taken as the guide for how to see, because painting is the art of seeing ... [but] as soon as the imagination had absorbed what painting had to teach it, it could feel for itself, and the intermediate process ... could be dropped.' " (135)

Nestes termos, poder-se-á compreender o entusiasmo de Mickle pelo extenso panorama que avista do cimo da colina de Almada:

" Where high o'er Tago's flood Almada lowrs,
Amid the solemn pomp of mouldering towers
Supinely seated, wide and far around
My eye delighted wanders. [...] " (p.167)

Os poemas que tinham por base a contemplação da paisagem circunvizinha a partir do cimo de uma montanha eram largamente apreciados, pois, segundo Myra Reynolds, o entusiasmo por vistas amplas representava uma revolta contra a estreiteza de

barreiras de qualquer espécie.

Eis o que J. Addison nos diz a este respeito:

" (...) a spacious horizon is an image of liberty, where the eye has room to range abroad, to expatiate at large on the immensity of its views, and to lose itself amidst the variety of objects that offer themselves to its observation. Such wide and undetermined prospects are as pleasing to the fancy, as the speculations of eternity or infinitude are to the understanding." (136)

Na verdade, após a observação da paisagem local, o poeta deixa-se dominar pela fantasia e, assim, através da memória e da associação de ideias tenta reviver o passado e analisar o presente.

" Here while the Sun from Europe's breast retires,
Let Fancy, roaming as the scene inspires,
Persue the present and the past restore,
And Nature's purpose in her steps explore." (p.169)

Igual tendência para a liberdade se verificou no domínio da linguagem literária. Em Mickle, as descrições da Natureza encontram-se, de um modo geral, despojadas de certos artifícios expressivos de ordem mitológica, verdadeiros índices da erudição clássica, mau grado em outros passos do poema depararmos com um estilo artificial e rebuscado. À medida que o seu olhar poético se torna sensível ao pitoresco

e à Natureza exterior, o seu modo de expressão acaba, por vezes, por ser mais directo e realista. Assim, por exemplo, Philomela e Actéon (C.IX,est.63) são traduzidos respectivamente por nightingale e deer. O mesmo se passa relativamente a algumas das descrições do amanhecer e do anoitecer, que em Camões se caracterizam por um estilo extremamente elaborado, onde a alusão mitológica está geralmente presente.

<p>"Da Lũa os claros raios rutilavam/ Polas argêntas ondas Neptuninas;/ As Estrelas os Céus acompanhavam,/ Qual campo revestido de boninas;" (c.I, est.58,v.1-4)</p>	<p>"Calm Twilight now his drowsy mantle spreads,/ And shade on shade, the gloom still deepening sheds./ The Moon, full orb'd, forsakes her watery cave,/ And lifts her lovely head above the wave./ The snowy splendours of her modest ray/ Stream o'er the glist'ning waves, and quivering play:/ Around her, glittering on the heav'ns arch'd brow,/ Unnumber'd stars, enclos'd in azure, glow,/ Thick as the dew-drops of the rosy dawn,/ Or May-flowers crouding o'er the daisy-lawn:/ The canvas whitens in the silvery beam,/ And with a paler red the pendants gleam:" (pp.23-24)</p>
--	--

<p>"Já neste tempo o lúcido Planeta/Que as horas vai do</p>	<p>" The servant lustre of the evening ray/ Behind the</p>
---	--

dia distinguido/ Chegava à western hills now died away,/
 desejada e lenta meta,/A luz And night, ascending from the
 celeste às gentes dim-brow'd east,/ The
 encobrindo,/ E da casa Twilight gloom with deeper
 marítima secreta/ Lhe estava shades increast;" (p.43)
 o deus Nocturno a porta
 abrindo," (c.II,est.1,v.1-6)

"Mas assi como os raios "Till bright Aurora,
 espalhados/Do Sol foram no messenger of day,/ Walk'd
 mundo,e num momento/Apareceu forth; and now the sun's
 no rúbido Horizonte/Da moça resplendent rays,/ Yet half
 de Titão a roxa frente," emerging o'er the waters,
 (c.II,est.13,v.5-8) blaze," (p.48)

"Mas já o céu inquieto, "So past the night: and now
 revolvendo,/([...])/ E já a with silvery ray/ The Star of
 mãe de Menon,a luz trazendo, morning usher'd in the day./
 /Ao sono longo punha certo The shadows fly before the
 atalho;/ Iam-se sombras roseate hours,/ And the chill
 lentas desfazendo,/Sobre as dew hangs glittering on the
 flores da terra, em frio flowers." (pp.76-77)
 orvalho;" (c.II,est.92, v.1,
 3-6)

"([...]) os ígneos carros do "Now o'er the dew-drops of
 fermoso/Mancebo Délio ([...]), the eastern lawn/ Gleamed the
 que a luz renova," (c.VII, pale radiance of the star of
 est.67,v.1-2) dawn," (p.309)

"O grande ardor do Sol, "The eastern sky was left to
 Favónio enfrea/ C' o sopro dusky grey,/ And o'er the
 que, nos tanques naturais,/ last hot breath of parting
 Encrespa a água serena, e day,/ Cool o'er the sultry
 despertava/ Os lírios e noon's remaining flame,/ On
 jasmins que a calma agrava," gentle gales the grateful
 (c.X,est.1,v.5-8) twilight came./ Dimpling the

lucid pools the fragrant
 breeze/ Sighs o'er the lawns
 and whispers thro' the trees;
 / Refreshed the lilly rears
 the silver head,/ And opening
 jesmines o'er the arborous
 spread./ Fair o'er the wave
 that gleam'd like distant
 snow,/ Graceful arose the
 moon, serenely slow;/ Not yet
 full orb'd, in clouded
 splendour drest,/ Her married
 arms embrace her pregnant
 breast./ Sweet to his mate,
 recumbent o'er his young,/
 The nightingale his spousal
 anthem sung;/ From every
 bower the holy chorus rose,/
 Fom every bower the rival
 anthem flows./ Translucent
 twinkling through the upland
 grove/ In all her lustre
 shines the star of love;"
 (p.416)

A simplicidade e a beleza natural de algumas das cenas descritas, a que não faltam os registos de valor (calm / grateful twilight , graceful), denotadores da adesão emocional do tradutor, os cambiantes de luz e de cor que variam harmoniosa e incessantemente, a par de um visível aumento em número de versos, demonstram de uma vez por todas o prazer que Mickle sente ante tais momentos, geralmente privilegiados pelos românticos, como o cair da noite ou o

raiar do dia, o despontar do luar ou do brilho das estrelas.

O crepúsculo reaviva o esplendor da Natureza (veja-se o exemplo extraído da p.416) que, por sua vez, reflecte o clima idílico que caracteriza o comportamento das ninfas e dos nautas portugueses, evidenciando, assim, a força universal do amor que une tudo e todos numa relação deleitosa e harmoniosa.

No fundo, tal como Sister M. Eustace Taylor sugerira algures na sua dissertação, a falta do tradutor transforma-se, por vezes, em virtude do poeta. Porém, independentemente de tal facto poder constituir ou não uma virtude, do que não há dúvida é que Mickle ao longo da tradução se assumiu várias vezes como tal, tentando fazer prevalecer a sua inspiração poética sobre a de Camões.

NOTAS

- 1 F.Walter, La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique, Paris, 1927, p.56.
A propósito da obra de Robert Southey, vd. M.Zulmira Macedo Leal, Para o Retrato de Robert Southey - A Visão de Portugal, Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa - F.C.S.H., 1986.
- 2 Robert Southey, "Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens. By John Adamson, F.S.A.", in The Quarterly Review, vol.XXVII, April, 1822, p.31.
- 3 T.Y. (Robert Southey), "Remarks on Mickle's Translation of the Lusiad", in The Monthly Magazine, vol. IV, August, 1797, p.99.
- 4 A.Chalmers, "The Life of William Julius Mickle", in Works of the English Poets, vol. XVII, London, 1810, p.513.
- 5 R.A.Davenport, "The Life of William Julius Mickle", in Chiswick (ed.), The British Poets, vol. LXVI, London, 1822, pp.21-22.
- 6 Vd. Miguel Alarcão e Silva, Edward Quillinan e Portugal, Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa - F.C.S.H., 1986.
- 7 Apud S.G.West, "W.J.Mickle's Translation of 'Os Lusíadas'", in Révue de Littérature Comparée, Extrait du numéro spécial 69, Paris, Janvier-Mars, 1938, p.191. Esta citação fora, por sua vez, extraída de E.J.Morley (ed.), Correspondence of Henry Crabb Robinson with the Wordsworth Circle 1808-1866, vol. II, Oxford, 1927, pp.546-548, 555-557, 768-770.
A irritação de Quillinan perante os ditos abusos do

tradutor escocês está ainda patente nos comentários a lápis, presentes num exemplar da primeira edição da tradução de Mickle que ele possuía, hoje pertença do Professor Dr. A.A.Gonçalves Rodrigues, que amavelmente me deixou consultar.

Desses comentários, que muitas das vezes se cingem a anotações do tipo " not in Cam.", " not as in orig.", há três relativos à Introdução que gostaríamos de destacar pelo seu teor sarcástico.

Quando Mickle diz: " the most uniform simplicity of manly diction is the true character of the Portuguese Lusiad " (p.CXXIX), a réplica de Quillinan é a seguinte: " True - but why did you not follow that simplicity Mr. Mickle - instead of making Mickle of Mickle ? "; logo mais à frente, a propósito de Voltaire se ter baseado na tradução de Fanshawe, Mickle afirma: " Voltaire's opinion of the Lusiad was drawn from a very partial acquaintance with the unfaithful and unpoetical version of Fanshaw." (p.CXXX). Quillinan contesta: " this is gross - for Fanshawe is not 100th part so unfaithful as Mickle." Por último, quando Mickle expõe a sua teoria da tradução, dizendo a certa altura " Even farther liberties in one or two instances seemed to him advantageous " (p.CL), Quillinan acha que isto é uma modéstia: " five hundred at the very least! ".

8 Sir F.R.Burton, Camoens: His Life and His Lusiads, London, 1881, p.150.

9 S.G.West, " A Projecção de 'Os Lusíadas' através das Traduções Inglesas ", in Bracara Augusta, vols. XXV-XXVI, fascs. 59-62 (71-74), anos de 1971-1972, Braga, 1973, p.16.

10 Madonna (Monica) Letzring, " The Influence of Camoens in English Literature", in Revista Camoniana, vol.III, São Paulo, 1971, p.63.

11 Por questões práticas, em futuras alusões a esta obra apenas a designaremos sob o título de Almada Hill.

12 W.J.Mickle, " Advertisement ", to Almada Hill, in Poems and a Tragedy, London, 1794, s.p.

13 Mickle utilizou o dístico heróico tal como Dryden e Pope, no que respeita as suas traduções de Virgílio e Homero. Aos olhos de S.Johnson o dístico heróico era considerado a forma suprema de verso; a rima era indispensável à poesia. Embora o Dr. Johnson não simpatizasse com Adam Smith, quando J.Boswell lhe contou que este, numa das suas aulas na Universidade de Glasgow, tinha mostrado preferência pela rima em relação ao verso branco, exclamou: " 'Sir, I was once in company with Smith and we did not take to each other; but had I known that he loved rhyme as much as you tell me he does, I should have hugged him.'" (H.A.Beers, A History of English Romanticism in the Eighteenth Century, New York, 1962, p.105.); (1^a ed., 1899)

O tradutor escocês parece perfilhar a opinião de S.Johnson, ao explicar, na Introdução, as razões que o levaram a optar pela rima em vez do verso branco: " Every objection against rhyme recurs with accumulated charge against blank heroics. The monotony of the Night Thoughts, The Seasons, and of Leonidas, is infinitely more tiresome than the sameness of Dryden and Pope. Unnatural distortion of language seems peculiar to blank verse.(...) Every advantage of imitative harmony, of running the lines into each other, is enjoyed by rhyme in as high a degree as blank verse. Other arguments in favour of rhyme, are founded on the nature of our language: (...) Rhyme admits and delights in the most elegant ease both of natural simplicity and force of expression." (pp.CLI-CLII)

É de notar que esta justificação de Mickle se enquadra numa época em que se registava uma grande tendência para a liberdade no domínio da versificação, chegando alguns

poetas a enveredar pela abolição da rima, como é o caso de J.Thomson e E.Young, o que, na altura, representava uma libertação das formas poéticas e estilísticas da tradição clássica.

- 14 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.CXLVII.
- 15 J.Thomson, Liberty , in The Poetical Works of James Thomson, vol. II, Edinburgh, 1780, p.127.
- 16 A.Marvell, The Last Instructions to a Painter , in The Complete Poems, Harmondsworth/ Middlesex, 1978, p.176.
- 17 J.Thomson, Liberty , in op. cit., pp.92,94,126 e 127.
- 18 Vd. o seu artigo intitulado " The Adamastor Episode and Eighteenth Century Aesthetic Theory of the Sublime in England ", in Actas da I Reunião Internacional de Camonistas (1972), Lisboa, 1973, p.7. Embora longo, transcrevemos o poema na íntegra, dado que não é conhecido para além desta referência.
- 19 W.Whitehead, " For the New Year. 1765.", Ode XI, in A.Chalmers (ed.), Works of the English Poets, vol. XVII, London, 1810, pp.257-258.
- 20 " The Lusiad; or, the Discovery of India: an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Monthly Review, vol. LIV, April, 1776, p.250.
- 21 Ibidem, p.250.
- 22 " The Lusiad, or the Discovery of India; an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Edinburgh

- Magazine, vol. V, May, 1776, p.202.
- 23 " Remarks on the Subjects of Epic Poems ", in The Gentleman's Magazine, vol. LXXXIX, August, 1819, p.126.
- 24 J.Boswell, Boswell's Life of Johnson, vol. II, London, 1904, p.458. (1^a ed., Life of Samuel Johnson, 1791.)
- 25 Este autor é sempre chamado pelo nome de Abade Raynal. Trata-se de Gillaume-Thomas François Raynal (1713-1796), figura típica do Iluminismo francês. Tendo deixado a Companhia de Jesus por volta de 1748, dedicou-se a estudos de natureza filosófica, histórica e política, de entre os quais se destaca Histoire Philosophique et Politique des Établissements et du Commerce des Européens dans les deux Indes. Deísta e monárquico liberal, ficou conhecido pelos ataques à Igreja e às potências colonizadoras, o que lhe valeu perseguições e exílios até à Revolução, cujas violências vem a condenar.
- Quando, em 1783, G.T.Raynal sugeriu a oferta de uma medalha para a melhor dissertação sobre Comércio e Civilização, foi-lhe sugerido ironicamente que a tese vencedora se encontraria em The Lusiad de Mickle.
- 26 A.Pope, An Essay on Man, in Poetical Works, Cambridge, 1978, pp.263-264.
- 27 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.II.
- 28 Idem, ibidem, pp.IV-V, (n.).
- 29 " The Lusiad, or the Discovery of India; an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Edinburgh Magazine, vol.V, May, 1776, p.202.
- 30 O sublinhado é nosso.

- 31 A paginação da primeira edição da tradução de Mickle, na qual nos baseamos, nem sempre é correcta. Assim, sempre que depararmos com uma numeração errada, assinalá-la-emos com um asterisco no sentido de tornar mais perceptível o erro, indicando de seguida o número da página a que deveria corresponder para mais fácil localização. Adoptamos o mesmo método para Almada Hill, uma vez que a sua paginação também nem sempre é correcta.
- 32 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.449, (n.).
- 33 Idem, ibidem, pp.X-XI.
- 34 Idem, ibidem, p.XIII.
- 35 " Summer " foi editado pela primeira vez em 1727, tendo sido antecedido pela publicação de " Winter " em 1726, a que se segue, dois anos mais tarde, em 1728, a publicação de " Spring " e, finalmente, em 1730, a edição completa de Seasons.
J.Thomson procedeu a várias alterações nas edições subsequentes. Assim, a versão original de Seasons contém apenas 3902 versos (excluindo o "Hymn"), enquanto a revisão final de 1746 deu origem a 5413. (Apud H.A.Beers, op. cit., p.106.)
- 36 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.XIII.
- 37 Este risco assinala a inexistência de versos que, de algum modo, correspondam à tradução de Mickle.
- 38 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.CVII.
- 39 J.F.Barreto, Micrologia Camoniana, Lisboa, 1982, pp. 190-191.
- 40 " The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem.

Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Critical Review, vol.XLI, January, 1776, p.16.

41 " The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Edinburgh Magazine, vol.V, May, 1776, p.204.

42 Estamos em crer que o facto de o título do poema de Camões figurar na versão de Mickle no singular - como de resto acontece com Sir R. Fanshawe, T.M.Musgrave, E.Quillinan, Sir T.L.Mitchell, R.F.Duff e J.E.Hewitt, ao contrário de J.J.Aubertin, Sir R.F.Burton, L.Bacon e W.C.Atkinson - se deve a razões de ordem puramente literária.

Já um camonista português, Inácio Garcês Ferreira, citado e elogiado por L.A.Verney no Verdadeiro Método de Estudar, publicara em Nápoles, em 1731, o poema de Camões sob a designação de Lusiada, por achar impróprio o título que Camões elegera para o seu poema. O próprio L.A.Verney, como seria de esperar, tece uma crítica directa ao título da epopeia camoniana. Diz-nos ele que Camões " errou o título da obra. Os mestres da arte tomam o título, ou da pessoa, como Odisseia, Eneida, ou do lugar da acção, como Iliada, (...). O Camões, em vez de tomar o dito título de Vasco da Gama etc., toma-o de todos os Portugueses navegantes, como aos que ficaram no Reino. E o pior é que o toma no plural, que não tem exemplo na boa Antiguidade." (L.A.Verney, Verdadeiro Método de Estudar, vol. II, Lisboa, 1950, p.308.); (1^aed., 1746.) Daí que o título da tradução de Mickle deva ser encarado, em nosso entender, como um fenómeno típico da mentalidade crítico-literária do século XVIII. Vejamos qual a opinião de E.M.W.Tillyard a este respeito: " The traditional English title of Camoens's epic is the Lusiad, meaning the epic of Lusus. It is incorrect, for the epic is not about

Lusus, the eponymous hero of Lusitania or Portugal, but about his supposed descendants. Because of this incorrectness, the epic has more recently been called the Lusiads. But this is neither traditional nor obvious; and I prefer either the traditional name, the Lusiad, or the more obvious Sons of Lusus. It was partly with an eye to the Lusiad, now popularised by Mickle's translation, that Peter Pindar in 1785 called his mock-heroic poem the Lousiad: a confirmation of the traditional validity of the incorrect name of Camoens's epic." (E.M.W.Tillyard, The English Epic and its Background, New York, 1966, pp.238-239, n.); (1^aed., 1954.)

- 43 H.Cidade, Luís de Camões. O Épico, Lisboa, 1985, p.109.
- 44 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, pp.335- 336, (n.).
- 45 Idem, ibidem, p.XXXIII. Na segunda edição a expressão "the Deity" foi substituída por " a tutelary angel".
- 46 T.J. de Aquino, na introdução da segunda edição das obras de Camões, Obras de Luis de Camões, Príncipe dos Poetas de Hespanha, Lisboa, 1782, p.33, também regista o apreço de Mickle por D.João I, ainda que tenha apenas tomado em consideração a Introdução elaborada pelo tradutor escocês: " Na Historia do descobrimento da India (...). Depois de (Mickle) tocar ligeiramente o caracter dos primeiros Monarcas, e a indole da Nação Portuguesa, chega finalmente ao Reinado de D.João I de quem faz um grande elogio. No tempo deste Principe (diz ele) despertou-se o espirito de descobrimento no peito do Infante D.Henrique, filho deste Rei, muito célebre por sua piedade, sabedoria e generosidade."
- 47 Dos tradutores de Os Lusíadas de língua inglesa, há a notar que só a partir de E.Quillinan (exceptuando

J.J.Aubertin) se confere à expressão " o peito ilustre Lusitano " a significação de plural que lhe é subjacente. Atentemos, então, nas respectivas traduções:

Sir R.Fanshawe: " a Man recorded in this Peece ".

T.M.Musgrave: " the Illustrious Lusitanian Chief ".

" Amalia " (Richard Harris): " Lysia's son ".

E.Quillinan: " the illustrious Lusian heart ".

Sir T.L.Mitchell: " illustrious valour Lusitanian ".

J.J.Aubertin : " a daring Lusitanian name ".

Sir R.F.Burton: " the noble Lusian's stouter breast ".

R.F.Duff: " Lusian Chiefs ".

J.E.Hewitt: " the noble Lusian breast ".

" Lusitanicus " (Mortimer Tait): " the greater deeds of
(those ".

L.Bacon: " the Lusian spirit ".

W.C.Atkinson: " the daring and renown of Portuguese ".

Hugh Finn: " the daring and renown of Portuguese ".

48 J.Boswell, op. cit. , p.458.

49 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.XI.

50 Idem, ibidem, p.VIII. Na segunda edição registam-se algumas alterações na redacção que em nada modificam o significado e a intenção deste passo: " The superiority of the civil and military arts of the British, notwithstanding the hateful character of some individuals, is at this day beheld in India with all the astonishment of admiration; and admiration is always followed, though often with retarded steps, by the strong desire of similar improvement. Long after the fall of the Roman empire, the Roman laws were adopted by nations which ancient Rome esteemed as barbarous. And thus, in the course of ages, the British laws, according to every test of probability, will, in India, have a most important effect, will fulfil the prophecy of Camoens, and transfer to the British the

high compliment he pays to his countrymen;
 Beneath their sway majestic, wise and mild,
 Proud of her victor's laws, thrice happier India
 (smiled. "

(Idem, The Lusiad, Oxford, 1778, p.XI.)

- 51 Idem, The Lusiad, Oxford, 1776, p.IX. Na segunda edição foi retirado " a policy till of late unknown, even in idea, in Asia. "
- 52 Idem, ibidem, p.LVII. Na segunda edição, em vez de "East", o tradutor optou pela expressão " the Eastern World ".
- 53 Idem, ibidem, p.XCVII. Na segunda edição: " All was disunion, gross luxury, and audacious weakness in Portuguese Asia,". (Idem, The Lusiad, Oxford, 1778, p.CXXXV.)
- 54 Idem, The Lusiad, Oxford, 1776, pp.CV-CVI.
- 55 Note-se que An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations de A.Smith foi considerado, na altura, um best-seller; conheceu nos quinze anos seguintes cinco reedições , tendo a segunda delas aparecido nos princípios de 1778, o ano da segunda edição da tradução de Mickle. Como vemos, a intenção polemista da sua Introdução revestia-se de plena actualidade histórica.
- 56 De acordo com Hermes dos Santos, prefaciador da tradução do livro de A.Smith, Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações, editada pela fundação Calouste Gulbenkian, a condenação epigramática da Companhia das Índias Orientais aparece pela primeira vez na segunda edição desta obra no volume II, livro IV, capítulo VII, Parte III.

57 " The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Critical Review, vol. XLVI, July, 1778, p.62.

58 " The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens . By William Julius Mickle ", in The Gentleman's Magazine, vol. XLVIII, September, 1778, p.427.

59 Recorde-se, na sequência desta intensa actividade polemista que 1780 era o ano da renovação do alvará da Companhia das Índias Orientais.

A propósito do panfleto publicado por Mickle em 1779, repare-se no incisivo comentário que lhe foi tecido por um articulista de The Monthly Review, vol.LXI, September, 1779, p.232: "A Candid Examination of the Reasons for Depriving the East India Company of its Charter (...). Defends the exclusive charter of the Company, chiefly on commercial principles founded in local circumstances; but what are such principles if they operate against the common rights of humanity?

- This candid Examiner seems to combat the writers above mentioned, (and 'the Philosophers ', against whom he is particularly piqued) with more captiousness than candour; and he appears to plume himself on having convicted the excellent Adam Smith of some inconsistencies in his reasonings. But if ten thousand errors could be found in the writings of those who stand forth in the cause of truth and justice, the principles of truth, and of justice, will remain eternally the same. - Will the cold-blooded arguments of those who vindicate the Company's rapacious agents and servants restore to life the many thousands of poor Bengalians who have miserably perished through the wickedness of our European Nabobs? "

60 (Madonna) Monica Letzring, " Mickle, Boswell, Liberty, and

the 'Prospects of Liberty and of Slavery' ", in The Modern Language Review, vol. 69, nº 3, July, 1974, p.500.

61 H.T.Swedenberg, The Theory of the Epic in England 1560-1800, New York, 1972, p.193.

62 Em relação aos aspectos didáctico-morais, de entre as várias reduções ou omissões de estrofes que se registam, remeteremos o leitor apenas para os exemplos mais importantes que a seguir referimos. Por uma questão de ordem prática, assinalamos as reduções com um asterisco e as omissões com dois.

C.IV, est. 43-44,51. *

C.V, est. 80, 92-100. *

C.VI, est. 96, 98-99. *

C.VII, est. 82-87. *

C.VIII, est. 55, 66. **

C.IX, est. 27, 29, 92-95. *

C.X, est. 23-24, 45, 145-146 *; 147-148 **; 149-150 *;
151-154 **; 155 *.

63 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.338, (n.).

64 A França foi a grande mentora intelectual das literaturas neo-clássicas europeias. As obras de Boileau, Art Poétique (1674), de Le Bossu, Traité du Poème Épique (1675), e de Rapin, Réflexions sur la Poétique (1684) tornaram-se autênticos guias de crítica literária, cuja influência se faz intensamente sentir em Inglaterra a partir do início do último quartel do século XVIII, por intermédio da acção de homens como, por exemplo, William Soame e John Dryden, que traduziram Boileau, The Art of Poetry (1683), e de W.J., que traduziu igualmente Le Bossu, Monsieur Bossu's Treatise of the Epick Poem (1695).

Mickle, no comentário sobre Os Lusíadas, que apareceu na segunda edição sob o título de "Dissertation on the

Lusiad, and Observations upon upon Epic Poetry ", refere, tal como a maior parte dos críticos ingleses, Boileau e Le Bossu como um meio de fundamentar os seus comentários sobre o género épico.

65 H.T.Swedenberg, op. cit., pp.339-340.

66 Tal como um dos seus biógrafos, R.Anderson, faz notar em The Poets of Great Britain, vol. XI, London, 1794, p.635: " Religion appears to have been a leading feature in his [Mickle's] mind;".

Enquanto cristão convicto, o seu zelo religioso começou por manifestar-se em comentários que teceu a History of the Man after God's own Heart, da autoria de Annet. Não se sabe, contudo, se este comentário foi publicado sob a forma de panfleto ou num dos periódicos da época. A este propósito, Sister M.E.Taylor remete-nos para um artigo de The Critical Review, vol. XI, March, 1761, pp.251-253, que poderá ser o de Mickle, dado o tom indignado com que critica a obra supracitada.

Posteriormente, em 1769, publica " A Vindication of the Divinity of Jesus Christ ", in A Letter to Dr.Harwood e, no ano seguinte, Voltaire in the Shades, or Dialogues in the Deistical Controversy. Esta obra, como o próprio título indica, constitui um ataque contra as novas teorias religiosas e filosóficas dos deístas, os chamados "livres-pensadores", partidários da religião natural, isto é, da que se limita apenas a ensinar as verdades que a razão pode demonstrar ou, pelo menos, compreender:

" The confidence of philosophical superiority which the infidel writers assume, leaves a strong impression on young minds. Conscious of this impression, but unwilling to build his belief on any other foundation than the result of his own enquiries, the Author of the following pages, at an early time of life, resolved on a careful perusal and a candid examination of the arguments of those

modern philosophers who arrogate to themselves the honourable title of Free-thinkers." (W.J.Mickle, Voltaire in the Shades, or Dialogues in the Deistical Controversy, London, 1770, pp.III-IV.)

Após a morte de David Hume, um dos seus principais adversários no campo religioso, Mickle planeia escrever um poema intitulado, The Cave of Deism. Eis como ele expõe o seu novo projecto literário numa carta dirigida a Lord Lyttelton: " ' Though I am ashamed, my Lord, to tax your patience any longer, I would fain to take this opportunity to mention the plan of a poem which I have long had some thoughts of, though I have not written one line of it, nor know when I shall. The subject of it, if not the title, to be, ' The Cave of Deism '. Mr. Hume has asserted, that Mahometanism has been more salutary to the world than Christianity. And through all his works there runs a most disingenuous manner of blending Revelation with the sopperies and sinister inventions of men; and in a variety of such ludicrous dresses, he would expose Christianity to the contempt of his reader. (...) Such a conduct, with his shameless assertion, that Polytheism was the first religion of mankind; his malevolence at the Reformation; the nonsense he writes about miracles; together with such like sentiments from other infidel writers, would furnish out a part and a character for the Keeper or Genius of the cave.' " (J.Sim, The Poetical Works of William Julius Mickle, London, 1806, pp.XLIII-XLIV.)

67 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, pp.266-297, * (pp.296-297), (n.).

Na segunda edição volta-se naturalmente a detectar os mesmos preconceitos em relação à filosofia religiosa dos Hindus, ainda que expressos de forma diferente, dada a alteração a que esta nota foi sujeita. Mickle, no final do ensaio " Enquiry into the Religious Tenets, and Philosophy of the Brahmins " tece as seguintes conclusões:

" And thus, from the concurrent testimony of all former travellers, (...), we have displayed the wild, capricious, and gross spirit of the Gentoo theology; (...); the impiety and puerility of their metaphysics; their ignorance of natural philosophy; the immorality of their penances and idolatry; (...); and, (...), the absurdity of those who have maintained that these writings (...) are of superior antiquity to the records of any other nation. " (Idem, The Lusiad, Oxford, 1778, p.331.)

68 Idem, The Lusiad, Oxford, 1776, pp.277,279, (n.).

69 O conceito de Pré-Romantismo, segundo V.M. de Aguiar e Silva, surge nas primeiras décadas do século XX, tendo sido defendido nomeadamente por um historiador literário francês, Paul van Tiegham, em Le Prérromantisme (4 vols., 1924,1930,1947 e 1960).

O período pré-romântico inglês situa-se normalmente, de acordo com o que nos diz Fernando de Mello Moser, entre 1744, data da morte de Alexander Pope e 1798, data da publicação de Lyrical Ballads da co-autoria de W. Wordsworth e S.T.Coleridge.

70 J.W.H.Atkins, English Literary Criticism. 17th and 18th Centuries, London, 1959, p.212.

71 H.A.Beers, op. cit., p.222.

72 P. van Tiegham, Le Mouvement Romantique, Paris, 1923, p.29.

73 Vd. W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, pp.XX-XXI.

74 Vd. o ensaio de L.P.Smith, " Four Words: Romantic, Originality, Creative, Genius ", in Tracts, vol.II, Oxford, 1924.

75 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, pp.88-89, (n.).

76 Vd. idem, ibidem, pp.CXXI-CXLII, ou, na segunda edição, o ensaio "Dissertation on the Lusiad, and Observations upon Epic Poetry " que consiste, em grande parte, na defesa de Camões das acusações do mencionado filósofo francês. Em An Essay upon the Civil Wars of France, Exctracted from Curious Manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European Nations from Homer to Milton, Voltaire inclui alguns comentários elogiosos da epopeia camoniana, a par de críticas referentes, entre outros aspectos, à falta de unidade de Os Lusíadas e à mistura pouco feliz do maravilhoso pagão com o maravilhoso cristão.

Segundo a tradição, Voltaire teria redigido este comentário apressadamente, quando um amigo, o coronel Martin Bladen, que visitara Portugal e nutria uma certa simpatia pelos Portugueses, lhe emprestou um exemplar da tradução de Sir R.Fanshawe que este apenas manuseara. Alguns anos depois, na edição francesa de 1733, após ter lido o poema de Camões na tradução de Hermilly e La Harpe, Voltairẽ corrige algumas das suas afirmações mais imprecisas. (Vd. F.Walter, op. cit., pp.23-24, 37.) Contudo, Mickle refere-se ao ensaio original publicado em Inglaterra. De acordo com o que nos diz S.G.West, em " A Projecção de 'Os Lusíadas' através das Traduções Inglesas", in Bracara Augusta, vols.XXV-XXVI, fascs.59-62, (71-74), anos de 1971-1972, Braga, 1973, p.17, a descoberta de Mickle das críticas de Voltaire até então incontestadas tornou-se um dos motivos de conversa à mesa dos repastos literários. Com efeito, Thomas Moore comenta este assunto com Madame de Genlis aquando de um jantar em casa de Lord Bristol, no dia 30 de Dezembro de 1821: " 30 th. Dined at Lord Bristol's to meet Madame de Genlis: a large party, Charlemonts, Templetons, Granards, & sat next Madame de Genlis; much conversation with her; some

things she told of the 'olden time' rather interesting. Upon my mentioning Mickle's detection of Voltaire's criticisms on the 'Lusiad', she told a similar thing of some criticisms of Marmontel upon the same poem, which she traced in the same manner to an old French translation." (Lord John Russel (ed.), Memoirs, Journal, and Correspondence of Thomas Moore, vol.III, London, 1853-1856, p.304.)

77 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.CXXXV.

78 Idem ,ibidem, p.CXXXVI.

79 No que diz respeito aos princípios morais de Mickle, repare-se também na relevância que é dada ao carácter justiceiro de D. Pedro. A estrofe 137 do canto III deu aso, na pena de Mickle, a dezoito versos, donde ressalta o seu apreço por aquele que foi repressor de crimes e adultérios.

Em suma, a sua admiração por esta figura histórica, devido à nobreza e virtudes do seu carácter (vd. igualmente a nota de rodapé das pp.139-140 de The Lusiad da edição que foi utilizada, bem como a p.483, em que Mickle decide algures fazer uma referência ao comportamento exemplar desse rei português) acaba por indicar a adesão do tradutor ao seu código de valores morais. . Aliás, isto vem de certa forma ao encontro daquilo que um dos seus biógrafos nos diz: " He was (...) indignant only against vice, irreligion or meanness,". (R.Anderson, op. cit., p.635.)

Talvez, por isso, quando na estrofe 122 do canto X Camões se refere aos monstros que povoam o reino de Arracão, Mickle omite tanto a referência ao ajuntamento de uma mulher e de um cão (dizendo apenas que esses seres eram filhos de cães), como a alusão ao artifício inventado pela rainha para pôr cobro a esse vício, ou seja, o uso de guizos nos órgãos sexuais. Note-se a forma como o tradutor

termina esta estrofe, cujos versos não correspondem em nada ao original: " Yet still their fury Nature's God arraign'd. / Ah, mark the thunders rolling o'er the sky! / Yes, bathed in gore shall rank pollution lie." (p.464) Na invenção deste castigo divino, entrevê-se, decerto, a sua própria condenação de tais aberrações sexuais.

80 (Madonna) Monica Letzring, " The Adamastor Episode and Eighteenth Century Aesthetic Theory of the Sublime in England ", in Actas da I Reunião Internacional de Camonistas (1972), Lisboa, 1973, p.25.

81 Voltaire (François Marie Arouet), An Essay upon the Civil Wars of France, Extracted from Curious Manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European Nations from Homer down to Milton, London, 1727, p.73.

82 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.CXLVI.

83 Idem, ibidem, p.206, (n.).

84 " The Lusiad; or the Discovery of India: an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Monthly Review, vol. LXV, May, 1776, p.382.

85 " The Lusiad; or the Discovery of India: an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle." , in The Edinburgh Magazine, vol. V, May, 1776, p.204.

86 Dionísio Longino, Tratado do Sublime, Lisboa, 1984, p.57. Trata-se de uma tradução de Custódio José de Oliveira, devendo-se a introdução e actualização do texto a Maria Leonor Carvalhão Buescu.

87 Idem, ibidem, pp.79-80.

- 88 Idem, ibidem, p.127.
- 89 Para além das dezoito edições que a tradução de Boileau alcançou em França, algumas das quais teriam chegado até a Inglaterra, ela foi ainda traduzida para inglês em 1711-13, 1736 e 1752. A tradução de W. Smith foi reeditada quatro vezes, datando a última edição de 1770, e a de L. Welsted conheceu uma segunda edição em 1789. Estas referências bibliográficas estão de acordo com o que nos diz S.H. Monk, The Sublime: a Study of Critical Theories in XVIII-Century England, New York, 1935, pp.21-22.
- 90 J.Dennis, The Advancement and Reformation of Modern Poetry, in H.A.Needham, Taste and Criticism in the 18th Century, London, 1952, p.61.
- 91 Apud J.W.Hipple, Jr., The Beautiful, The Sublime, & the Picturesque in Eighteenth-Century British Aesthetic Theory, Carbondale, 1957, p.7.
- 92 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.206, (n.).
- 93 Apud S.H.Monk, op. cit., p.207.
- 94 Apud (Madonna) Monica Letzring, " The Adamastor Episode and Eighteenth Century Aesthetic Theory of the Sublime in England ", in Actas da I Reunião Internacional de Camonistas (1972), Lisboa, 1973, pp.15-16.
- 95 J.Addison, The Spectator, n° 412, in H.A.Needham, op. cit., p.98.
- 96 Acerca deste assunto diz-nos S.Monk o seguinte: "The great popularity of the poem [The Pleasures of Imagination] is familiar to all students of the century; it was read by everyone who made any claim to taste, and wherever it went

it must have carried the contradistinction between the sublime and the beautiful, just as the modern novel has carried a vague and vulgarized Freudianism into the uttermost parts of the literary world." (S.H.Monk, op. cit., p.70)

97 Apud M.H.Nicolson, Mountain Gloom and Mountain Glory: the Development of the Aesthetics of the Infinite, New York, 1963, p.361.

98 S.H.Monk, op. cit., p.74.

99 A data da publicação desta obra de E.Burke parece ser polémica. No entanto, S.Monk é de opinião que ela teve lugar no ano de 1757.

"All of Burke's biographers name 1756 as the year in which it appeared. In Notes and Queries, CXLVIII (Jan. 31, 1925), 80, Mr. F.A.Pottle called attention to several facts which seem to indicate that the correct date is 1757. The most impressive of these facts are the failure of the contemporary periodicals to mention the book in the monthly ' catalogue of new books ' during 1756, and the appearance of all reviews of the Enquiry in 1757. (...) For further reasons for rejecting the earlier date see Helen E. Drew, The Date of Burke's Sublime and Beautiful, M.L.N., L. (January, 1935), 29-31." (S.H.Monk, ibidem, pp.85-86, n.).

100 E.Burke, Esq., A Philosophical Inquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and the Beautiful, London, 1810, pp.30, 50.

101 Não obstante a publicação desta obra do professor Hugh Blair datar dos inícios da década de oitenta, o facto é que o pensamento crítico que a perpassa começou por manifestar-se em 1760, data a partir da qual o referido

professor ocupa um cargo de docência na Universidade de Edimburgo. Daí nós termos incluído Lectures on Rhetoric and Belles-Lettres neste período cronológico.

"Though Blair spoke of 'adding to and improving ' his lectures, there is no reason to question Schmitz's judgement that ' a student who sat before Blair in 1760 heard very much the same lectures as were delivered in the class of 1783, the year of Blair's retirement and publication of the lectures.' " (W.J.Hipple, Jr., op. cit., p. 122.)

102 A autenticidade desta obra foi um problema que na altura se pôs com uma certa agudeza e impacto na opinião pública. A atribuição da autoria destes poemas a um pretense bardo escocês não teria sido mais do que um artifício para atrair o interesse do público, uma vez que os poemas de Ossian parecem ter sido, na realidade, adaptados ou inventados por J. Macpherson, a partir de velhos poemas irlandeses, transmitidos na Escócia desde os séculos VIII ou IX por via oral ou manuscrita.

103 Acerca da receptividade desta obra por parte dos literatos britânicos, vd. H.A.Beers, op. cit., pp.237-238.

104 Idem, ibidem, p. 23.

105 Apud K.Revel Wilson, The Literary Travelogue, The Hague, 1973, p.8.

106 J.Addison, The Spectator, n°412, in H.A.Needham, op. cit., p.99.

107 E.Burke, Esq., op. cit., p.77.

108 " The Lusiad, or the Discovery of India; an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis De

Camoens. By William Julius Mickle.", in The Edinburgh Magazine, vol. V, May, 1776, p.205.

109 H.Homes {Lord Kames}, Elements of Criticism, vol.I, Edinburgh/ London, 1774, p.238.

110 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.207, (n.).

111 " The Lusiad, or the Discovery of India; an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Edinburgh Magazine, vol.V, May, 1776, p.204.

É de notar a imprecisão do articulista quando diz que Camões chamou ao Adamastor " o Espírito do Cabo ", o que não é verdade, pois quem o apelidou de " the Spirit of the Cape " foi Mickle.

112 M.Letzring pensa, no entanto, que a divisão do episódio não obteve um êxito completo, dado que as alusões presentes na primeira parte à angústia e ao orgulho do Adamastor - que não são omitidas por Mickle - apenas encontram uma resposta na segunda parte do episódio, tornando-as, assim, indissociavelmente ligadas. Vd. (Madonna) Monica Letzring, " The Adamastor Episode and Eighteenth Century Aesthetic Theory of the Sublime in England ", in Actas da I Reunião Internacional de Camonistas (1972), Lisboa, 1973, pp.24-25.

113 Robert Southey, " Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens. By John Adamson, F.S.A.", in The Quarterly Review, vol.XXVII, April, 1822, p.25.

114 "It was in fact the tremendous achievement of Shakespeare, his ' originality ', his miraculous power of ' creating ' supernatural beings, as well as his unprecedented and untutored genius, as they conceived it, which did more

than anything else to desintegrate the neo-classical theory of poetry, and replace it by the notions which are expressed in the terms which are the subject of this paper." (L.P.Smith, " Four Words: Romantic, Originality, Creative, Genius ", in op. cit., p.25.)

- 115 H.Blair, Lectures on Rhetoric and Belles-Lettres, vol. II, London, 1783, p. 465.
- 116 " The Lusiad; or, the Discovery of India: an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.", in The Monthly Review, vol. LIV, May, 1776, p. 369.
- 117 Vd. " Remarks on the Subjects of Epic Poems " , in The Gentleman's Magazine, vol. LXXXIX, August, 1819, pp.35-36.
- 118 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p. 207, (n.).
- 119 Neste domínio há a destacar a obra do bispo de Londres, Robert Lowth, De Sacra Poesi Hebraeorum (1753), que depressa atingiu uma grande projecção a nível europeu, tendo sido traduzida para inglês por G.Gregory em 1787 sob o título de Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews. A superioridade e sublimidade inegaláveis da poesia hebraica devem-se, no seu entender, a uma qualidade que define como: " ' that force ... which strikes and overpowers the mind, ... excites the passions, and ... expresses ideas with perspicuity and elevation, ... whether the language be plain or ornamented, refined or familiar' ". (Apud J.W.H.Atkins, op. cit., p.191.)
- 120 Cf. o que nos diz Mickle numa nota de rodapé em The Lusiad, Oxford, 1776, p. 207, com o comentário de E.Burke, op. cit., pp.55-56.
- 121 E.Burke, Esq., ibidem, p.58.

122 A este propósito atente-se num passo de um ensaio de J.Addison publicado em The Spectator, nº 489:

" ' Of all objects that I have ever seen, there is none which affects my imagination so much as the sea or ocean. I cannot see the heavings of this prodigious bulk of waters, even in a calm, without a very pleasing astonishment; but when it is worked up in a tempest, so that the horizon on every side is nothing but foaming billows and floating mountains, it is impossible to describe the agreeable horror that arises from such a prospect. A troubled ocean, to a man who sails upon it, is, I think, the biggest object that he can see in motion, and consequently gives the imagination one of the highest kinds of pleasure that can arise from greatness ... Such an object naturally raises in my thoughts the idea of an Almighty Being, and convinces me of his existence as much as a metaphysical demonstration. ' " (Apud M. H.Nicolson, op. cit., p.XII.)

Vários foram os poetas que concordaram com a opinião de Addison, de entre os quais se destaca James Thomson em Seasons pela forma como descreveu o mar intempestivo, assim como a irrupção de outras forças grandiosas e destructivas da Natureza.

123 J.Addison, The Spectator, nº 416, in H.A. Needham, op.cit. p.103.

124 E.Burke, Esq., op. cit., p.79.

125 A este respeito vd. o livro de T.D.Kendrick, The Lisbon Earthquake, London, 1956.

126 Recorde-se que Mickle, aquando da sua visita a Portugal (1779-1780), teve ainda a oportunidade de admirar com os seus próprios olhos vários dos vestígios dessa catástrofe que assolara Lisboa há quatro anos atrás.

- 127 Vd. H.T.Swedenberg, op. cit., p.64.
- 128 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.421, (n.).
- 129 Para além dos exemplos dados, atente-se ainda na tradução dos seguintes passos:
- c.IV,est.19,v.1-2 ___ p.155 * (p.153)
- c.IV,est.20,v.5-6 ___ pp.155-156 * (pp.153-154)
- c.IV,est.58,v.1-2 ___ p.172
- c.IV,est.83,v.1-4 ___ p.179
- c.VIII,est.16,v.1-2 _ p.325
- c.X,est.26,v.3-4 ___ p.425
- 130 Apud H.T.Swedenberg, op. cit., p.86, (n.).
- 131 Deste episódio apenas destacámos como exemplos a primeira e a última das estrofes que delimitam a descrição topográfica da Ilha dos Amores, uma vez que elas são por si só sobejamente ilustrativas do tipo de alterações aqui introduzidas. Vd. ainda, no entanto, o modo como Mickle traduz as estrofes 55 e 57 do episódio em questão.
- 132 W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.388, (n.).
- 133 Apud W.J.Hipple, Jr., op. cit., p.211.
- 134 Apud idem, ibidem, p.190.
- 135 Apud idem, ibidem, p.190.
- 136 J.Addison, The Spectator, n ° 412,in H.A.Needham, op. cit., p.99.

V - CONCLUSÃO

O êxito da tradução de Mickle dependeu, como demonstrámos, da sua perícia em saber adequar o texto camoniano à nova conjectura histórico-política e cultural que se destinava a acolhê-lo. Daí que, ao longo do processo de transferência inter-linguística, o tradutor não pudesse calar a sua voz. Personalidade algo antitética, que não quis ou não se importou em limar as suas profundas incongruências - pois, por um lado, se arvorou como denunciador da tacanhez do mundo medieval para enaltêcer os avanços introduzidos pelo espírito mercantil e, por outro, como admirador nostálgico do código de valores vigente nesse mesmo mundo - Mickle soube, no entanto, manter o fervor épico, transferir anseios, apelos, sentimentos, e assim conseguiu preservar o efeito emotivo e intelectual que uma obra poderá despertar eventualmente no leitor.

O tradutor que se auto-define simultaneamente como poeta, o mesmo é dizer, em certa medida, como criador, ainda que , em virtude das circunstâncias peculiares subjacentes ao acto de traduzir, tenhamos que relativizar essa intenção, ergue-se como um intérprete privilegiado, apto a subjectivizar (de forma criativa) o potencial semântico presente em uma dada obra, neste caso concreto, em Os Lusíadas, e a actualizá-lo em função de determinadas directrizes prescritas pelo tempo e pelas suas próprias idiossincracias.

É no sucesso da sua tradução, ou melhor, no seu saber, que radicam muitas das infidelidades de que tem sido acusado, que figuram como um índice da sua autonomia como tradutor. Mas é

precisamente a esta autonomia, que, a avaliarmos com rigor, não passa de uma meta-autonomia, dado o seu discurso não ser inteiramente independente e criativo, encontrando-se, antes pelo contrário, condicionado e limitado pelo texto original, a matriz única, geradora das várias traduções dadas entretanto a lume, que se deve a divulgação de Camões em Inglaterra.

Neste sentido, a tradução enquanto forma de discurso metaliterário faz parte do próprio mecanismo de regeneração e enriquecimento do texto original, ao descobrir nele sentidos potenciais, passíveis de serem frisados, extrapolados ou modificados, como verificámos, por exemplo, em relação à ênfase dada à temática do comércio e respectivos subtemas, à importância conferida ao tema da religião, ao sublime e ao pitoresco, entre outros aspectos.

Por seu turno, Almada Hill - uma espécie de continuum da tradução - recupera e completa algumas das actualizações de sentido presentes em The Lusiad, e, deste modo, a sua análise torna-se duplamente útil, porquanto põe a descoberto algumas das facetas, isto é, das potencialidades significativas do poema camoniano que decerto começaram por despertar a atenção de Mickle. Sintetizando, dir-se-ia que Almada Hill constituiu grosso modo uma espécie de epílogo saudosista do espírito de rectidão moral e de arrojo aventureiro que define a nobreza dos heróis lusitanos patenteada em diversas ocasiões da nossa história. No entanto, os momentos protagonizados pela valentia de Viriato, pelo fervor bélico e religioso dos cruzados ou pela ousadia destemida dos descobridores de quinhentos

alternam com períodos menos felizes, períodos de declínio como o desmoronamento do império português no Oriente ou a perda de independência do reino. Vemo-nos, portanto, confrontados com situações históricas de certo modo já previstas por Camões. Por isso também aqui a intenção suplementar deste poema se cumpre, tanto mais que acaba com o anunciar do eclodir de um novo período áureo para Portugal, estabelecendo, assim, um elo de continuidade com o nosso passado glorioso cantado em Os Lusíadas.

Como consequência, Almada Hill, visto no âmbito das relações culturais anglo-lusas, acaba por constituir um documento literário digno de nota, dado que, além do mais, põe em relevo o espírito de inter-ajuda existente entre os dois países: por um lado, a ajuda dos cruzados ingleses a D.Afonso Henriques e, por outro, o eventual contributo didáctico de Portugal para o desenrolar dos acontecimentos em Inglaterra.

Contudo, em termos de importância e impacto, Almada Hill não é sequer comparável a The Lusiad. Um articulista de The Edinburgh Magazine é de opinião que Camões deve ao tradutor escocês o facto de o ter libertado dos condicionalismos geográficos impostos pelo país onde nascera:

" Luis de Camoens owes it to the translator, that his work is not confined to a nation which ranks among the lowest in the scale of Europe, in power, language, and the character of its inhabitants; " (1)

Carlos Estorninho é ainda mais peremptório ao afirmar que

coube a Mickle o mérito de iniciar " o culto de Camões em Inglaterra " (2), posteriormente consubstanciado por Lord Strangford e John Adamson, para já não falar de Sir Richard Burton, mais tardio.

Com efeito, o interesse dos seus concidadãos por Camões, pela sua obra em particular e, indirectamente, pela literatura portuguesa aumentou de forma considerável.

William Hayley, em An Essay on Epic Poetry, in Five Epistles to the Revd. Mr. Mason, with Notes (1782), alude a Os Lusíadas em termos verdadeiramente encomiásticos, considerando esta obra tal como o tradutor escocês o fizera anteriormente, o poema épico do Comércio:

" Tho' fiercest tribes her galling fetters drag,
 Proud Spain must strike to Lusitania's flag,
 Whose ampler folds, in conscious triumph spread,
 Wave o'er her Naval Poet's laureate head.
 Ye Nymphs of Tagus, (...)
 From every land let grateful Commerce shower
 Her tribute to the Bard who sung her power;
 (...)
 Immortal Bard, thy name with Gama vies,
 Thou, like thy Hero, with propitious skies
 The sail of bold adventure hast unfurl'd,
 And in the Epic ocean found a world." (3)

Hayley, motivado pela sugestão de Mickle de que Camões não fora o único épico português, demonstrou-se empenhado em aprofundar os seus conhecimentos sobre esta matéria, como o seguinte passo nos dá conta, embora não cante no ensaio acima

citado outros poetas portugueses que cultivaram o mesmo género por os ter achado certamente inferiores ao mestre quinhentista:

" Portugal has produced no less than fourteen Epic poems; twelve in her own language, and two in that of Spain. At the head of these stands the *Lusiad* of Camoens. The *Malaca Conquistada* of Francisco de Sa' de Menesis - and the *Ulyssea*, or *Lisboa Edificada*, of Gabriel Pereira de Castro, are two of the most eminent among its successors. - For a list of the Portuguese Epic Poets, and for an elegant copy of the *Malaca Conquistada*, I am indebted to the very liberal politeness of the Chevalier de Pinto, the Ambassador of Portugal." (4)

Além de Hayley , é também devido a Mickle que Robert Southey entra em contacto, pela primeira vez, com a literatura portuguesa (ainda que por via indirecta, visto se tratar de uma tradução) à qual acaba por dedicar grande parte da sua vida, muito embora Camões nunca lhe tenha suscitado grande admiração, como se depreende dos comentários elogiosos que tece sobre a tradução de Mickle.

As repercussões de The Lusiad, nomeadamente no que respeita ao cultivo do género épico, fazem-se ainda sentir em Walter Scott. que ficou de tal modo entusiasmado ao ler a tradução do seu conterrâneo, que escreveu um poema à maneira de Os Lusíadas sobre o cerco de Granada, intitulado The Conquest of Granada, que, no entanto, acabou por ser destruído.

The Spirit of Discovery; or, the Conquest of the Ocean do poeta William Lisle Bowles é talvez, no dizer de S. George West, o último poema épico de certa extensão a evocar algumas reminiscências do poema de Mickle, na alusão a "The giant Phantom of the stormy Cape" ou na descrição das "Savage Tribes, Enlightened by Means of Intercourse by Sea,". (5)

Porém, Hayley não se ficou pela obra épica de Camões. Ele dá um importante passo em frente ao revelar a sua faceta lírica e ao apresentar ao público a tradução de três dos seus sonetos.(6)

" 'T was thine to blend the Eagle and the Dove,
At once the Bard of Glory and of Love:
Thy thankless Country heard thy varying lyre
To PETRARCH's Softness melt, and swell to Homer's Fire!
Boast and lament, ungrateful land, a Name,
In life, in death, thy honour and thy shame. " (7)

Lord Strangford, que, como referimos na introdução, foi verdadeiramente o primeiro tradutor da lírica camoniana, desenvolve o raciocínio de Hayley relativo ao destino trágico de Camões , indo colher em Mickle a imagem romântica do nosso Poeta nacional: um Camões genial, amante infeliz e escorraçado pela sociedade.

" The late ingenious Translator of the Lusiad has pourtrayed the character, and narrated the misfortunes of our poet, in a manner more honourable to his feelings as a man, than to his accuracy in point of biographical detail. " (8)

A sensibilidade de Mickle em relação a este aspecto, presente no estudo biográfico sobre Camões, que perpassa subrepticamente em alguns passos de The Lusiad (9), indo culminar com o soneto " On Passing the Bridge of Alcantara near Lisbon " (10), leva-o também a ser pioneiro neste campo, chamando, assim, a atenção para a existência de um tema passível de exaltação romântica.

De resto, se atendermos à distribuição das reedições de The Lusiad, verificamos que o seu período áureo se prolongou até à primeira década do século XIX, o que teria levado Félix Walter a afirmar que " tous les premiers poètes romantiques semblent avoir lu les Lusiades de Mickle à un moment donné." (11)

Entre esses poetas encontra-se John Keats, em cujos poemas, " The Eve of St. Agnes ", " Ode to a Nightingale " e " I Stood Tip-toe upon a Little Hill ", se vislumbram, no entender de Willis Pratt (12), reminiscências, ainda que apreendidas inconscientemente, da luxuriosa descrição da Ilha dos Amores, presente em The Lusiad. Todavia, as similitudes pontuais, que foram apontadas, carecem de uma evidência mais sólida que justifique, a nosso ver, os argumentos apresentados pelo supracitado crítico.

Porém, parece não subsistirem dúvidas de que esta geração de poetas encontrou em Mickle, para citar S.George West, " the same sense of the immensity of the universe, the same delight in natural phenomena." (13)

A partir desta altura verificou-se uma diminuição da popularidade do poema de Mickle, embora o aparecimento de um

romance, em 1836, sobre a Índia Portuguesa já em fase de declínio, The Mascarenhas, a Legend of the Portuguese in India (14), surja como uma consequência efectiva da tradução do poeta escocês.

A abordagem crítica da obra camoniana iniciada por Mickle também conheceu um tratamento subsequente por parte de alguns eruditos, de entre os quais se destaca o professor Hugh Blair (15), dado o carácter extremamente sintético dos outros comentários.

Contudo, está-se em crer que a repercussão da tradução de Mickle ultrapassou o domínio literário e académico, para se vir a reflectir inclusivamente na mudança de atitude do olhar dos viajantes ingleses que, por essa altura, visitavam o nosso país. A atenção dedicada por Richard Cumberland (16), Sir John Talbot Dillon (17) e James Cavanah Murphy (18) a questões literárias e culturais figuram como um índice desse ponto de viragem. Segundo nos diz Félix Walter, por volta do último quartel do século XVIII, na sequência da política pombalina e do clima de terror fomentado por Pina Manique, não havia nada à partida que justificasse o despontar de uma certa simpatia ou compreensão para com Portugal ou os Portugueses, a não ser talvez a influência benéfica da tradução de Mickle:

" Le Portugal étouffait. Le tableau n'est pas très séduisant, et portant, à partir de 1780, les voyageurs anglais semblent planer au-dessus de toutes ces laideurs, et ne se montrent pas très durs pour les Portugais. Faut-il attribuer cette

indulgence à une influence indirecte de la traduction de Mickle? En partie, peut-être, cars ils voyagent tous les Lusiades à la main et ils sont pour eux une espèce de bible du lusophile."

(19)

Até mesmo em Portugal os reflexos da sua tradução se fizeram sentir, como nos demonstra a segunda edição de Tomás José de Aquino das Obras de Luis de Camões, Principe dos Poetas de Hespanha, que data de 1782. O seu prefácio, apesar de conter algumas críticas polidas a Mickle e a referência a alguns dos desvios, detectados pelo Rev. Michael Daly, do Colégio dos Missionários Irlandeses de Lisboa, constitui uma verdadeira homenagem ao poeta escocês por ter decidido incluir o seu comentário sobre o poema camoniano, que volta a ser reimpresso na sua terceira edição, publicada em Paris, em 1815.

Consequentemente o Morgado de Mateus na sua edição de Os Lusíadas de 1817, publicada em Paris, é levado a afirmar que dos vários " escriptores nacionaes, e estrangeiros " que " publicaram juizos críticos sobre o Poema de Camões ", (20) os melhores são o de Manuel Severim de Faria e o de Mickle, embora confesse que nenhum lhe agradasse totalmente. Todavia, um pouco mais à frente vê-se obrigado a transcrever uma nota de Mickle " em que mostra a engenhosa arte com que o Poeta conduz a viagem atrevida de Vasco da Gama." (21), por se ver impossibilitado de encontrar palavras que expliquem melhor o assunto.

As repercussões da tradução de Mickle em Portugal foram

resumidas por um articulista de The European Magazine do seguinte modo:

" And what is a singular honour, Mr. Mickle has introduced the poet of Portugal to the acquaintance of his countrymen. Portugal is not a literary nation, and Camoens was known and read by only a few. But when it was heard in Lisbon that the works of a Portuguese poet were received with applause in London, every one was desirous to read them; and the *Lusiads*, which were sold for six-and- ninepence, immediately rose to a six-and-thirty, and were soon not to be had. Two new editions have since appeared, the preface to which mentions Mr. Mickle's translation with high encomium; and when our correspondent, about half a year ago, left Lisbon, it was in agitation among the literati to give an elegant quarto edition of their poet, adorned with sculptures in the superb manner with which the French nation honours its classics, and to which was to be added the historical introduction and notes of Mr. Mickle, translated into Portuguese; and several of the first of the nobility are at the head of the proposal." (22)

Após esta breve panorâmica histórica das repercussões da tradução de Mickle, que em muito ficou a dever aos estudiosos que antes de nós se debruçaram sobre o assunto, resta frisar que foi principalmente devido à aculturação de Os Lusíadas (23) levada a efeito pelo tradutor escocês que Camões e a sua obra se projectaram e fizeram história em Inglaterra. Nas

alegadas infidelidades de Mickle, reside, portanto, em grande parte, a génese do sucesso de Camões.

NOTAS

- 1 " The Lusiad, or the Discovery of India; an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle. ", in The Edinburgh Magazine, vol.V, May, 1776, p.201.

- 2 Trata-se do título de um artigo seu publicado in Arquivo de Bibliografia Portuguesa, nº 23-24, Coimbra, 1961, pp. 152-169.

- 3 William Hayley, An Essay on Epic Poetry; in Five Epistles to the Revd. Mr. Mason, with Notes , London, 1782, pp. 57-58.

- 4 Idem, ibidem, pp.276-277, (n.).

- 5 Vd. S. George West, " The Work of W.J.Mickle, the First Anglo-Portuguese Scholar ", in The Review of English Studies, vol.X, nº 40, October, 1934, p.396.
 William Lisle Bowles, na nota sobre "the giant Phantom of the stormy Cape", ao qual faz uma alusão logo no início do poema - "Th' indignant Phantom of the stormy Cape;" (p.3) -, recomenda a leitura desse passo de Os Lusíadas, transcrevendo de seguida a tradução de Mickle:
 "Camoens' description of the spectre that appeared to De Game off the Cape of Good-Hope, is very poetical and sublime; perhaps, however, it would have been more sublime, if the painting of the image had been somewhat less distinct. It was necessary to give a peculiar African appearance and character, but the minuteness with which it is described, takes off the real grandeur; I allude to the ' blue rows of teeth.' For the sake of those who may not have read Camoens, or seen the elegant and masterly translation, the description from Mickle is added: "
 (William Lisle Bowles, The Spirit of Discovery; or The Conquest of Ocean, Bath, 1804, p.27.)
 Em relação à descrição das " Savage Tribes, Enlightened by Means of Intercouse by Sea " vd. pp.21-23 da obra citada.

6 É de notar que destes três sonetos apenas um foi traduzido por W.Hayley:

"Of the three translations which follow, I am indebted for the two first to an ingenious friend, from whom the public may wish me to have received more extensive obligations of a similar nature. " (William Hayley, op. cit., p.273, n.).

7 Idem, ibidem, p.58.

8 Lord Viscount Strangford (Percy Clinton Sidney Smythe), Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with Remarks on His Life and Writings, London, 1803, p.2.

9 Isto vem à tona, por exemplo, na estrofe 82 do canto VII, em que o Poeta critica os engenhosos senhores que não souberam recompensá-lo:

<p>"Vede, Ninfas, que engenhosos de senhores/O vosso Tejo cria valerosos ,/Que assi sabem prezar, com tais favores,/A quem os faz, cantando, gloriosos! " (c.VII,est. 82, v.1-4)</p>	<p>"Ye gentle Nymphs of Tago's rosy bowers,/ Ah, see what letter'd Patron-Lords are yours!/ Dull as the herds that graze their flowery dales,/ To them in vain the injured Muse bewails:/ No softening care their barb'rous hands bestow,/ Though to the Muse their fairest fame they owe."</p> <p>(p.316)</p>
--	--

A comparação desses engenhosos senhores a uma manada é altamente pejorativa, assim como a expressão barb'rous hands , o que denota o seu azedume para os que maltrataram Camões. A sua sensibilidade reaparece de novo no seguinte passo:

"Outros muitos verias, que "Numerous though these, more
os pintores/Aqui também numerous warriors shine/ Th'
por certo pintariam;/Mas illustrious glory of the
faltam-lhe cores:/Honra, Lusian line./ But ah,
prémio, favor, que as forlorn, what shame to
artes criam./Culpa dos barbarous pride!/ Friendless
viciosos sucessores,/Que the master of the pencil
degeneram,/ certo, e se died;/ Immortal fame his
desviam/Do lustre e do deathless labours gave;/ Poor
valor dos seus passados,/ man, He sunk neglected to the
Em gostos e vaidades grave! " (p.338)
atolados."(c.VIII,est.39)

Os dois últimos versos transcritos , que Mickle diz reconhecer não se encontrarem no original, representam, no seu entender, " the sigh of indignation over the unworthy fate of the unhappy Camoens." (W.J.Mickle, The Lusiad, Oxford, 1776, p.338, n.).

A este propósito, veja-se ainda o seguinte exemplo:

"Mas tu me dá que cumpra, "Yet let me live, though round
ó grão Rainha/Das Musas, my silver'd head/ Misfortune's
c'o que quero à nação bitterest rage unpitying shed/
minha. " (c.X,est.9, v.7- Her coldest storms; yet let me
8) live to crown/ The song that
boasts my nation's proud
renown." (p.420)

10 O conteúdo do poema sobre Camões é o seguinte:

" Where Camoens is reported to have chosen
his station, when age and necessity compelled
him to beg his daily sustenance.

Oft as at pensive eye I pass the brook
Where Lisboa's Maro, old and suppliant, stood,
Fancy his injur'd eld and sorrows rude
Brought to my view. 'T was night: with cheerless look

Methought he bow'd the head in languid mood,
 As pale with penury in darkling nook
 Forlorn he watch'd. Sudden the skies partook
 A mantling blaze, and warlike forms intrude.
 Here Gama's semblance braves the boiling main,
 And Lusitania's warriors hurl the spear;
 But whence that flood of light that bids them rear
 Their lofty brows? From the neglected strain,
 Camoens, unseen by vulgar eye it flows;
 That glorious blaze, to thee, thy thankless country owes."

(W.J.Mickle, " On Passing the Bridge of Alcantara, near Lisbon ", in A.Chalmers (ed.), Works of the English Poets, vol.XVII, London, 1810, p.540.)

- 11 Félix Walter, La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique, Paris, 1927, p.45.
- 12 Vd. Willis W. Pratt, " A Note on Keats and Camoens ", in Notes and Queries, vol.CXCVI, January, 1951, p.253.
- 13 S.George West, " The Work of W.J.Mickle, the First Anglo-Portuguese Scholar ", in The Review of English Studies, vol.X, nº 40, October, 1934, p.397.
- 14 Esta obra, conhecida como sendo da autora de The Prediction, é afinal de Mrs. T.F. Steward.
- 15 Vd. Hugh Blair, Lectures on Rhetoric and Belles Lettres, vol.II, London/ Edinburgh, 1783, pp.462-465.
- 16 Vd. Richard Cumberland, Memoirs, London, 1806, p.314 e seguintes.
- 17 O Barão Sir John Talbot Dillon mandou cunhar, em 1782, a primeira medalha em honra de Camões, cujo autor foi John

Young. Houve uma tiragem em bronze e outra em prata, tendo sido copiada e reproduzida em Portugal no curto período de três anos.

- 18 Vd. James C. Murphy, Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the Years 1789 and 1790. Consisting of Observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, & C. of that Kingdom, London, 1795, pp. 7,24,64-65,77,125-128,143-144 e 166 , em que Murphy refere ou cita passos da tradução de Mickle.
- 19 Félix Walter, op. cit. , p.51.
- 20 Morgado de Mateus (D. José Maria de Souza-Botelho) (ed.),Os Lusíadas, Poema Épico de Luis de Camões, Paris, 1817, p. LXXV.
- 21 Idem, ibidem, p.C.
- 22 Apud Sister M. Eustace Taylor, William Julius Mickle (1734- 1788). A Critical Study, Washington, 1937, p.155.
- 23 A este propósito gostaríamos de chamar a atenção para um comentário presente numa das revistas do período augustano, elucidativo deste fenómeno de aculturação que se deu:
- "The Lusiad may henceforth be read in English perhaps with as much delight a in the original composition of Camoens. We have the pleasure to add, that the number of foreigners of distinction, who are subscribers to this work, afford honourable testimony of the great esteem in which both the language and literature of our country are held on the continent." (The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Camoens. By William Julius Mickle. ", in The Critical Review, vol.XLI, January, 1776, p.26.)

VI - BIBLIOGRAFIA

1. TEXTOS BASE

CAMÕES, Luís Vaz de, Os Lusíadas, Porto, Livraria Figueirinhas, Edição organizada por António José Saraiva, 1978.

MICKLE, William Julius, Almada Hill: an Epistle from Lisbon, in Poems, and a Tragedy, London, Printed by A. Paris for J.Egerton, 1794, pp.163-197.

_____, The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens, Oxford, Printed by Jackson and Lister, 1776.

_____, The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens, Oxford, Printed by Jackson and Lister, 1778.

2. OBRAS SOBRE TEORIA E CRÍTICA DA TRADUÇÃO

ADRAGÃO, José Victor, "A Autonomia do Tradutor", in ICALP, n° 11, Lisboa, Março, 1988, pp.24-33.

BARRENTO, João, "Tradições da Tradução. Paulo Quintela: uma 'Escola'?", in ICALP, n° 11, Lisboa, Março, 1988, pp.48-59.

BASSNETT-MCGUIRE, Susan, Translation Studies, London/New York, Methuen and Co., 1985.

BROWER, Reuben (ed.), On Translation, Cambridge/Massachussets, Harvard University Press, 1959.

COHEN, J.M., English Translators and Translations, London, Longmans, Green & Co., 1962.

- COWL, R.P., The Theory of the Poetry in England, London, Macmillan and Co. Limited, 1914.
- DELILLE, Karl H. et. al., Problemas da Tradução Literária, Coimbra, Livraria Almedina, 1986.
- DRAPER, John W., " The Theory of Translation in the Eighteenth Century ", in Neophilologus, vol.2,n° 4 1921, pp.241-254.
- DRYDEN, John, Ovid's Epistles, London, Printed for Jacob Tonson, 1680.
- D.Z., " An Essay on Translation ", in The Gentleman's Magazine, vol. XLI, August, 1771, pp.349-352.
- FLOR, João Almeida , " Traduzir - Algumas Linhas para Reflexão ", in ICALP, n° 11, Lisboa, Março, 1988, pp.16-23.
- HOLMES, James S. et. al. (ed.), The Nature of Translation, Mouton/The Hague/Paris, Publishing House of the Slovak Academy of Sciences, 1970.
- JOHNSON, Samuel, The Rambler and the Idler, n° 68-69, London/Edinburgh, William P.Nimmo, 1876.
- KELLY, Louis, The True Interpreter, Oxford, Basil Blackwell, 1979.
- LEFEVERE, André, Translating Poetry: Seven Stratagies and a Blue Print, Assen/Amsterdam, Koninklijke van Gorcum & Comp. B.V., 1975.
- MESCHONNIC, Henri, " Poétique de la Traduction ", in Pour la Poétique II, Paris, Éditions Gallimard, 1973, pp.305-454.

- MOLDER, Maria Filomena, " A Propósito de uma Tradução ", in ICALP, nº 11, Lisboa, Março, 1988, pp. 39-47.
- MOUNIN, Georges, Les Belles Infidèles, Paris, Cahiers du Sud, 1955.
- _____, Os Problemas Teóricos da Tradução, São Paulo, Editora Cultrix, s.d.
- NAMORA, Fernando, " Uma Escrita ... Várias Vozes ", in ICALP, nº 11, Lisboa, Março, 1988, pp.11-15.
- POSTGATE, J. P., Translation and Translations, London, G. Bell and Sons Limited, 1922.
- SCHAFFER, E. S., " Translation as Metamorphosis and Cultural Transmission ", in Comparative Criticism, s.l., Edited by E. S. Schaffer - C. U. P., 1984.
- SMITH, Seymour, The Classics in Translation, New York, Burt Franklin, 1968.
- STEINER, George, After Babel, London/ New York/Toronto, Oxford University Press, 1975.
- STEINER, T. R., English Translation Theory, 1650-1800, Assen/Amsterdam, Koninklijke van Gorcum & Com. B. V., 1975.
- TYTLER, Alexander Fraser (Lord Woodhouselee), Essay on the Principles of Translation, Edinburgh, A. Constable & Co., 1813.
Edição recente: Essay on [...], New edition with an introductory article by Jeffrey F. Huntsman, Amsterdam, John Benjamins B.V., 1978.

3. OBRAS COM REFERÊNCIA A MICKLE E À CULTURA DO SEU TEMPO

- ADAMSON, John, Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens, vol. II, London, Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1820.
- ANDERSON, Robert (ed.), The Poets of Great Britain, vol. XI, Edinburgh/ London, Printed for John & Arthur Arch; and for Bell & Bradfute, and J. Mundell & Co., 1794.
- AQUINO, Tomás José de (ed.), Obras de Luis de Camões, Principe dos Poetas de Hespanha, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo, 1782-1783.
- ASHTON, T. S., An Economic History of England. The 18th Century, London, Methuen & Co. LTD., 1977.
- ATKINS, J. W. H., English Literary Criticism. 17th and 18th Centuries, London, Methuen & Co. LTD., 1959.
- ATKINSON, William C., British Contributions to Portuguese and Brazilian Studies, London, Printed by the British Council, 1974.
- BEERS, Henry A., A History of English Romanticism in the Eighteenth Century, New York, Dover Publications, Inc., 1968.
- BLAIR, Hugh, Lectures on Rhetoric and Belles Lettres, vol. II, London/Edinburgh, Printed for W. Straham, T. Cadell and W. Creech, 1783.
- BOSWELL, James, Boswell's Life of Johnson, vol. II, London, Oxford Edition, 1904.
- BRAGA, Teófilo, " As Traducções Inglezas dos Lusiadas ",

- in Questões de Litteratura e Arte Portugueza, Lisboa, Editor A. J. P. Lopes, 1822, pp. 259-265.
- BURKE, Edmund, Esq., A Philosophical Inquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful, London, Tegg's Miniature Edition, Printed for T. Tegg, 1810.
- BURTON, Sir Richard Francis, Camoens: His Life and His Lusiads, vol. I, London, Bernard Quaritch, 1881.
- BUSH, Douglas, Mythology and the Romantic Tradition in English Poetry, New York, Pageant Book Company, 1957.
- BUTLER, Marilyn, Romantics, Rebels and Reactionaries. English Literature and its Background 1760-1830, Oxford/ New York/ Toronto/ Melbourne, Oxford University Press, 1981.
- CAETANO, José António Palma, Mickle, Tradutor D' "Os Lusíadas", Dissertação de Licenciatura em Filologia Germânica, Lisboa, Universidade de Lisboa-Faculdade de Letras, 1958-59.
- CARDIM, Luiz, Projecção de Camões nas Letras Inglesas, Lisboa, Editorial Inquérito Lda., 1940.
- CARY, Henry F. (ed.), Lives of English Poets, London, Henry G. Bohn, 1846.
- CHALMERS, Alexander (ed.), Works of the English Poets, vol. XVII, London, C. Wittingham, 1810.
- CHISWICK (ed.), The British Poets, vol. LXVI, London, Printed by C. Wittingham, 1822.

ESTORNINHO, Carlos, Camoniana Inglesa da Biblioteca do Instituto Britânico, Lisboa, Composto e impresso na Tip. Anuário Comercial de Portugal, 1972. (Catálogo Comemorativo do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas".)

_____, A Contribuição Inglesa para a Camoniana, Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário de "Os Lusíadas", 1972.

_____, "A Contribuição Inglesa para os Estudos Camonianos", in Panorama, nº 44, Lisboa, Dez. 1972, pp.85-95.

_____, "O Culto de Camões em Inglaterra", in Arquivo de Bibliografia Portuguesa, nº 23-24, Coimbra, 1961, pp. 5-21.

FORD, Boris (ed.), From Dryden to Johnson, vol. IV, Harmondsworth/ Middlesex, Penguin Books, 1986.

"Gigante (O) Adamastor, Tradução Inglesa de William Julius Mickle", in Luiz de Camões, exemplar especial nº 97, Macau, Ed. "Propaganda Cultural", 1936, pp.31-41.

GOSSE, Edmund, A History of Eighteenth Century Literature (1660-1780), London/New York, Macmillan and Co., 1889.

HART, George C., "Camões em Inglês", in Revista Ocidente, número especial, Lisboa, Nov. 1972, pp. 183-213.

HAYLEY, William, An Essay on Epic Poetry; in Five Epistles to the Rev'd Mr. Mason, with Notes, London, Printed for J. Dodsley, 1782.

HILL, George Birkbeck (ed.), Letters of Samuel Johnson, vol. II, Oxford, The Clarendon Press, 1784.

- HIPPLE, Walter John, Jr., The Beautiful, the Sublime, & the Picturesque in Eighteenth-Century British Aesthetic Theory, Carbondale, The Southern Illinois University Press, 1957.
- HOLMES, H. (Lord Kames), Elements of Criticism, vols. I e II, Edinburgh, Printed for A. Kincaid & W. Creech and J. Bell; and London, for W. Johnson, and T. Cadell, 1774.
- IRELAND, John, "Anecdotes of William Julius Mickle, in which Are Comprised, Several Letters from the Late Lord Lyttelton", in MICKLE, William Julius, Poems, and a Tragedy, London, Printed by A. Paris for J. Egerton, 1794, pp. V-LII.
- LEGOUIS, E. et al., Histoire de la Littérature Anglaise, Paris, Librairie Hachette, 1949.
- LETZRING, (Madonna) Monica, "The Adamastor Episode and Eighteenth Century Aesthetic Theory of the Sublime in England", in Actas da I Reunião Internacional de Camonistas (1972), Lisboa, Edição da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas", 1973, pp. 7-25.
- _____, "The Influence of Camoens in English Literature", in Revista Camoniana, vols. I-III, São Paulo, 1964, 1965 e 1971, pp. 158-180, 27-54, 57-134.
- _____, "Mickle, Boswell, Liberty, and the 'Prospects of Liberty and of Slavery'", in The Modern Language Review, vol. LXIX, n.º 3, s.l., Printed for the Modern Humanities Research Association by W.S. Maney & Son LTD., July, 1974, p. 489-500.
- _____, "Mickle Presents the Epic of Commerce", in Revista Camoniana, vol. III, 2 série, São Paulo, 1980, pp. 157-166.

MARSHALL, Dorothy, Eighteenth Century England, London, Longman Group limited, 1962.

MATHIAS, Thomas J., The Pursuits of Literature, London, Printed for T. Becket, Pall Mall, 1801.

MICKLE, William Julius, A Candid Examination of the Reasons for Depriving the East-India Company of its Charter, "contained in the History and Management of the East-India Company, from its Commencement to the Present Time. Together with Strictures on Some of the Self-Contradictions and Historical Errors of Dr. Adam Smith, in His Reasons for the Abolition of the Said Company", London, Printed for J. Bew, Pater-Noster-Row; and Cornhill, J.Sewel, 1779.

_____, " Carta Offerecendo ao Marquez de Pombal a Tradução Inglesa dos Lusíadas. Oxford, 14 Nov. 1776 ", in Inventário dos Manuscritos (Secção XIII) Collecção Pombalina, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1891.

_____, Voltaire in the Shades; or, Dialogues on the Deistical Controversy, Cambridge, Printed for G. Pearch, Cheapside, T. and J. Merril, Oxford/London, D. Prince, 1770.

MONK, Samuel Holt, The Sublime: a Study of Critical Theories in XVIII- Century England, New York, Modern Language Association of America, 1935.

"Morte (A) de Inês de Castro, Tradução Inglesa por William Julius Mickle ", in Luiz de Camões, exemplar especial n° 97, Macau, Ed. "Propaganda Cultural", 1936, pp.19-30.

- MOSER, Fernando de Mello, Luis de Camões em Inglaterra. Separata do vol. III d' Os Lusíadas: Estudos sobre a Projecção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras, Lisboa, Academia das Ciências, 1984.
- NEEDHAM, H.A., Taste and Criticism in the 18th Century, London, George G. Harrap & Co. LTD., 1952.
- NICOLSON, Marjorie Hope, Mountain Gloom and Mountain Glory: the Development of the Aesthetics of the Infinite, New York, W.W.Norton & Company Inc., 1963.
- OLIVER, Elton, A Survey of English Literature 1730-1780, vols. I e II, London, Edward Arnold & Co., 1928.
- PACHECO, Fran, The Intellectual Relations between Portugal and Great Britain, Lisboa, Comp. e Imp. na Editorial Império, LDA, 1937.
- PARKS, George B., "The Turn to the Romantic in the Travel Literature of the Eighteenth Century ", in Modern Language Quarterly, vol. XXV, 1964, pp.22-23.
- PHELPS, William Lyon, The Beginnings of the English Romantic Movement, Boston, Ginn, & Company, Publishers, 1893.
- PLUMB, J.H., England in the Eighteenth Century in the Pelican History of England, Harmondsworth, Penguin Books, 1981.
- PRATT, Willis W., " A Note on Keats and Camoens ", in Notes and Queries, vol.196, nº 12, June, 1951, pp. 253-254.
- PRICE, Sir Uvedale, On The Picturesque: with an Essay on

the Origin of Taste, and Much Original Matter,
Edinburgh, By Sir Thomas Dick Lander, Bent.,
London, Caldwell, Lloyd, and Co., K.W.S.Orr and
Co., 1842.

QUINTANILHA, F.E.G., " William Julius Mickle e a sua
Tradução de Os Lusíadas ", in Panorama, n° 44,
Lisboa, Dez. 1972, pp. 67-75.

REYNAUD, Louis, Le Romantisme, Ses Origines Anglo-
-Germaniques, Paris, Librairie Armand Colin,
1926.

REYNOLDS, Myra, The Treatment of Nature in English Poetry
between Pope and Wordsworth, New York, Gordian
Press, Inc., 1966.

RUSSEL, Lord John (ed.), Memoirs, Journal, and
Correspondence of Thomas Moore, vol.III, London,
Longman, Brown, Green, and Longmans, 1853-1856.

SAINSBURY, G.E.B., A History of English Criticism,
Edinburgh/London, William Blackwood & Sons
Ltd., 1962.

SIM, John, The Poetical Works of William Julius Mickle,
London, Printed by J.Barfield, 1806.

SMITH, Adam, An Inquiry into the Nature and Causes of the
Wealth of Nations, vol. III, Basil, Printed by
James Decker, 1801.

SMITH, Logan Pearsall, " Four Words: Romantic,
Originality, Creative, Genius ", in Tracts, vol.
II, Oxford, Clarendon Press, 1924.

SULLIVAN, Alvin (ed.), British Literary Magazines (The

- Augustan Age and the Age of Johnson, 1698-1788), Connecticut/London, Greenwood Press, 1983.
- SUTHERLAND, Lucy S., The East India Company in Eighteenth-Century Politics, Oxford, Clarendon Press, 1952.
- SWEDENBERG, Hugh Thomas, The Theory of the Epic in England, 1650-1800, New York, Russel & Russel, 1972.
- TAYLOR, Sister Mary Eustace, William Julius Mickle (1734-1788). A Critical Study, Washington, Printed by Times and News Publishing Co. Gettysburg, PA., 1937.
- TIEGHAM, Paul van, Le Mouvement Romantique, Paris, Librairie Vuibert, 1923.
- TILLYARD, E.M.W., The English Epic and its Background, New York, Oxford University Press, 1966.
- TREVELYAN, G.M., English Social History, London, Longmans, Green and Co., 1944.
- VITERBO, Sousa (publ. e pref.), Uma Carta de William Julius Mickle, Offerta da sua Traducção dos "Lusiadas" ao Marquez de Pombal, Porto, Typographia de José da Silva Mendonça, 1893.
- WALTER, Félix, La Littérature Portugaise en Angleterre à L'Époque Romantique, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927.
- WEST, Sidney George, "A Projecção de ' Os Lusíadas ' através das Traducções Inglesas, in Bracara Augusta,

vol. XXV-XXVI, fascs. 59-62 (71-74), anos de 1971-1972, Braga, 1973, pp.5-27.

_____, " Camoens in the Periodical Literature of the British Isles 1771-1790 ", in Actas da I Reunião Internacional de Camonistas , Lisboa, Edição da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de " Os Lusíadas", 1973, p.1-12

_____, " The Visit to Portugal in 1779-1780 of William Julius Mickle, Translator of Os Lusíadas ", in Garcia de Orta, número especial comemorativo do IV Centenário da Publicação de " Os Lusíadas ", Lisboa, 1972, pp.595-607.

_____, " The Work of W.J.Mickle, the First Anglo-Portuguese Scholar ", in The Review of English Studies, vol.X, nº 40, London, 1934, pp.385-400.

_____, " W.J.Mickle's Translation of ' Os Lusíadas' ", in Révue de Littérature Comparée, Extrait du numéro spécial 69, Paris, Janvier-Mars, 1938, pp.184-195.

WILSON, Revel K., The Literary Travelogue, The Hague, Martinus Nijhoff, 1973.

2.1. ARTIGOS em REVISTAS INGLESAS SETECENTISTAS e OITOCENTISTAS

" The First Book of the Lusiad, Published as a Specimen of a Translation of that Celebrated Epic Poem. By William Julius Mickle, Author of the Concubine, & c. ", in The Critical Review, vol.XXXII, August, 1771, pp.106-109.

" The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem.

Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle. ", in The Critical Review, vol.XLI, January, 1776, pp.15-26.

" The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle. The Second Edition. ", in The Critical Review, vol.XLVI, July, 1778, pp.62-64.

" Almada Hill: an Epistle from Lisbon. By William Julius Mickle.", in The Critical Review, vol.LIII, January, 1782, pp.13-17.

" The Lusiad, or the Discovery of India; an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis De Camoens. By William Julius Mickle. ", in The Edinburgh Magazine, vol.V, May, 1776, pp.201-208.

" An Account of the Life and Writings of William Julius Mickle. " By Isaac Reed., in The European and London Review, vol.XVI, September, November, 1789,pp.155-157, 317-321.

" Proposals for Printing by Subscription, a Translation of the Lusiad of Camoens, from the Portuguese into English Verse, by the Author of the Concubine, (...).", in The Gentleman's Magazine, vol. XLI, March, 1771, p.134.

" The First Book of the Lusiad of Camoens, Translated from the Original Portuguese, by William Julius Mickle. ", in The Gentleman's Magazine, vol.XLI, July, 1771, pp.323-325.

" The Lusiad, or Discovery of India, an Epic Poem, Translated from the Original Portuguese of Lewis de Camoens, by William Julius Mickle. ", in The Gentleman's Magazine, vol.XLVI, August, 1776, pp.367-369.

" Mr. Mickle's Account of Crusades ", in The Gentleman's Magazine, vol.XLVII, November, 1777, pp.532-534.

" The Lusiad; or Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Portuguese. By W.J.Mickle. The 2d Edition. ", in The Gentleman's Magazine, vol.XLVIII, September, 1778, pp.427-428.

" Almada Hill: an Epistle from Lisbon. By William Julius Mickle. ", in The Gentleman's Magazine, vol.LII, March, 1782, pp.126-127.

" Remarks on the Subjects of Epic Poems ". By E.P. of Melksham. , in The Gentleman's Magazine, vol.LXXXIX, July, August, 1819, pp.33-36, 124-127.

" The Lusiad, or Discovery of India, an Epic Poem, Translated from the Original Portuguese of De Camoens, with Notes, & c. by William Julius Mickle. ", in The London Magazine, vol.XLV, April, 1776, pp.210-211.

" On the Poetry of Spain and Portugal". By T.Y. (R. Southey) , in The Monthly Magazine, vol.II, July, 1796, pp.451-453.

" Observations on Mr. Mickle's Lusiad, with the Portuguese Criticism on that Translation ". By T.Y. (R.Southey), in The Monthly Magazine, vol.II, November, 1796, pp.787-789; vol.IV, August, 1797, pp.98-100.

" Voltaire in the Shades; or Dialogues on the Deistical Controversy. ", in The Monthly Review, vol.XLIV, January, 1771, pp.27-33.

" The First Book of the Lusiad, published as a Specimen of a Translation of that Celebrated Epic Poem. By William

Julius Mickle, Author of the Concubine, & c. ", in The Monthly Review, vol. XLV, September, 1771, pp.182-188.

" The Lusiad; or, the Discovery of India: an Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle. ", in The Monthly Review, vol.LIV, April, May, July, 1776, pp. 249-260, 369-383, 5-16.

" Mickle's Translation of the Lusiad of Camoens.Second Edition.", in The Monthly Review, vol.LIX, October, 1778, p.311.

" A Candid Examination of the Reason for Depriving the East India Company of its Charter , contained in the History and Management of the East-India Company, from its Commencement to the Present Time. Together with Strictures on Some of the Self-Contradictions and Historical Errors of Dr. Adam Smith, in His Reasons for the Abolition of the Said Company. ", in The Monthly Review, vol.LXI, September, 1779, p.232.

" Almada Hill: an Epistle from Lisbon.By William Julius Mickle.", in The Monthly Review, vol.LXVI, May, 1782, pp.339-344.

" Les Amours Epiques, & c.; i.e. Epic Loves, a Poem in Six Cantos, containing a Translation of the Episodes on Love which Have Been Composed by the Best Epic Poets: by F.A.Parceval Grandmaison. ", in The Monthly Review, N.S. LVII, 1808, pp.499-514.

" Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens. By John Adamson, F.S.A. ". By R.Southey , in The Quarterly Review, vol.XXVII, April, 1822, pp.1-39.

" The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem.

Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle. ", in The Scots Magazine, vol.XXXVIII, January, 1776, pp.42-43.

" William Julius Mickle ", in The Universal Magazine, vol.LXXXV, December, 1789, pp.319-321.

4. OBRAS SOBRE CAMÕES E A SUA EPOPEIA

ADAMSON, John, Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens, vol.II, London, Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1820.

AQUINO, Tomás José de (ed.), Obras de Luis de Camões, Príncipe dos Poetas de Hespanha, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo, 1782-1783.

BARRETO, João Franco, Micrologia Camoniana. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

BOWRA, C.M., From Virgil to Milton, London, Macmillan & Co., LTD., 1945.

Camões à la Renaissance, Paris/ Bruxelles, Presses Universitaires de France/ Presses Universitaires de Bruxelles, 1982.

Camões e a Identidade Nacional, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

CIDADE, Hernâni, Luís de Camões. O Épico, Lisboa, Editorial Presença, 1985.

CLARK, John, History of the Epic Poetry, London, Oliver and Boyd, 1900.

- FREITAS, William, Camoens and his Epic, a Historic, Geographic and Cultural Survey, California, Institute of Hispanic American and Luso-Brazilian Studies, 1963.
- GREENE, Thomas, The Descent from Heaven, a Study in Epic Continuity, New Haven/ London, Yale University Press, 1963.
- JUROMENHA, Visconde de (João António de Lemos Pereira de Lacerda) (ed.), Obras de Luiz de Camões, Precedidas de um Ensaio Biographico no Qual se Relatam Alguns Factos Não Conhecidos da Sua Vida, Augmentadas com Algumas Composições Ineditas do Poeta, vol.I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860.
- LOURENÇO, Eduardo, Poesia e Metafísica. Camões, Antero, Pessoa, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983.
- MATEUS, Morgado de (D. José Maria de Souza-Botelho) (ed.), Os Lusíadas, Poema Épico de Luis de Camões, Paris, Na Officina Typografica de Firmin Didot, 1817.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de, O Canto na Poesia Épica e Lírica de Camões, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1981.
- PIERCE, Frank, Luis de Camões. Os Lusíadas, Oxford, Clarendon Press, 1973.
- SARAIVA, António José, Luis de Camões, Lisboa, Livraria Bertrand, 1980.
- SCHMITT, Jack, " Melville e Camões ", in Revista Ocidente, número especial, Lisboa, Nov. 1972, pp.151-161.
- SENA, Jorge de , A Estrutura de Os Lusíadas e Outros

Estudos Camonianos e de Poesia Peninsular do Século XVI, Lisboa, Edições 70, 1980.

SIMS, James H., " Echoes of Camoens' Lusiads in Milton's Paradise Lost ", in Revista Camoniana, n.º 3, São Paulo, 1971, pp. 338-356.

STRANGFORD, Lord Viscount (Percy Clinton Sidney Smythe), Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with Remarks on His Life and Writings, London, Printed for J.Carpenter , 1803.

VERNEY, Luís António, Verdadeiro Método de Estudar, vol.II, Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1950.

VOLTAIRE (François Marie Arouet), An Essay upon the Civil Wars of France, Extracted from Curious Manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European Nations from Homer down to Milton, London, Samuel Jallason, 1727.

5. TRADUÇÕES DE OS LUSIADAS EM INGLÊS (integrais e parciais)

ATKINSON, William C., The Lusiads, Harmondsworth/Middlesex, Penguin Books Ltd., 1952.

AUBERTIN, J.J., The Lusiads of Camoens, vols.2, London, C. Kegan Paul & Co., 1878.

BACON, Leonard, The Lusiads of Luiz de Camões, New York, The Hispanic Society of America, 1950.

BURTON, Sir Richard Francis, Os Lusiadas (The Lusiads), London, Bernard Quaritch, 1880.

- DUFF, Robert Ffrench, Lusiad of Camoens, Lisbon, Mr. Matthew Lewtas, 1880.
- FANSHAWE, Richard, The Lusiad, or, Portugals Historicall Poem: Written in the Portingall Language by Luis de Camoens, London, Printed for Humphrey Moseley, 1655.
Edição recente: The Lusiads, in Sir Richard Fanshawe's Translation, Edited and with an introduction by Geoffrey Bullough, Carbondale / Illinois, Southern Illinois University Press, 1963.
- HARRIS, Richard ("Amalia"), "The Lusiad (Os Lusíadas) ", in Florilégio Camoneano, Porto, n.º 66 da tiragem geral e 21 da tiragem especial, Livraria Camões, 1887, pp.11-21 e 31-49.
- HEWITT, James E., O Primeiro Canto dos Lusíadas em Inglês, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.
_____, The Second Canto of The Lusiad, Translated into English Verse. Accompanied by the Portuguese Text., Rio de Janeiro, Camoens Printing Office-Fonseca Brother & Sousa Lima, 1883.
- MITCHELL, Sir T. Livingston, The Lusiad of Luis de Camoens, London, T. & W. Boone, 1854.
- MUSGRAVE, Thomas Moore, The Lusiad, an Epic Poem, by Luis de Camoens, London, John Murray, 1826.
- QUILLINAN, Edward, The Lusiad of Luis de Camoens. Books I To V., London, Edward Moxon, 1853.
- TAIT, M.C. ("Lusitanicus"), The Wherewolf and Other Poems and Translations, London, 1932.

6. OBRAS DE CARACTER ENCICLOPÉDICO

- ALLIBONE, S.Austin, A Critical Dictionary of English Literature and British and American Authors Living and Deceased from the Earliest Accounts to the Latter Half of the Nineteenth Century, vol.II, London, Trübner & Co., Philadelphia, J.B. Lippincott, 1870.
- ANDERSON, William, The Scottish Nation; or the Surnames, Families, Literature, Honours and Biographical History of the People of Scotland, vol.III, Edinburgh/London, A.Fullarton & Co., 1863.
- BRANCO, Manuel Bernardes, Portugal e os Estrangeiros, vols. II e III, Lisboa, Livraria de A.M.Pereira - Editor, 1879.
- CHAMBERS, Robert (ed.), A Biographical Dictionary of Eminent Scotsmen, Revised and Continued by Rev. Thomas Thomson, vol.II, London, Blackie and Son, Pater Noster Buildings, 1875.
- DRABBLE, Margaret (ed.), The Oxford Companion to English Literature, Oxford, Oxford University Press, 1985.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, Dicionario Bibliographico Portuguez, vol.XIV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1886.

7. VARIA

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de, Teoria da Literatura, vol.I, Coimbra, Livraria Almedina, 1984.

- ALARCÃO e SILVA, Miguel N., Edward Quillinan e Portugal,
Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-
-Portugueses, Lisboa, Universidade Nova
de Lisboa-F.C.S.H., 1986.
- BARETTI, Giuseppe, A Dissertation upon the Italian Poetry,
in which Are Interpers'd Some Remarks on Mr.
Voltaire's Essay on the Epic Poets, London, R.
Dodsley, 1753.
- BARTHES, Roland, Essais Critiques, Paris, Editions du
Seuil, 1964.
- BOWLES, William Lisle, The Spirit of Discovery; or, the
Conquest of the Ocean. A Poem, in Five Books,
London, Printed by R.Crutwell, 1804.
- BRUNEL, P. et. al., Qu'est-ce que la Littérature Comparée?,
Paris, Armand Colin, 1983.
- CUMBERLAND, Richard, Memoirs , London, Lackington, Allen &
Co., 1806.
- ESTORNINHO, Carlos, " O Terramoto de 1755 e a Sua
Repercussão nas Relações Luso-Britânicas ", in
Revista da Faculdade de Letras, vol.XXII, 2
série, n° 1, Lisboa, 1956.
- HORÁCIO, Arte Poética, Lisboa, Edição bilingue, Editorial
Inquérito Lda., 1984.
- KENDRICK, T.D., The Lisbon Earthquake, London, Methuen &
Co. LTD., 1956.
- LEAL, M.Zulmira Macedo, Para o Retrato de Robert Southey -
- A Visão de Portugal, Dissertação de Mestrado em

Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa - F.C.S.H., 1986.

LONGINO, Dionísio, Tratado do Sublime, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

MARVELL, Andrew, The Last Instructions to a Painter , in The Complete Poems, Harmondsworth/Middlesex, Edited by Elizabeth Story Donno, Penguin Books LTD. , 1978, pp.157-183.

MURPHY, James Cavanah, Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the Years 1789 and 1790. Consisting of Observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, & c. of that Kingdom, London, Printed for A.Strahan, and T.Cadell Jun. and W. Davies, 1795.

NOZES, Judite (ed.), The Lisbon Earthquake of 1755. Some British Eye-Witness Accounts, Lisbon, The British Historical Society of Portugal, 1987.

POPE, Alexander, An Essay on Man , in Poetical Works, Oxford/London/New York, Oxford University Press, 1978.

STEWART, Mrs. T.F. , The Mascarenhas; a Legend of the Portuguese in India, vols. 3, London, Smith, Elder and Co., 1836.

THOMSON, James, Liberty , in The Poetical Works of James Thomson, vol.II, Edinburgh, The Apollo Press, 1780.

WEST, S.George, The Discovery of a hitherto completely

Unknown English Translation of " The Lusiad " Done
by a "Wherewolf", Ponta Delgada, Universidade dos
Açores, 1984.



ÍNDICE

	Pág.
- AGRADECIMENTO	2
I - INTRODUÇÃO	3
NOTAS	13
II - REGISTOS BIOGRÁFICOS DE WILLIAM JULIUS MICKLE	17
NOTAS	30
III - UMA ABORDAGEM DO PERCURSO HISTÓRICO DA TRADUÇÃO ...	34
NOTAS	71
IV - <u>THE LUSIAD</u> e <u>ALMADA HILL</u> : uma leitura englobante ..	77
Notas	243
V - CONCLUSÃO	269
Notas	281
VI - BIBLIOGRAFIA	287